FON FON
ANNO XXVI — N.º 23
Rio, 4 de Junho de 1932
PREÇO: 1$000

O peor inimigo...

PRONTO para gozar alegres momentos em agradavel companhia, surge o peor inimigo da alegria, — a dôr, em qualquer de suas formas: **enxaqueca, dôr de cabeça, nevralgia, dôr de dentes, dôr de ouvidos, reumatismo, resfriados,** etc.

Que fazer então? É muito simples: tomar uma dose de

Cafiaspirina

o remedio de confiança

que alivia as dôres com incrivel rapidez, sem prejudicar o organismo.

**SE É BAYER
É BOM**

O conto brasileiro

REVANCHE

De GILBERTO VEIGA

ANNIBAL DE ARAUJO viéra da provincia "cavar" a vida no Rio de Janeiro. A sua bagagem, como de todo rapaz de fóra que apórta á grande metropole, era pequena em roupas e experiencia, mas, enorme de idealismo. Trazia sonhos e mais sonhos, idéas de grandeza, de glorias, um nunca acabar de felicidades e aventuras mais ou menos galantes. O Rio sempre fôra o seu grande, immenso idéal de moço. Que monotonia a sua terra! Sempre as mesmas physionomias, os mesmos hábitos, os mesmos "mexericos", os mesmos desejos! Até a natureza era monotona: sempre a mesma paizagem, o mesmo sol vermelho, o mesmo murmurio dos rios, o mesmo cantar de passaros. Nem uma variante na adustez da sua gleba! Nem um som fóra do commum, nem uma mulher estranha, nem um buzinar de carro que recordasse um mundo differente! E elle, moço, cheio de idealismo, emigrou. O aspecto do Rio empolgou-o de tal modo, que por pouco não ficou sob as rodas de um "chopp duplo" ou mesmo de um carrinho de mão. Não durou, muito, porém, o sonho do moço provinciano.

Viéra, o nosso Annibal, munido de optimas cartas de recommendações para o commercio, esplendidos "pistolões" para a politica. Como era senhor de alguns mil reis, guardou as cartas e dispoz-se a conhecer os recantos maravilhosos da cidade fascinante e, quando pouco mais lhe restava com que passar alguns dias na "vaga" que lhe arranjára um coestaduano, numa "arapuca" que se intitulava "casa de commodos,, á rua dos Arcos, tomou a seria deliberação de visitar os "amigos" de seu pae, velho politico do interior, e de conhecer o "valor" do commerciozinho de sua terra natal. E foi distribuindo, a torto e a direito, as missivas repletas de elogios á sua moral, á sua intelligencia, á sua conducta. Em cada escriptorio commercial ou "bureau" publico a que chegava, era optimamente recebido, mas ouvia, sempre, invariavelmente, a mesma resposta, o mesmo estribilho: "Não temos vagas", ou, "a nossa situação economica não nos permitte, no momento, novo auxiliar", ou ainda, "a nossa politica atravessa uma phase tão aguda, tão seria, tão critica, que, não só não lhe podemos collocar, como nada lhe podemos prometter". Em seguida, cada qual lhe fazia as melhores promessas, como si elle pudesse viver dellas e de "brisa": "que não desanimasse; que esperasse melhores dias; que emquanto houvesse um homem sobre a terra, haveria commercio e collocações", etc., etc. O nosso herói, pouco affeito aos embates rudes da vida, num meio estranho e egoista, começou a sentir-se fraco, sem animo para a luta. As allegações das pessôas ás quaes fôra apadrinhado, tornaram-se-lhe ainda mais monotonas e assustadoras que a pacata monotonia do sol, dos rios, dos homens, dos passaros do torrão do seu berço. Começava a inquietar-se. O dinheiro evaporára-se como por encanto. Era preciso trabalhar e quanto antes. Mas, em que? Annibal fiára-se nas recommendações e estas falharam. Não era homem habituado ás coisas grosseiras, a trabalhos manuaes e pesados. Fôra creado como uma donzella, entre o affecto puro dos paes e das irmãs, sem a minima preoccupação do dia de amanhã, esse amanhã incerto e vario como os ventos e temivel como uma borrasca em alto mar, tornando-se, assim, um homem incapaz de affrontar o perigo, de affrontar a vida cara a cara, sem temêl-a, sem receio.

Annibal de Araujo era, porém, um másculo rapaz. Seus vinte e quatro annos vividos na quietude de uma fazenda, sob um céo sempre azul e campos cheios de florinhas sylvestres, fizeram delle um robusto e bello moço. Sua physionomia tinha um quê de candidez, de ingenuidade. Suas faces eram rosadas, seu olhar de "pomba mansa", seu sorriso franco e jovial, qualidades estas que o tornavam bonito, attrahente... Ficava-lhe a calhar um bigodinho negro, mais insolente, que fizéra um "figaro" na avenida Rio Branco. Mas isso não bastava. Os predicados physicos que a natureza lhe déra não suppriam a falta de dinheiro que, dia a dia, mais o asphyxiava. A dona da pensão, uma mulher gorda e faladôra como uma lavadeira, não tinha papas na lingua, nem médo de pôr no olho da rua, sem maiores explicações, o intruso que lhe não pagasse a cama e o "paparuto".

Certa manhã, ao café, Annibal viu, pregada á parêde, uma folhinha annual, onde o vento balançava displicentemente o numero 15. Meio mez! Era quando d. Chiquinha, — a dona da casa chamava-se Chiquinha, como quasi todas as donas de pensão, — costumava receber os "cobres" de seus pensionistas. O pobre rapaz sentiu um calafrio percorrer-lhe todo o corpo. O pão que seus dentes trituravam começou a girar de lá para cá e de cá para lá, a percorrer todos os cantos da bôcca sem acertar com a garganta. Seus olhos se encheram de lagrimas e seu semblante se annuviou de grande tristeza. 15! Nunca o 13 celebre da ceia de Christo lhe fôra tão amargo como aquelles algarismos pretos sobresahindo na parêde branca.

Leão, — era esse o nome do "patricio" de Annibal, — ao seu lado, notára o constrangimento do amigo. E, com a mão espalmada, uma mão grande de toureiro, deu-lhe um safanão nas espaduas, chamando-o á realidade, isto é, a deglutir o café e o pão teimosos. Em seguida, os dois, na rua, caminhavam lado a lado. Um, para o jornal onde trabalhava; outro, sem destino, sem rumo certo. Conversavam. Uma conversação animada, onde havia desde a puerilidade até a semsaboria do médo num joven de 24 annos.

— Por que estás ahi aparvalhado, com cara de quem vae assistir a missa de setimo dia?

— Ainda m'o perguntas! Não tenho um nickel, estamos no meiado do mez e d. Chiquinha não é para brincadeiras! Calou-me fundo aquelle pobre diabo que ella póz ao fresco pela falta de pagamento, depois de o injuriar ao seu bello prazer.

— Tens um anel que vale bom dinheiro. Vaes ao "prego", com elle levantas o dinheiro da pensão e está salva a patria...

— "Prego". Que é "prego"?

E o outro, numa gargalhada:

— És uma perfeita creança grande! Tens muito ainda que aprender. "Prego" é, sem mais nem menos, o penhôr.

— Ah! Mas, este anel é uma recordação sagrada, um presente de minha mãe, e eu prefiro passar fome a desfazer-me delle.

— Mas, ingenuo, quem está falando em desfazer-te da tua prenda? Tomas o dinheiro emprestado pagando juros. Em seguida, liquidarás tuas contas com a gorda d. Chiquinha, que é bem peor que qualquer penhôr deste mundo e do

(Continúa na pag. seguinte)

REVANCHE

(Continuação)

outro. Quando os ventos te forem favoraveis, levantarás a joia. Emquanto o pão vae e vem, folgas as costas.

— Ah!

— Depois, mandarás confeccionar um terno na moda, comprarás sapato, chapéo, emfim, reformarás teu bello corpo de Apollo. Como és ainda muito bisonho, me incumbirei de "fazer" as apresentações". Já que não te quizeram dar trabalho, procurarás viver, como muita gente bôa nesta grande terra, á custa alheia.

— Ah!

— Volta. Vae á rua Pedro I, — aquella rua que tem o theatro da artista de "olhos scismarentos", como disseste, — levanta os cobres e faze o que te recommendei. Tenho a certeza de que não te arrependerás. Até logo.

— Até logo.

* * *

O Trianon regorgitava. Procopio levava á scena uma das suas peças encantadoras. O Rio elegante, o Rio que se diverte, o Rio essencialmente feminino estava representado pelas bôccas pintadas de senhoras da alta róda. O salão era uma deliciosa "pannaché" de extractos esquisitos.

Uma frisa occupada por dois moços bem vestidos chamava a attenção das damas. Defronte, uma mulher luxuosamente trajada, pescoço occulto por uma raposa da Siberia, grandes "bichas" a luzir nas orelhas pequenas, olhava, de quando em quando, através do "lorgnon" de ouro lavrado, os dois rapazes distinctos. Acompanhava essa dama do "grand monde", que teria, a julgar pela apparencia, de 18 a 19 annos, um cavalheiro de finas maneiras, gestos medidos, aristocraticos, já grisalho e com o abdomen já bem volumoso. Era o marido, o homem convencional, o creado grave, o mordomo encasacado.

Leão e Annibal, — pois não eram outros os "grandes vultos" da frisa, — conversavam baixinho. Subito, tres pancadas no palco e o panno foi subindo devagarinho por ali acima. Scena vazia. Silencio. Silencio sepulchral. Silencio religioso de platéa civilizada. Surge Procopio com a sua bonhomia, a sua naturalidade e a platéa, pouco antes muda como um rochedo, o recebe com uma estrepitosa gargalhada, uma delirante ovação.

Annibal, olhos pregados no "Homem da cadeirinha", — era a peça representada, — nada via em torno de si, absôrto na contemplação das scenas engroladas, quando sentiu uma fórte cotovelada á altura dos rins.

— Oh, idiota, deixa lá a encrenca da comedia e repara naquella mulher que não se cansa de observar-te através dos vidros daquella jerigonça!

O "idiota" olhou na direcção indicada e deu, cara á cara, com a mulher "pelluda". (Pelluda aqui quer dizer occulta em pelles). Uma onda de sangue tingiu-lhe as faces pudicas. Seus olhos turvaram-se, e elle ficou frio, meio pateta, meio idiotizado. Leão, porém, não dormia. E, quasi imperceptivelmente, ia soprando ao ouvido do amigo um "sorri", um "pisca o olho". Encurtando razões, o facto é que, dahi a pouco, entre a dama chic e o "acanhado" Annibal, se estabelecia um namoro franco, escandaloso. O marido nada via além da representação. Findo o espectaculo, o casal tomou um magnifico "Rolls Royce" que o esperava á sahida, e os dois amigos acompanharam, de taxi, o carro celére, de linhas impeccaveis.

* * *

Não vêm ao caso os detalhes. O certo é que Annibal de Arau-

A criminosa

— Carolina deu profundo golpe no pescoço...

— Suicidou-se?

— Não; matou. Deu profundo golpe no pescoço.

— Já disse. Levou o crime ao conhecimento da policia?

— Não foi preciso.

— Por que?

— Ella indemnizou; pagou sete mil reis...

— Sete mil reis! Então, mata uma criatura com profundo golpe no pescoço e por uma quan-

MINHA TERRA

Minha terra tem palmeiras,
que dão côcos babassú;
tem mangueiras, tem jaqueiras,
tem cacáu, tem seringueiras,
e no mar — tem sururú...

Tem café, tem cumarú,
tem tabaco, tem taniça,
tem minereos, tem cortiça,
tem castanhas, tem cajú,
— mas o homem tem preguiça!

Esse Brasil, em cujo mappa eu vejo
a fórma estranha de um presunto enorme,
é a patria amena onde o caboclo dorme
alheio á pulga, á cobra, ao percevejo.

lo, o ingenuo, o pudico rapaz nascido no seio da natureza adusta, se sahira melhor que a encommenda e se mudára, com armas e bagagens, da rua dos Arcos para o Flamengo e habitava, não se sabe donde lhe vinha o dinheiro, um magnifico appartamento, num "arranha-céo" ultra moderno. Possuia uma "barata" de corrida e era visto em todas as recepções da alta sociedade, em todos os centros do mundanismo carioca. (Aqui começa a maior tragedia do Annibal). Depois que elle se viu, de um momento para outro, naquellas alturas, sem quasi ter "feito força" para isso, esqueceu-se por completo do seu amigo e confidente Leão e, muitas vezes, após divisál-o através dos crystaes da porta de seus aposentos, dizia ao creado para avisar a "visita" que elle havia sahido. A principio, Leão não se incommodou. Mas, com a continuação, achou um desaforo muito grande. "Pois elle que o lançára áquella vida de triba á fôrra não merecia, ao menos ser recebido!" E jurou, no intimo dalma, uma vingança. Passou a sequestrar, ora na rua, ora pelo telephone, ora no theatro, a amante de Annibal. Esta, a principio, o recusára. Mas a perseverança, a linguagem fluente, o receio da descoberta de seus crimes com o "outro", tudo isso contribuiu para que Amelita, — era esse o nome da dama rica e dadivosa, — acceitasse a côrte de Leão. O segundo amante, porém, della não recebia um alfinete. Não porque ella não lhos quizesse dar, e, sim, porque elle era "superior" a essas ninharias e o seu "amor", — como dizia elle, — estava muito além do interesse. Excusado é dizer que Annibal ignorava, talqualmente o marido capitalista da moça, as ligações desta com o seu ex-amigo.

* * *

Seis mezes após esses acontecimentos, o marido de Amelita expirava, victima de uma pneumonia.

* * *

Cinco mezes após a morte do capitalista, a igreja da Candelaria apresentava um aspecto imponentissimo. E Amelita, esbelta, num maravilhoso vestido lilaz, era levada ao altar de Deus por um rapaz espadaúdo, mettido dentro de um "frac" bem talhado e face illuminada de ventura.

Será o leitor capaz de advinhar quem era esse moço?

Não lhe dê cuidado. Eu lh'o digo: era Leão!

* * *

Finda a cerimonia, o casal, entre flores e musica, deixava a igreja resplandecente de galas. Por detraz de uma columna de marmore, Annibal, o nosso grande Annibal, espiava, medrôso e triste, o par radiante.

* * *

Algum tempo depois, á pensão de d. Chiquinha chegava uma carta com este endereço: Annibal de Araujo. O joven, que continuava sem emprego, passando sérias aperturas e comendo o pão primitivo, isto é, o pão amargo da pensão da rua dos Arcos, abriu a carta e leu o que se segue:

"Offereço-lhe sociedade em uma das minhas innumeras emprezas. Si a acceitar, venha ao meu escriptorio, amanhã, ás tres horas. "Amelita" manda-lhe recommendações. Manda-lhe dizer, igualmente, que, acceitando o offerecimento que lhe faço, não pense, nem em sonhos, em outra qualquer "sociedade". Ella vive muito feliz. — Leão".

* * *

E' claro que Annibal não acceitou a vantajosa offerta. Preferiu ficar sem emprego e comendo o pão que o diabo amassou, na pensão da gorda e faladôra d. Chiquinha, que, ao que parece, perdêra metade da sua energia, pois havia longos mezes não recebia um real do nosso grande Annibal.

---

tia tão insignificante fica o crime impune?!

— Que criatura?! A mulher não matou pessôa alguma. Deu profundo golpe no pescoço...

— Já sei. A quem foi então que ella matou?

— Deu profundo golpe no pescoço do vizinho...

— Do vizinho?

— Não; da gallinha.

— Da gallinha? Ande, desembuche e explique-se. Estou farto de saber que deu profundo golpe num pescoço. A quem foi que ella matou?

— A gallinha que furtou ao vizinho...

LEOPOLDO D. AMARAL

O "brasilismo", esse ideal informe,
canta-lhe a fama de paiz badejo;
e do sertão aos pantanaes do bréjo,
espera o jéca que o seu pão se fórme.

E no sólo feraz, nas densas mattas,
nos seus rios e montes, nas cascatas,
jaz a riqueza á espera do trabalho...

Mas da graça de Deus vive o Colosso:
pois o homem nem sequer planta o caroço
desses frutos que a mão tira ao galho!

New York, 1931.

ARTHUR COELHO

CASAMENTO DE AMOR

(NÃO se fiem no titulo. Não é uma historia alegre, fiquem avisados...)

...As testemunhas atraz d'elles, e foi tudo; um discurso do ajudante de pretor vomitado como por um phonographo na ultima velocidade; uma missa escondida n'um canto de igreja: é um casamento de amôr. Nada de paes: os de Mauricio não quizeram vir, e os de Lucie, nunca ella os conheceu. Ella está de branco assim mesmo, com um véo, porque não ha razão para que não se esteja de branco quando se casa moça e ajuizada — e é um pouco mais triste, diz Mauricio, um tanto fórte:

— Não ligues. E' para nós que nos casamos, hein? Não é para os outros!

Elle tem, talvez, o coração um pouco apertado, como sempre que damos uma cabeçada, mas está feliz. Elle se casa com a mulher com quem queria casar. E não se resume tudo n'isso?

Estão agora no trem, o trem que os deve levar em viagem de nupcias.

Elles estão em terceira, n'um compartimento quasi completo. Não vão ricos: Mauricio soffria necessidades e Lucie nunca teve vintem. Mas elles sorriem, estão de mãos dadas e Lucie dorme, com a cabeça reclinada sobre o hombro de Mauricio.

A elle, ainda não lhe havia chegado o somno.

Pensa no mez que acabava de passar. Que scenas, meu Deus! Todo mundo se metteu em casa d'elle. O pae, a mãe, a tia, o irmão mais velho. Elle estava louco!

Casamento semelhante!

Uma operaria! Uma menina que não tinha onde cahir morta! Creada por caridade! Que elle se casasse, muito bem. Estava em idade de formar familia. E já se havia pensado em casál-o. Já se haviam passado, mesmo, certas conversas, sobre o assumpto, entre as duas mães. Elle podia, quando quizesse, casar com Geneviève Tonyvasseur, interessante rapariga muito bem apparentada e que lhe traria magnifico dote. Que? Teria elle alguma coisa a alegar contra Geneviève? Não? Então?

— Si o petiz teimar em não querer dormir, subirei para lhe cantar qualquer coisa.
— Eu já o ameacei disso, madame...

Elle respondia somente: "Sim, sim mas Lucie é tão bonita!...:" Por fim, já não respondia nem isso: tirava do bolso uma photographia de Lucie, e encarregava-a de responder por elle. Quando o pae falava "dinheiro, futuro", elle mostrava-lhe a photographia, sorrindo; quando a mãe falava "familia, relações", elle mostrava-lhe a photo. Ella era tão bonita que elles não ousavam siquer contestar-lhe a belleza. Aquelle alvo semblante, resplandecente! Aquelle narizinho malicioso, que parecia zombar do céo! Aquella bocca deliciosa, pequena, redonda, um tanto saliente, como que admirada!... Ah! Sim, ella lhes respondia tão bem, a photographia, que acabaram por se zangarem.

Finalmente, o pae gritava:

—Tu aborreces-nos, meu amigo, com a tua photographia! Estamos fartos de vêl-a! E dispensamos vêr o original. Tu és um homem, estás no direito de fazer todas as asneiras que quizeres. Mas si fazes a vida á tua feição, meu amigo, aguenta-te sózinho, não contes mais comnosco, previno-te.

Elle avançára apenas um passo para a porta.

Seu irmão exclamou: "Não faças isso, idiota!"

Elle mostrou-lhes pela ultima vez o photo, de longe. E depois sahiu.

...Agora ella dorme sobre elle. A cabeça rolou-lhe pelo peito, no mesmo logar onde elle punha o photo antigamente. A viagem de nupcias havia começado...

O amor começaria no dia seguinte. Elle dorme por sua vez, continuando a sonhar...

...E, de repente, um desastre... Wagons virados, ferros torcidos, madeiras quebradas... e corpos que se contorcem... Mauricio, meio

De André Birabeau

suffocado, tem apenas um hombro deslocado, mas o rosto de Lucie desapparece n'uma poça de sangue... Quando ella sahiu do hospital, o nariz estava quebrado, os labios encolhidos, costurados, punham a descoberto os dentes...

Quando elle a vê... Quando ella se vê...

Elles não se amavam ainda verdadeiramente; não havia ainda, entre elles, nem palavras nem gestos de amor; não tinham tido mesmo tempo de se habituar ao tratamento intimo; não eram até alli senão dois estranhos que se haviam sorrido... Então, ella não sabe si quer chamal-o "meu querido"; elle não sabe qual o carinho que a póde consolar. Ella diz:

— Oh! Mauricio, é horrivel!... E' horrivel!

Elle responde:

— Acalma-te, acalma-te...

Não tinham ainda nada previsto seriamente para a vida em commum. Eram jovens, agradavam um ao outro, iam começar um amor! Não pensaram em nada além da viagem de nupcias. Quando voltassem, arranjariam um cantinho e se desembaraçariam!... Deram um mez para a viagem. E foi um mez justo que ella ficou no hospital...

Ella disse, uma noite:

— Mauricio, é amanhã que devem assignar a minha alta...

A voz treme lhe. E ella esperou, para falar, o momento em que o dia cahe e em que as lampadas ainda não estão accesas. Pobre pequena! Ella não sabe que, de olhos fechados, elle verá ainda esse rosto... esse rosto onde o nariz, os labios não são mais que...

Ah!... Elle comprehende o que ella lhe pergunta sem ousar perguntar-lhe: "Que vamos fazer?"

Que pergunta, ora essa! Tinham duas coisas a fazer? No fundo, debaixo da angustia que a opprimia, ella não duvidava. Si elle evitasse apenas, ella explodiria em censuras. E tinha razão. Elle responde então o mais naturalmente possivel, — mas não póde fugir a fechar os olhos:

— Pois bem, minha cara Lucie, vou ver um appartamento... e depois farás uma lista do que preciso comprar...

— Como é isto? Falta uma bola no teu bilhar?
— Ah! Era por isso que eu achava o jogo tão facil!...

Será uma casa de recem-casados que se installam. Haviam falado do assumpto, instantes antes: "Não temos necessidade de muita coisa: um quarto abrigado, flôres n'um canto de janella, e nós dois!" Haviam dito tambem: Será um pouco duro a principio, não fazemos talvez senão uma refeição por dia, mas si não tivermos com que comprar carvão, ficaremos bem juntinhos um do outro..."

"Nós dois!.. Juntinhos um do outro!..."

Mauricio conserva por mais tempo, os olhos fechados... Continúa tentando sorrir:

— E, em seguida, não teremos mais que fazer senão viver... Mais que isso, realmente... Toda a vida. Um dia, será preciso que elle a possúa. Será a noite de nupcias, do casal. Um dia, ella passeiará pelo braço de Mauricio, com um véo espesso. Um dia, talvez, ella não usará mais o véo... E elle não terá o direito de deixal-a nem de enganál-a. Mesmo que ella tivesse outras faltas. A desgraçada! Seria covarde. Seria abominavel. E não havia outra coisa a fazer senão viver... assim...

Ella apoia sobre elle a cabeça.

— Oh! Tens no bolso qualquer coisa que me incommoda a cabeça... uma ponta de cartão...

— E' a tua photographia.

Essa photographia que respondia tão bem a seus paes, ha um mez atraz...

— Ah!... Rasga-a...

— disse ella.

... E' apenas uma historia. Que ella sirva de consolo aos que não fizeram um casamento de amor. E que os que se amam se confortem pensando que — graças a Deus! — não foi a elles que ella succedeu...

JOÃO MATTÃO (Matto Grosso) — Antes de tudo, quero publicar a sua carta, porque ella aprecia o meu romance, com a maior imparcialidade. Esse meu livro está sendo calumniado pelos meus inimigos. Dizem-n'o immoral, quando elle é apenas verdadeiro. Então mostrar Venus, como nasceu das ondas, é uma immoralidade? Não! E' mostral-a de accordo com a verdade dá fabula ou artistica. E' o caso do meu romance.

E' certo que, por ironia e prudencia, eu mesmo o digo improprio para as "jeunes filles" — quando o innegavel é que elle só é improprio para os hypocritas e as pessôas de poucas letras. Isto sim.

Escrevi um livro de pathologia social. Nelle são discutidos varios problemas que interessam e se prendem á sociedade contemporanea.

E' claro que não está ao alcance de qualquer energumeno, nem de pequenas que só lêem programmas de cinema. As que lêem Pitigrilli e Aluizio de Azevedo, atraz da porta do banheiro, podem ler "Uma garçonne carioca" sem receio nem pudor. Meu livro é uma dura lição ás moças inexperientes, mas é uma lição proveitosa. O resto é intriga da opposição.

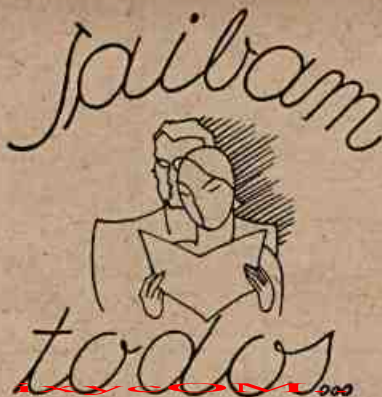
Defendo o meu romance porque em geral a má vontade dos despeitados só se interessa pelos ataques e accusações que me fazem. A defesa, elles não a lêem.

A miseria humana é, realmente, uma coisa que não tem limites.

Eis a sua carta na integra:

"Prezado amigo B. Portela. Meus cumprimentos.

Somente agora me é possivel accusar o recebimento de "Uma garçonne carioca", a meu contento, apresentando minhas escusas pela demora, emquanto que agradeço penhorado.

O seu triumpho foi além da minha espectativa. Tambem não se podia esperar outra cousa de sua penna brilhante. O seu nome já bastante conhecido e venerado em todo Brasil dispensa qualquer elogio. E o melhor elogio que se faz de alguem, é aquelle que fazemos á nós mesmos, que fazemos ao nosso "Eu". E eu estou certo que todos que tiverem lido o seu livro, procederam assim, sinceramente, entoando um hymno de louvor em tua gloria.

Mas eu não poderei deixar de dizer bem alto que o Sr. escreveu um *livro*. Si Wilde o lêsse, diria: "um livro bem escripto". Porque o Sr. soube penetrar no âmago da vida para trazer á sociedade preceitos de moral.

"Uma garçonne carioca" aponta com precisão ás "jeune filles" os perigos a que estão sujeitas, mostrando o outro lado da vida.

Maria Lucia, embora seja uma figura de romance, bem póde servir de exemplo aos paes incautos.

Si no seu livro existem alguns senões, não os sei apontar, porque busquei a essencia, apenas. E esta é excellente.

Em occasião opportuna farei uma apreciação melhor, mais digna, de accordo com as minhas forças. Provavelmente que será pelas columnas d'um jornal da terra ou fóra, si para isso m'a franquearem. (Não poderia mesmo se Fon-Fon?)

Agora, para conclusão, junto a esta uns versos meus!

Quero que o Sr. me diga o que se póde dizer dos meus versos. Penso que um só é bastante para se julgar o seu autor.

Vejo que o Sr. não me poderá dizer cousas boas.

Porém, quem sabe, ainda possa fazer alguma cousa por mim. Espero que sim. Quando muito citar os pontos fracos.

Renovando e antecipando meus agradecimentos, apresento um leal abraço de felicitações pelo sucesso de seu livro, pedindo sua resposta (com referencia aos versos) para o pseudo. — *João Mattão.*"

Quanto ao artigo que o sr. me promette, devo dizer que não o prefiro ler no *Fon-Fon*. Tudo que se publique numa revista de que faço parte, com referencia á minha pessôa, ha de ser considerado suspeito. Noutro jornal, sim; aqui, — não.

Os versos do seu poema "Convite" estão passaveis. Mas, francamente, elles não lhe augmentam a gloria de poeta. Aconselho-o a publicar coisa mais solida, mais forte e onde haja a verdadeira poesia. Sim?

CAMPOS PRADO (S. Paulo) — Ai! ai! O sr. fez mal em elogiar-me tanto, quando pede a minha opinião sobre a sua arte moderna. Que diabo! Estou manietado! Mas, amigos, amigos — negocios á parte.

Vamos pois á sua missiva:

"Sr. Yves. Desde que tive a felicidade de tornar-me leitor do "Fon-Fon", o semanario elegante e moderno deste Rio maravilhoso, venho ensaiando para escrever-lhe.

Hoje, após uma infinidade de contras e prós, o poder de inhibição me disse: "elle não é tão mau". Que audacia! dirá o dono do "Saibam todos" ao passar os olhos sobre esta... não affirmo uma carta, mas, uma aventura desmedida.

Faço uma idéia modernisada do sr: homem forte, intelligente, psicologo profundo, com uma força de vontade sem limites, affeito ás curvas sinuosas do destino, um pouco romantico-seculo XX, um pouco inimigo das "Evas", e bas-

tante bom escritor e poeta. (isso não adivinhei, pois, é realidade.)

São palavras de uma pessoa que conhece o sr. e muito minha amiga.

Yves, (não repare a intimidade) (sou muito franca) os seus escritos, não são escritos... "são pedacinhos do céu" Le-los, é passar um domingo agradavel.

Tudo nessa vida tem o seu motivo, é lei clara da experiencia. O motivo, que me impõe a incomodar-lhe é o seguinte: o que o sr. me dirá sobre os versos futuristas.

Adoro-os, simplesmente, pois, elles estão com o seculo; apressados livres, simples e elegante.

Cassiano Ricardo, Murillo de Araujo, Durval de Moraes, Wilson de Carvalho, Francisco Maia e o Menotti, por que os ultimos são os primeiros, são os meus preferidos.

Detesto certas cousas do nosso seculo, mas, dou a vida pelo futurismo, sou adepto do rei da poesia moderna: Graça Aranha.

Pouco a pouco vou me esquecendo dos sonetos, do parnasianismo, da poesia dos tempos de outrora. "Amoldando á prisão de cada verso o que a alma sonha em liberdade" já se passou, penso; um dia elas sucumbirão.

Perdoe-me, si o estou ofendendo.

Agora um desastre; julgo escrever alguma "loucura-futurista", conforme, denominou um amigo lendo estas, que vou ter a coragem de lh'as enviar. São rés de um cerebro mediocre. Julgue-as.

Sinceramente, a poesia moderna, quando feita com talento e habilidade, não me desagrada. O que me irrita é o facto de certos modernistas nos quererem impingir velharias poeticas, em edições muito peores, com o titulo de novidade.

O tal futurismo, como é feito entre nós, vem desde Salomão. Vejamol-o sob a feição sentimental:

Teu pescoço é como a torre
de David,
fortaleza cheia de armas,
e em cujas muralhas
estão suspensos
milhares de trophéos.
. . . .
Teus dentes semelham um
bello rebanho de ovelhas,
que se acaba de tosquiar

Isto se encontra no "Cantico dos Canticos" edição franceza da "Bibliothéque Miniature", Payot & Cie, Paris.

Que differença faz do futurismo que anda por ahi?

Um exemplo é o seu poema *Palmeira*:

Avistei-te de longe
e sei a tua vida...

E's um arranha-céu verde,
que domina o infinito
tens idilios com o azul,
conversas com o vento,
embriagas nas distancias,
e te ergues com vaidade,
desprezando a pobre humanidade...

Vives, sozinho
triste e acabrunhada,
a cismar, a cismar
o que não existe...

Quero deixar patente o seguinte: apezar dos pezares, o verso moderno — concebido sob essa feição — não está ao alcance de toda gente. E o sr. é capaz de fazel-o com vantagem — desde que represente melhor as suas imagens e descubra a maneira de demonstrar analogia entre coisas evidentemente antitheticas — um dos objectivos, creio eu, do modernismo.

Essa analogia, porém, é impossivel entre um arranha-céu e uma palmeira.

Os seus poemas *Cigarra*, *A Locomotiva* e *A côr do silencio* são vasios... e passadistas: repetem o que já se disse ha tanto tempo!...

Entretanto — friso mais uma vez — o sr. tem capacidade para fazer modernismo com brilho.

ROSAMARMORE (Goyaz) — A sua anecdota (e não conto, como a classifica) já é muito conhecida. Apenas o sr. a contou em mau estylo.

Mande coisa melhor.

Agradeço-lhe os elogios que me faz.

P. X. B. Q. (Goyaz) — Hum! Que me diz? O seu bilhete me faz uma revelação assombrosa.

Escreve v. ex.:

Yves. Você não pode avaliar a alegria que experimentei ao deparar com o seu sympathico cliché no "Fon-Fon" de 5 do corrente.

Imagina eu, que desejava immensamente possuir uma fotografia sua!...

Mas, que pena, Yves, você ter escondido as mãos!...

Afetuosamente sua — *P. X. B. Q.*"

Ora — O facto de minhas mãos ficarem occultas na photographia, indica que, nesse ponto, procedo como as mulheres: arranho e escondo as unhas... Gostou?

FLOR DE HESPANHA (?) V. ex. declara na sua cartinha cor de rosa que deseja ser amada por um ancião... Infelizmente, aqui no *Fon-Fon* não ha nenhum nessas condições: todos nós somos moços...

Entretanto, indico-lhe o Asylo da Velhice Desamparada...

OSWALDO COSTA (Minas) — Diga ao poeta Franklin Botelho que os seus chromos serão publicados.

PLAUTO DE SA' (S. Paulo) — Sim. A sua "carta intima" espera *vaga*. Brevemente apparecerá.

Yves

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

* * *

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú, 62

Caixa Postal 97

Telephone 2 - 4136

FON - FON — 4-6-932

Data da consulta.........

Nome do consulente.........

....

TREVAS

Por LAURO MENDES

(Continuação do numero anterior)

— Eu perguntei "quem podia andar".

Nenhuma resposta.

— Si v. pergunta por quem está sangrando muito, aqui estou...

Insensivelmente, Gustavo tomou-se de subita admiração pela especie humana, e pelo estoicismo quasi incrivel com que enfrenta certas vicissitudes da vida. Estavam todos ali ha apenas uns cinco ou dez minutos, cahidos do céo, em um aeroplano. Eram estranhos uns aos outros. Haviam cahido em tal escuridão, que as suas acções eram comparaveis ás dos cégos. Havia uma mulher que punha acima de toda a afflicção umas joias que dizia ter posto no porta-maletas da cabine do avião; alguns passageiros soluçavam angustiadamente. Um homem gemêra durante alguns minutos; mas logo depois se desmanchou em graças a Deus por verificar que a perna que lhe doia ha pouco já podia mover-se. E a noite parecia rir-se hystericamente da tragedia de que era protagonista.

Ainda assim, considerando o horror de sua novellesca situação, considerando a épica e sangrenta aventura de que eram sobreviventes, elles achavam motivos para congratular-se com Deus. Em parte, isto era devido — Gustavo estava certo — a serem quasi todos inglezes ou americanos, quasi todos, de facto, inglezes. Uma ou duas vozes calmas dominavam o tumulto. Havia já alguma segurança. Tinham-se contado, e já tinham evitado morrer queimados. E Gustavo rejubilava-se de desgraça maior ter sido evitada por elle. Elle, um francez.

Gustavo achou-se inexplicavelmente rodeando o esfrangalhado aeroplano, levando pela mão um homem desconhecido. Ajudando-se mutuamente, os dois procuravam investigar o logar onde estivéra sentado o piloto. Foram até a fuselage, embora os entontecesse o cheiro da gazolina. Mas procuraram em vão...

Gustavo voltou ao tumulto e procurou inutilmente entender o que diziam os infelizes. Faziam-se urgente bons nervos num caso como aquelle — vidas preciosas, em perigo de morte. Fez sentir isto aos companheiros de infortunio, e poude constatar a solidariedade geral, todos bravos, todos unanimes em considerar a superioridade do pensamento nas calamidades e infortunios. Uma voz ciciou ao seu lado "que ia ver si os encontrava"...

— Muito arriscado...

— Arriscado, sim. Nesta escuridão...

— Sh... sh... sh... Ha um homem ali em cima.

Gustavo moveu-se com facilidade na direcção supposta. Foi uma especie de emersão de um homem proximo da morte. Mas moviam-no outros sentimentos. Havia ali no meio delles um ladrão. Sim, um ladrão. Um homem que, ha menos de quinze minutos, quando percebeu que iriam breve ter um "rendez-vous" com a Morte, planejou recuperar o que tinha perdido numa vida infeliz. Um homem que ouvira falar em caixa de joias, num relogio de 50 libras e tudo mais. E era aquelle homem que se movia por entre os destroços do apparelho.

Gustavo sentiu, nesse momento, como nunca, a immensa qualidade anti-social de tal ou taes homens. Homens que, deante da morte, deviam redimir a vida com um "beau geste", e que cumulavam no emprego dos torpes methodos de vida. Homens, em summa, que deviam ter sido homens, pelo menos uma noite. E eram ladrões...

As quatorze pessôas continuavam esperando o inesperado. Alguns conversando. Outros soluçando. Não havia outro remedio sinão esperar — pelo menos o dia que viria. Entrementes, o segundo piloto explicava o desastre:

— Tinham procurado orientar-se, quando falhára o primeiro motor. Sustentaram o vôo até quando parou o segundo motor. E aqui estamos. Alguem que nos venha procurar, poderá, unicamente, por impericia, augmentar o monte de destroços...

Uma voz de mulher perguntou:

— Seu posto é o mesmo de um capitão, não é verdade, seu piloto?

— Que quer dizer com isto, madame?

— Que v. é o commandante absoluto, não é verdade?

— E'.

Neste ponto Gustavo moveu a cabeça para o ponto da discussão. Tinha sido injectada na noite uma nova nota de tragedia. Um novo perigo. Uma nova ameaça, mais uma sinistra possibilidade. Era a obra satanica do ladrão — agora ladrões e conspiradores. Gustavo approximou-se mais ainda do aeroplano. Decidiu-se a guardál-o, por ter ouvido vozes no lado opposto. Dispoz-se a investigar, com tanto cuidado, os olhos tão aguçados como os de um animal nocturno. Um vulto passou, rapido, por elle, tacteando na escuridão. Suas mãos se encontraram, e alguma coisa que o homem que passava levava na mão transmittiu á mão de Gustavo um contacto gelado. Percebeu que era uma faca afiada. O seu possuidor não

(Cont. nas pags. 12 e 13)

Velhice

Rins Doentes

Velho aos Trinta Annos!

Antigamente todos Viviam Mais de Cem Annos!

Só se morria de Velhice

SABEM todos os Medicos que nos tempos mais antigos só se morria de Velhice.

Os homens somente morriam moços e fortes ás vezes na Caça, luctando contra os Animaes Ferozes das Florestas, ou então nas Guerras, quando feridos em combate pelos Soldados dos Exercitos inimigos.

Eram as Féras, na caça, e as Guerras que matavam os homens.

Fóra disto, elles só morriam de Velhice, depois de terem vivido Mais de Cem Annos!

Mais de Cem Annos!

Sempre assim.

Porque hoje em dia é a Vida tão curta?

Porque, em geral, todos cometem e praticam as maiores imprudencias, que arruinam e sacrificam a Saúde.

A razão é esta:

Todos sofrem do Estomago e intestinos, e assim, depois de algum tempo, ficam sofrendo tambem das mais perigosas Molestias do Coração, da Cabeça, dos Nervos, do Sangue, do Figado, dos Rins e a terrivel Arterio-Esclerose.

Hoje, muito antes de Trinta Annos de idade, os homens começam a perder os cabellos, ficando calvos muito depressa; aos quarenta annos já parecem Velhos, com perda de memoria e das forças.

São certos orgãos do corpo, principalmente os Rins, que estão sofrendo, em consequencia das Fermentações Toxicas no Estomago e intestinos.

Com isto, pode-se até morrer de repente!

Para viver muitos e muitos annos e não ter nunca tão Dolorosas Doenças, tenha o seu Estomago e intestinos sempre bem limpos e bem fortes, usando **Ventre-Livre.**

Nunca esquecer:

Só se pode curar Dor de Cabeça e qualquer Molestia dos Rins, tratando-se bem o Estomago e os intestinos.

Não use Nunca e Nunca remedios Fortes e Violentos.

Seja Prudente: Trate-se!

Use **Ventre-Livre**

parou, naturalmente pensando que se tinha encontrado com um objecto, e não com uma pessôa.

Sabia agora que havia um dos ladrões que se poderia defender bem si fosse descoberto. Seguiu o vulto, perdeu-lhe os passos, achou-os novamente, e tornou a perdêl-os. O bandido percebeu que era seguido, voltou-se subitamente e abarcou com ambos os braços o perseguidor. Gustavo cahiu ruidosamente ao chão, mas, quando voltou a si da surpresa, sua mente em actividade deu a entender que estava sendo abraçado por uma mulher. Seguira uma trilha errada. E antes que sahisse do seu assombro, sentiu uns doces labios premindo os seus, uma respiração offegante, e, sem que o percebesse, viu-se abraçando á mulher para que ella não cahisse.

— Beija-me, Donald! — disse ella. Estou tão apprehensiva e nervosa...

Gustavo, a custo, poude recobrar a voz:

— Madame, ha um engano. Eu não sou Donald...

Ao ouvir isto, a mulher empurrou-o para longe:

— Desculpe-me, cavalheiro. Perdi-o de novo, nesta abominavel escuridão.

Gustavo dispoz-se a reencetar suas pesquizas, e, limpando os labios, tomou a supposta direcção do aeroplano. Não podia vêl-o de onde tinha encontrado a moça. Mas já não estava tranquillo: o contacto da carne, o cabello, o perfume que emanava de si lhe fizeram nascer na mente uma imagem: Marcia. Apressou o passo e subitamente tropeçou com alguma coisa e cahiu. Suas mãos incertas encontraram algo mais que a terra. Procurou orientar-se para vêr sobre o que tinha cahido. Era o corpo de um homem. Na cabeça tinha um capacete de couro. Investigando, tacteando com as mãos, parou quando percebeu que

TREVAS

(Continuação)

tinha o peito humido — humido e quente. Respirou. Abriu os labios automacaticamente para chamar, mas, numa successão quasi impossivel de raciocinios, lembrou-se de duas coisas: uma, que dizer áquellas victimas hystericas que o piloto tinha sido ferido, era levar-lhes o mais completo panico; outra, seria dar a entender aos ladrões miseraveis que o seu plano tinha sido descoberto. Pensou tambem que suas mãos estavam cobertas de sangue, o que, naquella noite sinistra, era extraordinariamente agourento. Limpou-as, pois, na gramma humida. Que deveria fazer? Não havia regra, criterio, nada, dahi para deante? Talvez fosse melhor que o encontrassem limpando as mãos. Quando déssem pelo roubo, elle estaria assim acima de toda a suspeita. Talvez o piloto estivesse morto: o seu peito estava humido de sangue. Gustavo estava horrorizado. Talvez que alguem o estivesse espreitando, atraz de si, para augmentar assim a lista dos mortos. Talvez os ladrões planejassem matar a todos e fugir com os valores do aeroplano sinistrado. A sua mente trabalhava intensamente, e cada suggestão que apparecia era posta de lado. Não tinha armas. Si as tivesse, não poderia usál-as. Só os ladrões — para quem cada um dos sobreviventes era um inimigo — poderiam usál-as com segurança. Voltou para perto da carlinga. Um ruido estranho fez-se ouvir, como si alguem estivesse descozendo a lona da aza. Gustavo tinha a testa aljofrada de suor, os musculos doiam, tensos. Alguma coisa devia ser feita.

— Piloto! — chamou.

— E sua voz dominou o tumulto temeroso. E antes que elle pudesse chamar de novo, uma voz se fez ouvir:

— Já ouvi...

Ouviu então o bater de um motor de aeroplano. Alguem deixou os escombros e correu. Gustavo percebeu que um apparelho tinha deixado Croydon para soccorrêl-os. O som fez-se ouvir mais perfeito. Ao longe, tremulava uma luzita, que, fugindo e negaceando, apparecia em diversos pontos. Appareceu uma janella, e uma silhueta recortada contra a moldura: o segundo piloto. Homens correram para ella, gritando. A noite estava cada vez mais confusa. Corriam agora homens e mulheres, tropeçando, ansiosos. A luz crescia. Ás vezes quasi que apagavam o ruido do motor, procurando chegar o mais proximo possivel do passaro que se aproximava. Dançavam e cantavam, como selvagens praticando fantastico rito. Sombras fantasticas moviam-se em redor dos destroços do apparelho sinistrado. E, repentinamente, de dentro da noite surgiu mais accentuada a silhueta prateada do salvador. E foi só um segundo. Mas tinham sido vistos. Apagou-se a luz tremula. Dahi a momento Gustavo ouviu a voz do piloto dizer:

— Vou apagar o fogo, e guardar um pouco deste panno, secco, para que quando elles voltarem, nos possam ver.

Gustavo pensou que estava tomando ares enervantes o pesadelo daquella noite. Percebeu que a luz que vira ao longe não era a do avião de soccorro. Talvez os ladrões tivessem roubado os haveres dos passageiros e se refugiado ao longe, perto de uma fogueira. A escuridão era cada vez mais intensa, e elle, impotente, vencido, tinha certeza de que tinha as mãos cheias de sangue. Desejava procurar novamente o corpo do piloto, mas tinha medo. Queria chamar por soccorro, mas não sabia a quem chamar — ou como chamar. Estava num purgatorio

sinistro. Nada via — apenas ouvia, aqui e ali, fragmentos de conversação. E finalmente decidiu-se a ir até o corpo que jazia no solo e annunciar a sua descoberta. Convenceu-se de que o primeiro piloto estava morto, mas a morte não lhe relevava a responsabilidade. Pensariam talvez que elle seria o ladrão, e que tivesse morto o commandante, ao ser descoberto. Tambem não poude localizar o corpo. Sem elle, não poderia convencer a ninguem. Vinte minutos — talvez — teriam então passado do accidente.

Ouviu outro rumor. Aproximava-se um automovel, cujas luzes appareciam na noite nebulosa como perolas esparsas. Parou a uma distancia que lhe parecia immensa. O segundo piloto accendeu novamente o fogo. Ouviram uma voz:

— Allô. Ou êtes-vous?

— Ici.

— Combien?

— Quatorze... ou quinze...

— Allez donc. Nous avons un omnibus...

— Oui. Mais il y a un blessé...

— Bien. On dépêchera un ambulance. Un seul blessé?

— Un seul. Mais on nous parait qu'il est perdu...

— Venez alors, vous autres...

Depois deste dialogo, Gustavo dirigiu-se aos companheiros:

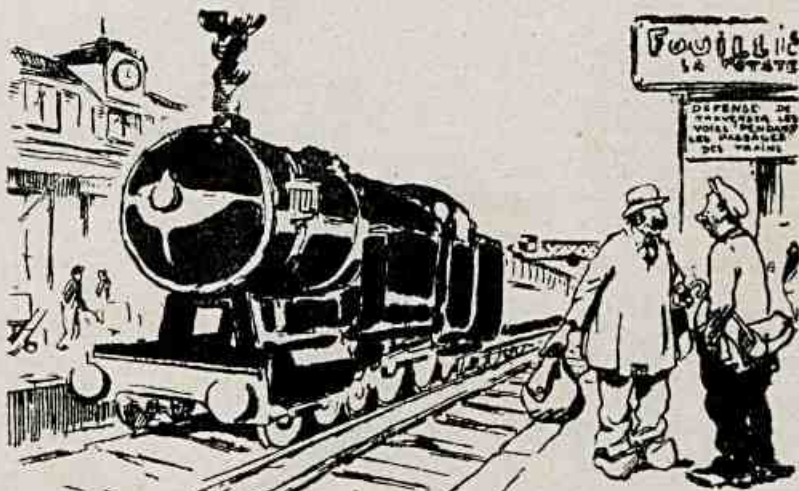
— Vamos. Elles têem um omnibus.

Mas as palavras foram mais que desnecessarias. Já todos se moviam, em tumulto, através do vasto campo. Gustavo seguiu-os. Foram contados em francez, em inglez, em portuguez, em hespanhol. Treze. Elle era o decimo quarto. Foi o ultimo a entrar no omnibus. Mas, depois delle, outro homem, vindo por traz delle, comprimiu-lhe a mão. Quinze — pensou. Talvez fosse o ladrão, pensou. Resolveu tomar uma attitude. Sua vida sempre fôra de acção. Devia revelar tudo. Mas, a quem? Com quem falaria? Cada um delles poderia ser o gatuno. Talvez o homem que entrára por ultimo tivesse vindo com o automovel. Ou então os ladrões, ou o ladrão, não se teriam incluido na conta. O piloto sabia o nome e numero certo de todos. Então decidiu-se ir dar parte do acontecido na primeira Prefeitura de Policia por onde passassem. Mas tantos pensamentos juntos foram finalmente vencidos pela fadiga. O omnibus moveu-se, afinal. Todos riam. Confraternizavam-se, procurando conversar, num francez atroz, com os homens que tinham ido em seu soccorro. O carro ganhou velocidade e entrou, por fim, numa pequena villa de ruas empedradas e irregulares. E parou deante de uma loja onde uma fraca luz illuminava uma taboleta: "Auberge".

Gustavo saltou e entrou automaticamente na hospedaria, juntamente com os outros. Uma sala enorme, carinhosamente convidativa. Um enorme fogão, e uma gorda franceza pondo a mesa: assados, queijos, vinhos. Então Gustavo, sorrateiramente, examinou as mãos. Nada de sangue! Graças a Deus!

Alguem lhe passou um calice de "brandy", que elle sorveu com avidez. Esse mesmo alguem passou-lhe queijo. Gustavo estranhou esse cuidado. E olhou, curioso: devia ser — assim julgava pelos cabellos louros — a mulher que o beijára na escuridão. Era formosa, mas rude. Mas desviou breve a sua attenção. Quem matára então o primeiro piloto? Alguem deveria ter manchas de sangue. Todos pareciam ser pessôas de importancia, typos refinados da "élite". Quem é que, não sendo das altas camadas sociaes, reservaria uma passagem num avião de luxo da linha Londres-Paris? Todos estavam sorridentes. Todos, excepto Gustavo.

A porta abriu-se, e um somnolento "valet de chambre" começou a dispôr a bagagem na sala. Começaram todos — a um — a reclamar os seus objectos. Gustavo mantinha-se na expectativa, esperando certamente pelo alarme do possuidor das cincoenta libras e da dona das joias. Elle proprio remexeu em sua maleta de viagem: não haveria alarme de sua parte. Estava demorando demasiado. Resolveu-se. Havia na sala

(Continúa na pag. seguinte)

— Desculpe-me, camarada, mas, em que direcção vae este trem?...
— Não sei "não", mas eu posso informál-o sobre este que está alli defronte: elle vae na direcção opposta!...

uma cabine telephonica, e nella um homem falando. Gustavo tomou-lhe rudemente o phone e pediu calmamente "a estação de policia local". Olhou em volta a vêr si alguem o ouvia. Um homem de capacete de couro entrou repentinamente na sala. Ao vêl-o, o segundo piloto estava ao seu lado de um salto. O recem-vindo era o primeiro piloto.

— Charlie, em nome de Deus, onde estavas?

Charlie sorriu. Todos o escutavam com ansiedade:

— Quando o avião foi de encontro ao solo, eu senti uma terrivel pancada na cabeça. Creio que desmaiei. Quando voltei a mim, cambaleando, lembrei-me de que tinha na cabine uma garrafa thermica cheia de café. Procurei-a, trepando na carlinga. Encontrei-a. Mas quando consegui abril-a, desmaei novamente, e apenas pude sentir o calor do café, quente, que se derramava pelo meu corpo emquanto perdia os sentidos. E quando justamente entrava o ultimo homem no omnibus foi que eu despertei, e consegui ainda encontrar logar, na escuridão reinante, por traz das bagagens.

Gustavo olhou para as mãos. Cheirou: café.

A seu lado ouviu uma mulher — a unica — dizer a um cavalheiro respeitavel: "Mas eu continúo a guardar commigo as cartas. Eu meu poder ellas valem bem umas cincoenta libras. Eram estas as joias que eu tinha na cabine, e as cincoenta libras do relogio. E tu que as procuraste com tanto afinco..."

Gustavo comprehendeu. Era aquelle um dos ladrões. Atravessou rapidamente a sala. A uma mesa, dois homens conversavam:

— Si o primeiro ministro soubesse que estes planos militares estavam comnosco, nesta tragedia do escuro...

— Sim. Mas eu os escondi. Estavam cozidos na lona do avião. Eu aproveitei o escuro e descozi a lona com um canivete de bolso..

Estavam, afim, localizados os ladrões, e esfumava-se todo o sabor de tragedia que fizéra trabalhar tão intensamente o cerebro de Gustavo. Um scelerado era um homem que aproveitava a escuridão para conseguir uma correspondencia compromettedora. Outro, era um diplomata, procurando conseguir — não joias, — mas papeis de Estado. E fôra o canivete de bolso do diplomata a lamina fria e aguçada que roçára a mão do atribulado Gustavo. Cartas de uma mulher madura. Notas de um Estado a outro. Receios de um galanteador arrependido. Uma garrafa thermica que se derrama, e eis toda a tragedia da sinistra noite. E sobre tudo isto um desmaio depois de um arduo

TREVAS

(*Conclusão*)

esforço e uma pancada na cabeça. E fôra unicamente a luz, pensava Gustavo, que trouxéra tudo á realidade. Houvéra sangue, os ladrões, mortos, roubos, tudo na mente em ebulição do visionario. Mas apenas o gyrar de um commutador dissipára o mau sonho.

Estava, além, do mais, fatigado. Procurou a hospedeira:

— *Une chambre, s'il vous plait...*

Alguem procurou a sua mão:

— Meu amigo, soffremos todos as mesmas angustias, enfrentámos todos o mesmo perigo. Assim, convido a todos a se reunirem aqui, daqui ha um anno, para commemorarmos o acontecimento com um jantar. Combinado?

— Esplendido!

Gustavo sorriu. Reassumira a sua personalidade vibrante. Era elle, e não a mente de inda ha pouco.

Marcaremos a data, e estaremos aqui juntos. Nada de convites. Nem nomes. Romantico, hein?

— Bella idéa — atalharam alguns.

Só, emfim, no leito macio da hospedaria, Gustavo pensava como poderia ter dado nascimento a tanta hypothese absurda e irreal, por via unicamente da escuridão impenetravel. E foi assim até pensar em Marcia e no que lhe disséra o irmão:

— Não se deve julgar o mundo pelas apparencias, Gustavo...

Trabalhando unicamente com o cerebro, deduzira que havia infidelidade, quando vira Marcia no bote, ao lado de Felippe. E agora, depois dos extraordinarios acontecimentos dessa extraordinaria noite, ponderou em quanto grotesco tinha sido. Elle, Gustavo, o homem de negocios. O homem da imaginação imperturbavel.

A manhã veiu trazer-lhe a tranquillidade. Manhã clara, um céo azulado cobrindo os tectos da bucolica paizagem franceza. Pela estrada marginada de espinheiros, corria um automovel. Dirigia-o Marcia. Vinha de Calais, a toda velocidade.

Gustavo tinha saboreado um "omelette au lait", e fitava melancolicamente a paizagem gauleza. Tudo sereno e pacifico. Nuvens azuladas que pareciam formar — somente para elle — a silhueta de um aeroplano esborrachando-se de encontro ao solo. Ouvia placidamente os rumores da aldeia em trabalho. Pensava placidamente nos planos de volta á Inglaterra — em companhia de alguns dos passageiros do aeroplano sinistrado. Deu um salto de espanto quando viu o automovel de Calais que lhe trazia Marcia. Esfregou os olhos. Era verdade. Não havia mais escuridão.

— Estás ferido, querido? — perguntou ella.

— Não, meu amôr...

Marcia disse-lhe então tudo que armazenára no cerebro emquanto cruzava o canal, com a alma angustiada, ou então emquanto dirigia o auto, pelas estradas francezas.

— Eu pensei logo em vir. Soube do accidente pelo radio. Meu irmão disse-me que estavas no aeroplano. A companhia informou-me onde haviam cahido. E eu vim. Só para ver si estavas bem. Mas si não queres que eu fique, agora, já que estás salvo...

Gustavo não quiz entrar em detalhes para explicar a amarga lição por que passára. Sua reacção foi rapida, explicita, calorosa. Chegou mesmo a chamar a attenção do filho da hospedeira:

— *Maman. Regardez. Il y a des gens qui se baisent ici. Regardez.*

Mas a gorda franceza, percebendo o fervor e a apparente eternidade daquelle longo beijo no seu terraço, tratou de ir amigavelmente afastando as creanças e mais circumstantes daquelle canto pittoresco da hospedaria...

BELLEZAS FAMOSAS DA HISTORIA

Para a formosa Fiametta,

o cuidado da pelle era uma obrigação penosa –

Fiametta, celebre pela belleza de sua pelle na antiga côrte de Napoles, foi quem estimulou o genio creador do audaz e immortal Boccaccio. Desde que a viu pela primeira vez, até á sua morte, o fogo da paixão ardeu eterno no coração do grande prosador italiano. Quantas horas não terá ella passado cuidando da belleza que foi a inspiração de um poeta?

Mas, para a Senhora, é o que ha de mais facil

Já não é preciso que a Senhora dependa de methodos enfadonhos e complicados para obter essa cutis que as outras mulheres invejam. Hoje, as mulheres que sabem como embellezar-se, adoptam o simples tratamento Dagelle para o perfeito cuidado da epiderme. Em primeiro lugar, antes de applicarem o pó e o rouge, preparam a pelle com uma tenue camada de Creme Evanescente de Dagelle, protegendo-a, assim, contra o sol, o vento, o pó e a chuva, durante o dia inteiro. A' noite, passam uma bôa quantidade de Creme Perfeito de Dagelle sobre os póros da face, collo e braços, para suavizar a textura da pelle e tornal-a mais fina e macia. De manhã, uma applicação de Vivatone, o tonico revigorante, torna a epiderme rosada, emprestando-lhe saúde e vigor. Por que não experimenta este simples methodo de obter a especie de belleza que os homens tanto admiram? Envie hoje mesmo o coupon para que lhe remettamos o Estojo Especial de Belleza.

DAGELLE

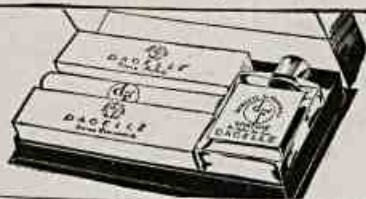
Creme Evanescente ~ *Vivatone* ~ *Creme Perfeito*

DAGELLE, R. Theophilo Ottoni 44, Rio de Janeiro

¶ Queiram enviar-me um Estojo Especial de Belleza, contendo os três admiraveis preparados de DAGELLE. Junto envio a quantia de 5$000 *em carta com valor declarado.*

Nome ....

Rua e No. ....

Cidade .... Estado .... F. - 4)

FELICIDADE PERDIDA

COMO quem não quer, vamos contando esta historia á guisa de lenda oriental.

O rei Magofi, apesar de ser o soberano de um paiz cheio de delicias, de muito ouro, não julga as coisas mais aprazíveis do que são, nem se illude com as manifestações honrosas a todo momento a elle tributadas. Ademais, não se julga feliz, nem tem para si que os subditos de sua majestade o sejam tambem.

Conjecturas pessimistas.

A prosperidade commercial do paiz, o florescimento dos campos, a abundancia de ouro, o canto dos poétas, a paz reinante em todos os corações; nada impede de andar o soberano sempre preoccupado.

Para elle, si após as tempestades vem a bonança, é nos grandes periodos de paz que se fomentam as guerras, pois a ambição das honras é sempre indomita.

Por que hão de ser todos felizes? Traz o ouro felicidade a alguem? A alegria de viver depende só de não haver fome no lar mais humilde? Ficava a considerar de si para si acêrca dessas interrogações, formuladas por elle proprio.

Certa vez manda chamar um poéta e philosopho, a quem muito distingue com a sua amizade, e ordena-lhe descobrir o habitante do reinado, descontente com o governo; e dessa pessôa trazer o nome afim de, com habilidade, se verificarem depois os motivos do descontentamento.

Não obstante falar com clareza ao poéta e apesar do pessimismo de sua majestade, o rei guardava intimamente a vaidosa convicção de que não encontraria aquelle em todo o Reino descontente algum.

Manifesta volubilidade de caracter.

Andaria o poéta pelas cidades, pelas aldeias, pelos campos a consultar os habitantes um por um, e escutando-lhes queixas por ventura, articuladas.

Percorre o poéta todo o Reino. Não obstante haver immensas riquezas e abundancia de pão para os pobres, ninguem está contente: occulta no peito, ha em todos a esperança de melhores dias.

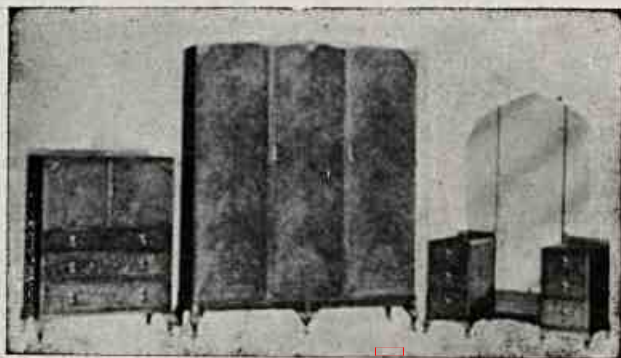
Observa e examina attentamente este phenomeno social: os direitos e os deveres do povo estão bem regulados; a forma de Governo, *in illo tempore*, é bem acceita; porem, na verdade, ninguem está contente.

Desanimado, pensa o poéta em tornar á côrte, quando no caminho encontra um homem brincando com o filhinho que lhe cavalga o dorso, agachando-se elle por fazer de cavallo.

Pergunta-lhe:

— Estás contente comtigo proprio?

— Sim. Muito.

— E com o rei?

De Hormino Lyra

— Nada tenho que dizer delle.

— Por que estás tão alegre?

— Não vê? Estou a brincar com o meu unigênito. Que felicidade! Como é lindo o meu filhinho! Como é lindo...

— Tens certeza de estar satisfeito com o nosso governo?

— Toda a certeza.

— Vives bem com a tua mulher?

— Muito bem. A minha mulher é minha amiga verdadeira. Amo-a.

— Então és mais do que eu; és feliz: amas...

— E sou tambem amado por ella. Sou feliz.

— Emtanto, parece-me seres bem pobre.

— Pobre, sim. E que tem isso? Sou talvez o homem mais pobre do Reino mas tenho a ventura de me sentir feliz.

— Bem. Creio. Vou fazer-te um pedido.

— Perfeitamente.

— O rei, meu senhor, ordenou-me levar-lhe o nome do unico homem, por ventura descontente com o governo. Ao contrario do pensar de sua Majestade, só encontrei um que se diz contente: és tu.

— Nada tenho que dizer contra o rei. Vivo alheio á politica, completamente alheio...

E ri gostosamente.

— Desinteressas-te assim...

— Não me desinteresso. Mas, é o que lhe digo, estou brincando!

Dá lhe o nome e continúa rindo.

— Perdôa ter vindo interromper-te. E's um heroe, porque sabes resignar-te á pobreza. Adeus!

— Adeus! Vou continuar a brincar com o meu filhinho, afim de lhe evitar o chôro em que ha, para mim, tanta alegria e, para a minha mulher, tanta esperança...

* * *

Volta o poéta e vae dizer ao rei só haver topado em todo o Reino um homem alegre, feliz e o unico satisfeito com o governo. Todos os habitantes proferem queixas; só elle não se lamenta em absoluto e tem a physionomia illuminada pelo riso que lhe vem do magnanimo coração.

Manda o rei chamal-o á sua presença e dá-lhe encargos honrosos.

No começo, tudo lhe causa alegria. Fascinam-no todas as honras da Côrte com todas as falsas apparencias; porem, no decorrer dos annos, percebe não haver prazeres sociaes sem as amarguras que lhes são proprias.

Já agora prefere taes soffrimentos ao ostracismo. Não ha outro remedio... E chora a felicidade perdida.

NOTAS DE ARTE

O 4.º SALÃO DE ARTISTAS BRASILEIROS. — Durante quasi todo o mez de maio, abriu-se ao publico, no *hall* do Palacio-Hotel, o 1.º S. A. B., onde figuraram 99 trabalhos, 84 de pintura e 15 de esculptura.

Não cessamos de repetir que as nossas chroniquetas só podem ser consideradas opiniões de critico quando se referem á arte da palavra. Quanto á musica e ás artes plasticas, não passam de impressões de leigo, apenas mais ou menos versado em leituras sobre assumptos musicaes e plasticos, e com algum habito de concertos e exposições. Por isso mesmo é natural divirjam as nossas das apreciações dos technicos. Entretanto, uma qualidade possuem os nossos despretenciosos commentarios, é o da franqueza e da sinceridade, predicado que falta muitas vezes aos que são, ou se julgam ser, competentes para criticar musicos, pintores, esculptores e architectos. Fazem não raro justiça inversa: conscientemente elogiam o que deve ser censurado, e censuram o que deve ser elogiado...

Percorrendo em duas rapidas visitas o 4.º S. A. B. tivemos varias impressões de belleza, das quaes destacamos as que mais fundo nos emocionaram.

A primeira, a mais forte, foi a que nos deu o quadro de Dimitri Ismailovitch, intitulado genericamente — *Natureza Morta*, e que chamamos *A Cortina*, porque da maravilhosa perfeição, que é todo o quadro, o que mais avulta é uma cortina de velludo azul, a qual, mesmo a um palmo de distancia do observador, dá idéa de objecto real e não de pintura. Sugeriu-nos a bellissima creação plastica, o episodio historico entre duas celebridades da pintura grega. Podia repetir-se a Ismailovitch a phrase de Zeuxis a Apeles: *suspenda a cortina para que lhe possa ver o quadro*...

Impressão semelhante, a de *Vasilhas e fructas*, de Oswaldo Teixeira, que o pintor denominou tambem genericamente — *Natureza Morta*. Despertam os objectos pintados quasi a mesma impressão dos objectos reaes. Tem-se vontade de os tocar para ter a certeza de que a ficção não é realidade.

Ainda do mesmo genero de perfeição o quadro de Carlos Oswaldo — *Mate em dous lances*. Este empolga sobretudo pela vida que anima o rosto da figura. Vê-se, por assim dizer, o pensamento da jogadora meditando o lance.

Noutro plano, mas digno ainda de admiração especial, salvo a restricção quanto á natureza do assumpto, *Mulata*, n. 1, de Hernani de Irajá, em que o pintor, tomando por motivo o corpo da mulher, — idealizando-o sem nenhum elevação moral — o que nos parece uma offensa ao pudor de todas as mulheres — fazendo o nú sem castidade, reproduziu-o no emtanto com bello esplendor physico. Está reproduzida como muita vida a carne morena do modelo.

Sem ser dos primores que costumamos admirar, avulta entretanto na exposição a tela *No balanço*, de D. Sarah Villela de Figueiredo. E' quasi um auto-retrato. Nota-se-lhe o predicado mais caracteristico da grande pintora — o poder de exprimir a natureza moral. Não é, por assim dizer, a attitude physica da retratada, recostada no balanço, mas o devaneio que lhe vae n'alma e que a artista tão bem traduziu no rosto animado da figura.

Assignalemos mais, entre outros que nos deixaram impressão mais ou menos intensa, pela propria belleza da expressão pictural, ou pela originalidade, iamos dizer singularidade dos processos plasticos: *Ovidio lendo a "Arte de amar"*, de Henrique Bernardelli; *Tristeza*, de Bruno Lechovski; *Retrato*, de D. Ismailovitch; *O mar azul*, de Federico Masriera; *Passou o temporal*, de Nino Bozzetti; *Paisagem do Andarahy*, de Helios Seelinger; *Legenda*, de Henrique Salvio; *Paisagem (Tijuca)*, de João Baptista Paula Fonseca; *Retrato do meu modelo*, de Manoel Santiago; *Preta*, de Maria Francelina; *Doce*, de Margueritte Barcianu; *Recanto dos pescadores (Copacabana)*, de Olga Mary Pedrosa; *Agonia da tarde*, de Oswaldo Teixeira; *Flor de Maio*, de Palmyra Pedra Domenech; *O tormento da Inveja*, de Raul Pedroza; *Três rapazes*, da Condessa Bernstorff; *Retrato*, de Luci Poli Erdos.

Nessa enumeração destacamos mais especialmente os quadros de H. Bernardelli, D. Ismailovitch, Nino Bozzetti, Helios Seelniger, Maria Francelina, Oswaldo Teixeira e Condessa Bernstorff.

A esculptura apresentou-se com obras-primas de Nicolina de Assis, cada qual mais bella, cada qual mais viva: *Iracema*, *Negra*, *Somno*, Cor-

contração: verdadeiros pequenos poemas em marmore, bronze e gesso. Somno e Concentração avultam pelo excepcional poder emotivo.

Chamaram-nos ainda a nossa attenção Cabeça de Olegario Marianno, por João Scoutto e mais alguns que nós esquecemos de annotar para dizer, mas parece terem sido Henrique Oswaldo, de Paulo Mazzuchelli; Serenidade, de Rosalita Candido Mendes e Anseio, de Carlota de Camargo Nascimento.

Abstrahindo-se da differença de valores de cada expositor, merecem todos o louvor commum de concurrentes á bella revista de mostra de poemas plasticos da arte nacional.

MUNZ. — No Theatro Municipal, em a noite de 25 e na tarde de 28 de maio, realizou o pianista polonez Mieczyslaw Munz dous concertos com os seguintes programmas, fóra alguns extras, insistentemente solicitados pelo auditorio: I. — Schumann — *Fantasia em mi maior* op. 17; Debussy — *Cathédrale Engloutie*; Albeniz — *El puerto*; Chasins — *Preludio*; Dohnanyi — *Capriccio*; Chopin — *Nocturno em dó maior*, *Mazurka* e *4 Estudos*, op. 10; Liszt — *Rhapsodia hespanhola* — II. — Hofmann — *Suite Antique* (*Allemende*, *Courante*, *Gavotte*, *Gigue*); Beethoven — *Sonata em ré maior*, op. 28; Schubert — Liszt — *Der Muller und der Bach* e *Soir de Vienne*; Schubert — Godowski — *Haidenroslein*; Rachmaninoff — *Prelúdio em ré maior* e *Prelúdio em ré menor*; Liadow — *Prelúdio em dó bemol*, *Valsa* e *Boite do Musique*; Tschaikowsky — *Troika em traineaux* (*paraphrasen de uma opera*) e *Eugen Onegin*.

A pequena pianista Ornella Macedo, que já se exhibiu victoriosamente em varias capitaes do Brasil, deu, sabbado ultimo um brilhante recital, no salão do Instituto Nacional de Musica, onde se realizou com successo o 92.º concerto do Centro Artistico Musical.

Sem ser excepcional, Munz é um grande pianista. Raras vezes empolga, mas sempre encanta. Embora tenha revelado qualidades de bravura, dignas de todos os applausos, na execução da *Rhapsodia hespanhola* e nas obras de Tschaikowsky, em que a velocidade e a força, os effeitos de sonoridade foram verdadeiramente emocionantes, o que o distingue e o colloca entre pianistas invulgares é o seu poder de expressão sentimental, é o canto interpretativo com que atrae e commove o coração dos ouvintes. Com esse predicado em tão alto grão, Munz pode mesmo ser collocado entre os pianistas de excepção. Começou a revelal-o no *Allegro molto apassionato* da *Fantasia*, de Schumann e ostentou-o em toda a plenitude na *Cathédrale Engloutie*, na *Suite Antique*, na *Sonata* de Scarlatti, nas transcripções de Schubert-Liszt, na *Valsa* e *Caixinha de Musica* de Liadow e nos *Preludios*, de Rachmaninoff.

Entretanto assignalamos um paradoxo: não nos deu a impressão que esperavamos o Chopin interpretado por Munz. Seria tambem essa a impressão de todos, ou resultou de defeito da nossa sensibilidade? Talvez... Ainda mais uma observação singular: das obras do poeta do piano que interpretou o notavel pianista polonez, a que mais nos agradou foi justamente o Estudo, em que se nota mais bravura que sentimentalidade, o ultimo tocado no 1º concerto.

Como quer que seja, Munz justificou plenamente a fama que o precedeu. E' um bello pianista, um poeta do piano, como seu immortal patricio, o era como interprete e compositor.

O S C A R D'A L V A

— Oh! minha filha. Teu vestido novo!

— Não faz mal mamãe! Elle é de fazenda tinta com corantes

INDANTHREN

Verifique, sempre que comprar fazendas se ellas trazem a marca registrada INDANTHREN o que mostra que é insuperada a resistencia do seu colorido tanto á chuva, como ao sol e ás repetidas lavagens.

Relação das casas inscriptas até agora

Armazens Brazil
RUA GONÇALVES DIAS N.º 6

Bom Tom
RUA DO OUVIDOR N.º 112

Camisaria Diamantina
RUA URUGUAYANA N.º 110

Casa Allemã
PRAÇA FLORIANO N.º 23

Casa Lemos
RUA GONÇALVES DIAS N.º 16

Casa Monteiro
RUA 7 DE SETEMBRO N.º 58

Casa Nunes
RUA DA CARIOCA N.º 67

Empr. Arte Mobiliaria Ltda.
RUA DO ROSARIO N.º 167

Souza Baptista & C.
LARGO DA CARIOCA N.º 9

Chamamos a especial attenção dos Senhores interessados que as inscripções para o Concurso Indanthren de vitrines encerrar-se-ão segunda-feira proxima, dia 6 de Junho

CONCURSO Indanthren DE VITRINES

DE accordo com o que foi publicado nos numeros 21 e 22 desta revista, realisa-se nesta capital na semana de 11 á 18 de Junho do corrente, um concurso de vitrines entre os nossos principaes estabelecimentos de Modas e Fazendas.

E' condição essencial do concurso a exposição exclusiva, nas vitrines, de artigos em obra, fazendas ou fios tintos com corantes Indanthren e marcados com a respectiva etiqueta.

A relação dos premios, constantes de paginas de annuncios de destaque nesta revista, foi publicada nos numeros 21 e 22 de Fox-Fox.

A Commissão Julgadora será constituida de cinco membros.

um artista pintor:

Professor Fiuza Guimarães

um jornalista:

Martins Capistrano

um commerciante:

Dr. Serzedello Mendes

um technico de publicidade:

Annibal Bomfim

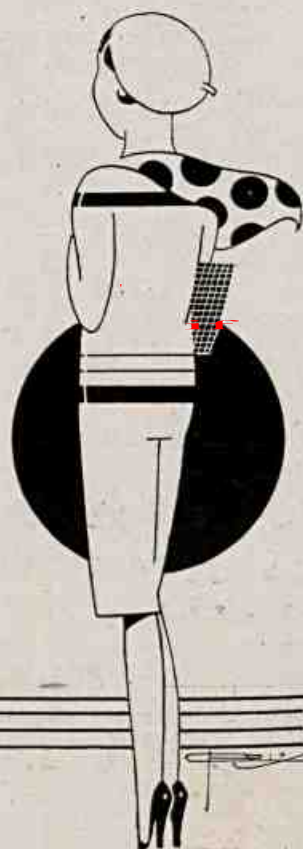
uma modista:

Sra. Regina D'Eça

VIDE na pagina anterior a relação das casas inscriptas até agora.

ANNO XXVI

FON-FON

NUMERO 23

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 4 de Junho de 1932

Nuances...

Por MARIO POPPE

DIA cinzento, de nuvens baixas. Parece que Dona Alegria fugiu das ruas e foi poisar nos interiores illuminados pela luz macia dos *abat-jours*.

No começo do Inverno é sempre assim. As mulheres fogem do asphalto como as andorinhas á approximação dos primeiros frios. E nós tambem. Não pela mesma razão, mas, porque temos o pessimo costume de seguir os passos das mulheres. Ellas se fecham?!

Pois vamos até lá... Afinal, o homem obedece a uma lei de gravitação, porque a nossa vida gira em torno da mulher.

Não fôra a certeza desta verdade, e o mundo seria um desencanto. As ruas estão despovoadas na tarde cinza, e eu sinto a melancolia da minha alma que procura alguem...

Vou ao cinema e a sala vazia infunde tambem tristeza.

As cadeiras repousam mui quiétas, somnolentas, com saudade dos casaes amorosos.

O alto-falante enerva, ecoando no vacuo. Dir-se-ia que vózes do outro mundo, incomprehensiveis, chegam até nós...

Na téla, espectros gesticulam.

Fujo para uma casa de chá.

Para que?... Estão apenas duas velhas embuçadas em agazalhos, deante das taças de porcelanas, fumegantes, triturando torradas com uns restos de dentes poupados pelo tempo, que tudo destróe... Ao fundo, cautelosamente escondido das vistas curiosas, um senhor, que pelos modos adivinho ser um chefe *exemplar* de familia. Tem mulher e filhos, porém, como a *tribu* está em casa, elle trata de amenizar a vida, illudindo-se com uns farrapos de sonho que traz no coração.

Ou talvez no cerebro. Porque deve ser um cerebral... Anda certamente á cata de migalhas de aventuras fugaces. Acertei.

Mal tenho tempo para concluir o raciocinio, pára um vulto esguio, que vae direito ao canto discreto. O cavalheiro illumina a physionomia, satisfeito.

Faço considerações sobre o máu gosto daquelle *tête-à-tête* combinado pelo telephone.

E reconheço as minhas excellentes qualidades para Sherlock...

As velhas, triturando sempre torradas, esticam o olhar até lá, ao canto, e commentam em surdina qualquer coisa.

As velhas não têm malicia, mesmo quando recordam o passado... Devo estar muito estupido, porque não posso decifrar o que ellas dizem.

Chamo o *garçon*. Deixo cahir a moeda na pequena salva.

Saio. Transpondo a porta, experimento uma sensação de allivio. E agora?! Olho para os lados, na incerteza do rumo. Eis quando me corta a frente a impertigada figura de um pseudo escriptor, symbolo perfeito da tolice humana. Decididamente, não estou com sorte! Não tenho senão dado pontapé no *azar*, durante todo o dia. Só me faltava encontrar com o Sancho Pança das letras juridicas nacionaes. Esta pecuinha do acaso irrita-me. Offereço o braço ao velho amigo Voltaire, e vamos espairecer lá pelos lados do Obelisco, a massa granitica, que tambem symboliza qualquer coisa...

As arvores ciciam confidencias, levemente sacudidas pela brisa vinda do lado do mar. Como não sou poeta, não entendo as vozes do vento! Mas, em compensação, percebo perfeitamente o que me diz Voltaire, ao ouvido.

Aos meus pés, as folhas sêccas disputam corridas loucas. A vertigem da velocidade em tudo!

No mundo exterior e no mundo interior. As nossas idéas vivem um minuto de angustia singular. Atropelam-se para o livre curso material da vida.

A minha impressão das coisas vae se apagando no ether.

Resta-me o desejo de procurar um livro para companheiro da noite que se approxima. Individuos grisalhos adquirem as novellas de Boccacio, certos de que o homem é um animal de baixos instinctos. Um collegial pede Wallace e sáe soletrando...

Uma senhora procura *O sheik*, sem se importar com o nome do autor, porque viu a fita no cinema e gostou... A minha attenção, agora, volta-se para duas lindas garotas que pedem livros sérios, que eu suppunha não lidos por moças desta formosa terra. Ribot, Dugas, outros... Psychologia!

O livreiro só responde negativamente: "Não temos". Para que? Para ornamento das prateleiras?... Ninguem procurava! E o Moura, edificado, informava que no Briguiet talvez... Uma dellas abaixou a cabeça, inspeccionando as brochuras traduzidas do estrangeiro, em *casange*, quasi sempre. A outra, mais viva, ainda insistia na esperança de lobrigar *um autor*, do seu agrado. Eu estava proximo...

Fui identificado por um retrato de revista. Então fiquei sabendo que não pertenço totalmente ao grupo dos frivolos. Que na minha prosa existe a malicia de Stern. Será verdade?!

A pequenina Tanagra discorria com superior visão. A alma tropical, ardente, espoucando intelligencia. Differente das outras que adoram Ardel! Os minutos da palestra voaram.

A avesita tambem alçou o vôo. Mas ficou-me a saudade daquelle acaso da minha vida de escriptor. Num paiz de *melindrosas* que amam o *football* sobre todas as coisas, onde os volumes só lentamente escôam das livrarias, o phenomeno precisa ser consignado.

Quando vi a luz dos combustores, experimentei a sensação do brilho das estrellas! Não mais senti o peso das nuvens baixas, côr de chumbo. Meu Deus, como é bom a gente ter a certeza de que possúe uma leitora intelligente! Ave, minha amiga, cheia de graça!

Pyjama d'intérieur en «crêpe royal» bleu foncé. Manteau en vigogne réversible bleu foncé et bleu clair.

(Serviço especial e exclusivo da Casa Jean Patou, de Paris, para o FON-FON).

AS MULHERES E AS SEREIAS

— É esquisito! Você já não diz mal das mulheres — observou a voz fresca de uma creatura que me falava pelo telephone.

Respondi:

— Eu sempre fui amigo das saias. O meu mysoginismo era uma attitude literaria... A luta de Adão e Eva é eterna. Dumas chamava-lhe: "a batalha dos sexos". Barbusse notou: "O homem e a mulher sempre se revelaram inimigos. O homem que ama cem vezes, a mulher que tem a força de amar e de esquecer, quando quer"...

A minha interlocutora ia retrucar alguma coisa, justamente quando a ligação se desfez.

Eu fiz apenas:

— Oh!

E com esse "oh!" comecei a meditar sobre o reparo feito pela voz desconhecida...

*

Ha duas phases em que nós homens falamos da mulher. Mal, quasi sempre. E' quando amamos, e nos deixamos illudir pelo que ellas nos dizem e promettem, e quando já não temos illusões de especie alguma.

* * *

Quando eu suppunha que a mulher era má, intrinsecamente perversa — e olhem que generalizo — eu dizia mal dellas.

Suppunha que era possivel aperfeiçoar-lhes a alma com palavras, isto é, com recriminações e queixumes. Tinha a illusão de que um homem só com uma penna Mallat poderia modificar a estructura da alma feminina.

*

O tempo — no sentido chronologico e philosophico — me ensinou que as mulheres são como são. As estrellas são realmente redondas, vistas ao telescopio. E' inutil querer fazêl-as com cinco pontas — como vemos a dos Reis Magos, tremendo no céo dos presepios ingenuos de Natal...

*

Dantes, eu falava mal das mulheres, porque ainda não havia soffrido muito por ellas. Ainda não havia encontrado as "mulheres fataes". Fiz como o pescador de Oscar Wilde, que dizia ver e conversar com sereias no alto mar. No dia em que, de facto, elle viu um desses sêres fabulosos, o rude homem entristeceu e ficou mudo.

Eu hoje não mais falarei mal das mulheres. Para que?

Y V E S

A ARTE DE CANTAR AO VIOLÃO

A senhorita Laura Suarez, que é uma figurinha galante da nossa sociedade e uma artista de recursos imprevistos, tantas vezes applaudida pela nossa «élite», vae dar, hoje, no theatro Casino, um recital de canto e violão, e, certamente, colherá novos triumphos para a sua festejada e brilhante virtuosidade.

AVE MARIA

Bôa tarde ó meu caminho estreito
por onde os ultimos da villa vão!
Bôa tarde avozinhas,
Bôa tarde avozinhas,
me dae uma historia de vosso surrão!

Me dae a Princeza Morgana-Villão
que eu sem historia não durmo não!

Ai! que ha noites mais temporãs
mais frias, mais tristes que as outras noites!

Bôa tarde avozinhas onde é que eu me acoito
da minha propria inquietação?

Bôa tarde avozinhas, bôa tarde avozinhas
as ultimas andorinhas lá vão!

As vossas mãos, avozinhas,
onde é que estão?

Adeus, adeus caminho estreito!
Ave Maria cheia de graça...

Blão!

JORGE DE LIMA

O DIRECTOR DE «FON-FON» EM PARIS

Flagrante do desembarque do nosso prezado chefe e amigo, sr. Sergio Silva, e sua exma. familia, na capital franceza. Varios amigos do director de FON-FON foram recebel-os na Gare do Quai d'Orsay. A sra. Sergio Silva apparece, na photographia, ao lado de seu filho, o nosso querido companheiro Sergio Silva Filho, que ha cerca de um anno se encontra em Paris.

(Photos do Serviço Especial de FON-FON em Paris).

FRANÇA-INGLATERRA

O chefe do governo britannico, sr. Ramsey Mac Donald, ao lado de seu collega francez, sr. Tardieu, na gare de Lyon, por occasião do embarque para Genebra do primeiro ministro da Inglaterra, em fins de abril ultimo. Na photographia apparecem, tambem, o sr. Chiappe, chefe de policia de Paris, e o sr. Guichard.

CORAÇÃO BRANCO

UMBELINO era um negro velho que morava perto dos chamados campos do Oriá, entre Quixeramobim e Cachoeira. Ali, de repente, aos olhos de quem vinha a cavalo das fazendas da redondeza, subindo o curso do riacho Fonseca, o sertão desaparecia como por encanto e como por encanto era substituído pelo pampa gaúcho. Nem mais uma touceira de xique-xique, nem mais um entrançado de juremas e mulungús, nem mais um joaseiro copádo. A perder de vista, na planície vasta e monótona, as ondas verdes do panasco achamalotadas pelo vento e, de espaço a espaço, como periscópios de submarinos, os pescoços inquietos das emas ariscas.

Na orilha daquela savana excepcional no sertão, havia um curral, que servia para os comboieiros que vinham á feira do Quixeramobim guardarem seu gado e se arrancharem nas proximidades. E, junto ao curral, numa velha casinha de taipa e palha, vivia o Umbelino. A habitação mais próxima ficava a dez léguas. Ali era a plena solidão. Ninguém com quem trocar uma palavra. Nem um cachorro ao menos! A' noite, as trevas faziam horror, povoadas pelos urros das maçarocas. Ele, ás vezes, acendia uma fogueira. Quasi sempre, porem, ficava mesmo no escuro.

Conheci-o no ano de 1907, indo pela primeira e ultima vez áquêle lugar solitário, onde o diabo perdeu as botas. Haviam-me dito que nos campos do Oriá abundavam emas e fui caçá-las com um vaqueiro chamado Macário. Parámos mais ou menos uma hora na casa do Umbelino, que o meu companheiro conhecia de longa data. Segundo me contára, o negro velho viera morar naquele fim do mundo havia uns trinta anos, desgostoso com a morte de sua mulher. Êle mesmo me disse com a maior simplicidade:

— Fui escravo do doutor Holanda do Quixadá e, no ano de 1884, quando se acabaram os escravos da provincia, eu já era livre, graças a Deus em primeiro lugar e a estas mãos que a terra ha de comer em segundo!

Olhou as mãos negras e grossas, encarquilhadas, de palmas dum tom róseo feio, e continuou:

— Eu trabalhava de ferreiro a soldada para meu amo, porem nos domingos ele me deixava fazer serviços para mim. Com o dinheirinho que fui ajuntando assim, me alforriei.

Sorriu com sua bôca enorme, simiêsca, amostrando os dentes ainda perfeitos e muito alvos. Depois:

— E' que eu queria me casar com a Eufrosina, que era a mulata mais dengosa e mais cubiçada do Quixadá...

A chaleira que pusera sobre tres pedras para fazer café deu ruidosos sinais de ebulição. O negro velho foi buscá-la e começou a deitar agua no saco de pó sobre um velho bule de lata. E falava, agora com um tom de tristeza:

— A Eufrosina morreu de parto do primeiro filho. Eu, então, não quis saber de mais nada no mundo. Peguei todos os meus tróços, enchi um baú com a roupa dela, pús tudo nas costas dum cavalo e vim parar aqui, onde fiz esta casinha e de onde nunca mais sai. O povo diz que eu sou maluco, porque uns passageiros já me viram vestido de mulher assentado no terreiro. Mas é mentira. Eu estou no meu juizo perfeito. De vez em quando, é verdade, pego os vestidinhos da defunta, que são as únicas lembranças que tenho dela, mêto-me nêles e vou apanhar sol para tirar o môfo e não se acabarem com a falta de uso...

Eu era todo ouvidos. Minha curiosidade estava vivamente excitada. Não me pude eximir de perguntar-lhe:

— Mas de que você vive aqui, Umbelino?

— Eu vivo de caçar emas. Como as côxas, que é só o que presta, e vendo as penas, quando passam comboieiros. Na sêca, passo com o que ganhei no inverno. Agua não falta, pois aqui perto fica uma cacimba que não secou nem em 1877. A gente tendo agua, tem tudo, e mais é luxo. E eu já passei aqui a sêca dos tres oitos sem que ela faltasse.

— Você não saiu daqui durante todo o ano de 1888? indaguei com espanto.

— "Inhor" não, apesar disto aqui ser um dos caminhos dos retirantes. Toda a gente que desceu do Riacho do Sangue e mesmo do Icó veiu por aqui. Eu ia todos os dias á cacimba buscar tres ou quatro pótes de agua para dar aos infelizes. Um trabalhão! E sem ter o que comer! Fiquei magro como êles.

Interrompi-o:

— Por que não retirou também, Umbelino?

Êle abriu a bôcarra noutro sorriso largo e replicou com sua heróica simplicidade:

— Eu não. Se eu fôsse embora, quem daria uma sêde de agua aos desgraçados?

Apertei-lhe a mão, agradeci-lhe a acolhida e parti. No caminho, disse ao Macário:

— O Umbelino deve ser bem velho. Já está de cabeça quasi branca.

— E' verdade — tornou o vaqueiro — negro quando pinta tres vezes trinta...

Dois anos mais tarde, voltando áquela ribeira, o Macário contou-me que o Umbelino, no começo do inverno, fôra encontrado morto, bicado já pelos urubús e vestido com o traje de casamento da mulher, de branco, de véu e grinalda...

— Êle era preto — declarei ao Macário, que me ficou olhando como quem nada entende — porem nenhum coração mais branco do que o seu.

Gustavo Barroso
Da Academia Brasileira

TERPSYCHORE

Eros Volusia, que ha pouco mais de um anno surgiu ao nosso publico como uma impressionante revelação de sensibilidade choreographica, vae reapparecer amanhã, no theatro Casino, em novas manifestações da sua arte harmoniosa e pessoal. A joven bailarina, que é filha da grande poetisa Gilka Machado, dançando, emocionando, surprehendendo com o milagre das suas attitudes plásticas, — colherá, por certo, os mesmos applausos com que a platéa do Rio de Janeiro glorificou, na sua estréa, os méritos e a belleza inquieta dessa verdadeira artista. A festa de Eros Volusia realizar-se-á ás 16 horas, estando a orchestra sob a regencia do maestro J. Octaviano.

PARLENDA

Os espanhóes costumam usar desta engraçada parlenda:

"Um homem encontra outro.
O dois brigam.
O juiz condemna ambos.
O negociante engana os tres.
O trabalhador sua pelos quatro.
O vagabundo explora os cinco.
O ladrão rouba aos seis.
O advogado defende os sete.
O botequineiro embriaga os oito.
O padre absolve os nove.
O medico mata os dez.
O coveiro enterra os onze.
O diabo carrega os doze.
E a mulher?
A mulher, essa engana todos treze..."

Para commemorar a data nacional de seu paiz, o embaixador da Republica Argentina e senhora Mora y Araújo offereceram, quarta-feira penultima, 25 de maio findo, um banquete em honra do sr. ministro das Relações Exteriores, dr. Afranio de Mello Franco. O ágape foi servido no palacio da embaixada argentina, á rua Senador Vergueiro, e nelle tomaram parte, tambem, alguns membros do corpo diplomatico, o presidente da Associação Brasileira de Imprensa e outras pessôas gradas.

NOTICIAS LACONICAS

O apregoado laconismo dos inglezes se reflecte de modo extraordinario nas proprias noticias de seus jornaes. Emquanto os nossos reporters se desmancham em commentarios sobre os menores factos da vida da cidade, romanceando até as tragedias de alcouce, os periodicos britannicos inserem notas como estas:

"John Bunell procurava em casa um escapamento de gaz com uma vela accêsa. Encontrou-o afinal. Seus funeraes realizam-se amanhã."

"Jack Mac-Luft poz a cabeça á janella do trem para vêr si elle estava com muita velocidade. O trem entrava num tunnel. Mac-Luft deixou viuva e tres filhos menores."

"O explorador Jimmy Terpuell resolveu saber si no interior do Congo Belga ainda havia cannibaes. Tanto havia que Terpuell foi assado e comido."

O novo ministro plenipotenciario da Bolivia junto ao governo brasileiro, sr. dr. David Alvestegui, ao deixar o palacio do Cattete, quinta-feira penultima, acompanhado do secretario da legação, dr. German Chavez, do introductor diplomatico, dr. José Roberto de Macedo Soares, e do tenente Amaro da Silveira, ajudante de ordens do chefe do governo provisorio, depois de ser recebido, para entrega de credenciaes, pelo dr. Getulio Vargas.

Bento de Campos é dos raros nomes da nova geração literaria da Bahia, que estendem, até a metropole, a sua projecção. Explica-se: jornalista, chronista e poeta, militando na imprensa, — desde que publicou «Rosa Morena», o seu poema encantador, conseguiu um ruidoso successo, nos meios intellectuaes e mundanos da capital bahiana, repercutindo no Rio. A sua arte é fina e revela um poeta de «élite», que ainda agora se reafirma, de modo inconfundivel, nas paginas de um lyrismo elegante, moderno, de «Palavras em surdina» — o seu ultimo livro.

BASTOS PORTELA: — *Seu livro chegou-me numa tarde cinzenta, quando eu collecionava os meus desenganos com uma paciencia de asceta.*

Nessa tarde, exilando-me da minha philosophia, que é o anteparo de todas as insidias que me torturam, acolhi Uma "garçonne" carioca com o melhor dos meus sorrisos. Desilludida da humana bondade, sentindo um tedio que me permeava todas as cellulas, deixei-me absorver pela amavel leitura do seu livro.

E' em verdade, um optimo livro. Você me surprehendeu. Habituada aos lyrismos do Suave Enlevo e as perfidias das respostas do Yves, nunca eu poderia suppôr que você tivesse guardado por tão largos annos e com tanta avareza os seus talentos de psychologo.

Não descubro as razões desse mysterio. Analysta minudente de almas, argumentador convincente, sceptico profundo, você trata o romance da sua Lucinha — a personagem central do livro — com uma mestria admiravel.

E as theses que você desdobra são todas verdadeiras.

E são perfeitos os typos que você compõe. E os seus argumentos ferem a vida moderna com uma agudeza de setta.

Ha muita realidade nos seus dialogos. A frieza e o cynismo que solapam a sociedade contemporanea são desoladores. Arrumando a nossa vida interior, soffrendo ansias insatisfeitas de caracteres impuros, nós, os sinceros, morremos de desespero sob o espirito especulativo dos bastardos. Esse mundo externo de vaidades, com os seus vicios logicos e as suas grandezas miseraveis, tem sempre explicação para os effeitos temporaes de todas as ignominias.

A condição fatal e invencivel da humanidade é a razão de tudo.

O mundo está cheio de Lucinhas, de Claudios, de Mottas e de "coroneis"...

Tambem conhecemos muitas familias honestas, que possuem tios velhos, para auxilio dos seus confortos e pagamento das suas dividas...

São engenhos confessaveis que podem solver alguns problemas...

A sua guerra ao feminismo é o unico ponto que nos bifurca. O feminismo, Portela, não será o porta-estandarte de uma falsa honestidade, como você insinua. As mulheres protegidas por "coroneis" devem viver em todas as classes. Até mesmo no seio protector de maridos displicentes abrigam-se amigos generosos dos lares... Não se revolte contra as legitimas feministas, meu caro confrade.

Ha-as falsas como em todos os ramos da existencia. Mas, a concepção perfeita do feminismo está longe da visão estreita, material e exploradora que você tenta abeirar.

As feministas engenhosas dirigem os seus vôos para os horizontes limitados das suas necessidades banaes.

Serão mulheres laboriosas. Talvez accumuladoras de varias funcções... Mas, não representarão nunca os pontos de vista constructores do edificio maravilhoso de emancipação da mulher. Feminista protegida é mulher captiva. Não corresponde ao esforço da sua luta. Porque póde alguem pedir, até mesmo o obulo sagrado de um pão. Pedir é triste, mas não é aviltante. Vender-se, porém, é miseria negra que dóe até ás pedras.

Renuncie, você, á razão illogica do seu feminismo. Si lhe apontarem varias mulheres funccionarias publicas, ou portadoras de titulos scientificos, amparadas aos guarda-chuva de velhos "coroneis", não se esqueça da falsidade de certas humanas attitudes.

Ha falsos escriptores, falsos mendigos, falsos banqueiros. Por que não haverá falsas feministas?...

Seria deshumanizar a mulher...

Tudo se requinta. Os aspectos delicadissimos da questão de emancipação da mulher terão de mudar, de se colorir, de tomar uma nitidez purissima para encerrar, então a sua finalidade.

Gostei muitissimo da sua estréa como romancista. Você compôz

(Conclúe na pag. seguinte)

Sylvia Moncorvo

O joven jornalista de S. Paulo Gilberto Severo Mello, que se dedica ao estudo das restantes tribus aborigenes do seu Estado e que tem prompto sobre ellas um livro interessante sob o titulo «Caincang».

PHILOSOPHIA...

Um burro carregado de caçambas caminhava pelo meio duma estrada de pouca largura. Atraz delle, fonfonava um Ford de modelo antigo, pedindo insistentemente passagem. Mas o jumento não lhe dava a menor importancia e continuava seu caminho, interrompendo o transito. Por fim, o *chauffeur* perdeu a paciencia, aproximou o carro do asno e, segurando-o pelo rabo, o desviou passando adeante e dizendo:

— Sae d'ahi, ó mula! Não vês que isto é um automovel?

O irmão burro lançou-lhe um olhar zombeteiro e retrucou philosophicamente:

— Si isso é um automovel, eu sou um cavallo de corridas puro sangue...

UM ESCRIPTOR CONSAGRADO

A literatura de viagem foi, sempre, um genero ingrato e difficil para os escriptores. Apesar da emoção que offerece o encanto das paizagens novas, os homens de letras acham sempre arido escrever sobre outras terras e outras gentes. Dahi a falta de belleza que geralmente encontramos nos livros desse genero. Berilo Neves, que é um dos espiritos mais scintillantes e mais admirados do Brasil actual, depois de publicar duas obras em que se affirmou um «conteur» de imaginação exuberante e estylo vigoroso, apresenta, agora, um livro de viagem — «Pampas e Cochilhas», onde soube verter alguma coisa nova do velho processo literario que consagrou a prosa rica de Pierre Loti. E' um volume sobre o Rio Grande do Sul, que o autor viu e sentiu, deslumbrado, através de uma excursão de cinco mezes pelas terras dos pampas. Chronicas leves, amaveis, rutilantes como o talento de Berilo Neves, que está, duplamente, de parabens: pelo seu novo livro, e pela quinta edição de «A costela de Adão», que acaba de sahir, para confirmar, victoriosamente, os grandes meritos e a grande acceitação da obra do consagrado escriptor brasileiro.

Torre de Babel

(Conclusão)

uma obra prima de critica a essa gente gozadora que desvirtua a belleza da vida.

Escreva novos livros. O seu lugar na literatura brasileira está marcado entre os grandes escriptores de livros reaes e que se integram na craveira dos Balzac e dos Flaubert. Lucinha é, hoje, minha conhecida, e tão recordada como a Ema, de Flaubert, ou uma heroina de Balzac de quem não nos esquecemos nunca.

Chronista, poeta, romancista ou levemente graphologo, você será sempre um bello espirito, cujo contacto nos agrada.

Devo-lhe duas horas de movimentação mental através das paginas de Uma "garçonne" carioca. Duas horas que me roubaram aos meus continuos infortunios intimos, paraphrase de um lastimavel estrabismo sentimental.

O embaixador inglez, sir William Seeds, cercado por figuras de alta representação na colonia britannica desta capital, por occasião do banquete que se realizou, ha dias, no Hotel Gloria.

TAPEAÇÕES

A galante Therezinha, filha do professor Custodio Fernandes Góes, livre docente de piano do Instituto Nacional de Musica.

OS poetas não se contentam apenas em fazer versos. Querem possuir leitoras intelligentes e lindas. E, depois de alcançar o circulo de leitoras, alimentam o desejo louco de fazer de cada uma dellas uma admiradora... Porque a vida só é agradavel, aos poetas, quando elles recebem um mundo de cartas femininas, perfumadas; quando são arrastados para uma mesa de chá; quando ouvem galanteios através do fio telephonico; quando divisam a possibilidade de um *tête-à-tête* côr de rosa... Os poetas são assim! Sonham, mas adoram, sobre todas as coisas, as doces realidades da vida.

De um, particularmente, sabemos, que tem o pessimo costume de suppôr que os seus versos devem exercer uma funcção drastica sobre o coração de todas as mulheres. Alimentando essa estranha loucura, vae rimando, vae soffrendo, vae curtindo a sua amargura, esquecido de que as mulheres não se deixam vencer apenas por palavras bonitas...

Illudindo-se por conta da propria ingenuidade, o poeta acabará immortalizado... pelo ridiculo...

A interessante garota visita diariamente o moço esculapio, no consultorio. Por systema, tem o cuidado de prevenir, pelo telephone, quando deve, precisamente, subir as escadas do predio onde o medico attende á sua clientela.

E quando chega, as portas estão abertas para acolher immediatamente a querida visitante.

Depois, os que estão na sala de espera podem apanhar uma revista, ou um romance, para aguardar a vez...

Quando um mais impaciente pergunta pelo doutor, o servente, fleugmatico, responde: "Está occupado...". O relogio anda para a frente, as horas correm e o esculapio não tem pressa em despachar a cliente de olhos verdes. Si a coisa continuar como vae, em breve o consultorio ficará vazio, e a culpa caberá exclusivamente ao moço, clinico de grande merito, na opinião dos amigos.

Si acontecer tamanha desdita, isto é, si os clientes fugirem, o medico vae vêr como a garota tambem desapparecerá... Não se trata de méro palpite, nem temos geito para adivinhar o futuro... E' antes a pratica, o conhecimento da vida, que fortalece o nosso raciocinio. Sem clientes, o dinheiro não entrará para o bolso do clinico, e sem dinheiro para a bolsa da garota, ella deixará de escalar diariamente a escada do consultorio.

Não é necessario ser phophéta para acertar no caso. Talvez muito antes do que pense, o medico terá de usar efficazes medidas para evitar o mal que o ameaça.

Geraldino, filho do sr. Dyonisio Dias Carneiro e de d. Maria do Carmo Dias Carneiro, residentes no Estado do Amazonas.

O ultimo banco dos omnibus é como o fundo de gaveta: esconde muita coisa que não convém ser vista por qualquer curioso. Por isso mesmo, o banco é assaltado por uma casta de gente *complicada*, menos para nós jornalista, que deciframos tudo á mais ligeira inspecção. Ultimamente, vamos apreciando um espectaculo mui divertido, proporcionado por illustre medalhão aposentado, que tem o habito de viajar nos omnibus que cortam o bairro de Copacabana. Quando *ella* entra em meio do caminho, o *respeitavel* cavalheiro já tem garantido um lugarzinho para a companheira de quasi todos os dias. E' lá no cantinho do ultimo banco, onde a não menos *respeitavel* senhora fica apertadinha, de encontro á parede, que elle reserva o lugarzinho.

Para que?... Para palestrarem mais á vontade? Mas, quem não percebe que as venerandas figuras tentam reviver o ultimo acto de um drama quasi perdido na noite dos tempos?... Baldado esforço, pois o ridiculo monta guarda ao ingenuo par que, no fundo de um omnibus, pensa estar isolado do resto do mundo, emquanto o vehiculo, conducção de toda a gente, róla, devorando distancias.

Quando o illustre medalhão aposentado perceber que vem monopolizando um banco destinado de direito aos jovens namorados que vivem sob a serena fiscalização de parentes zelósos, então de nada valerá o arrependimento, porque o *seu caso* estará no dominio publico.

Aqui fica o aviso, para ser evitado mal maior...

Roberto e Claudio, filhinhos do sr. Manoel Moraes e de d. Dyla Barreto de Moraes, fingindo que já são homens... A photographia foi tirada em Friburgo, durante o ultimo carnaval.

O assassinio do presidente da Republica Fránceza

PAUL DOUMER, que vem de ser assassinado em Paris, é o segundo presidente da Republica Franceza victima de um attentado. Em uma época em que as paixões politicas se entrechocavam enormemente na França, e em toda a Europa, Sadi Carnot tombou victima do punhal assassino do anarchista Caserio, em um theatro de Lyon. Agóra, em um ambiente de enormes esforços para o equilibrio da paz no Velho Continente, sem que se pudesse apresentar um motivo, ou uma convulsão politica que o justificasse, o venerando Paul Doumer, talvez o homem que mais tenha soffrido moralmente, desses ultimos 15 annos, tombou victima do attentado ignóbil de um maniaco.

«Quatro filhos mortos na guerra, em plena juventude, dos quaes 2 desapparecidos e hoje uma pobre velhinha entregue ao desespero... é demais para uma só familia!...»

Esta phrase, que ouvimos hontem, no meio da multidão, traduz perfeitamente a impressão de dôr e revolta do povo deante do estúpido crime que surprehendeu Paris. Na tarde de sexta-feira, 6 de maio, viase, em cada physionomia, o estupor, em cada olhar uma profunda magoa e, em não poucos, lagrimas.

Paul Doumer era amado, respeitado e venerado em toda França. Filho do povo, fez-se por si, á custa de enormes sacrificios, e toda a sua vida, é um exemplo de dedicação e amor á sua Patria. De 8 pessoas de que se compunha a sua familia, 5 tombaram victimas do dever; e eil-o, agora, que tomba igualmente, pagando um tributo que se nos afigura demasiado grande para uma só familia. O destino, ás vezes, tem iniquidades que nos revoltam. Emfim, praza aos céos que a sua morte possa influenciar na juventude franceza, fazendo com que ella, com a attenção despertada para a vida desse homem victima de tão abominavel crime, possa seguir-lhe os exemplos de fé e de amor. Que amanhã as camaras que estão em exercicio na França, até 10 de junho, decretem que «Paul Doumer a bien mérité de la Patrie». Será justiça, mas ainda será pouco.

Photographia do presidente Doumer feita dez minutos antes de ser perpetrado o assassinio do illustre chefe de Estado francez, e no momento em que s. ex. chegava ao pavilhão onde devia presidir á cerimonia inaugural da Feira do Livro. Em baixo, um dos ultimos retratos de Paul Doumer.

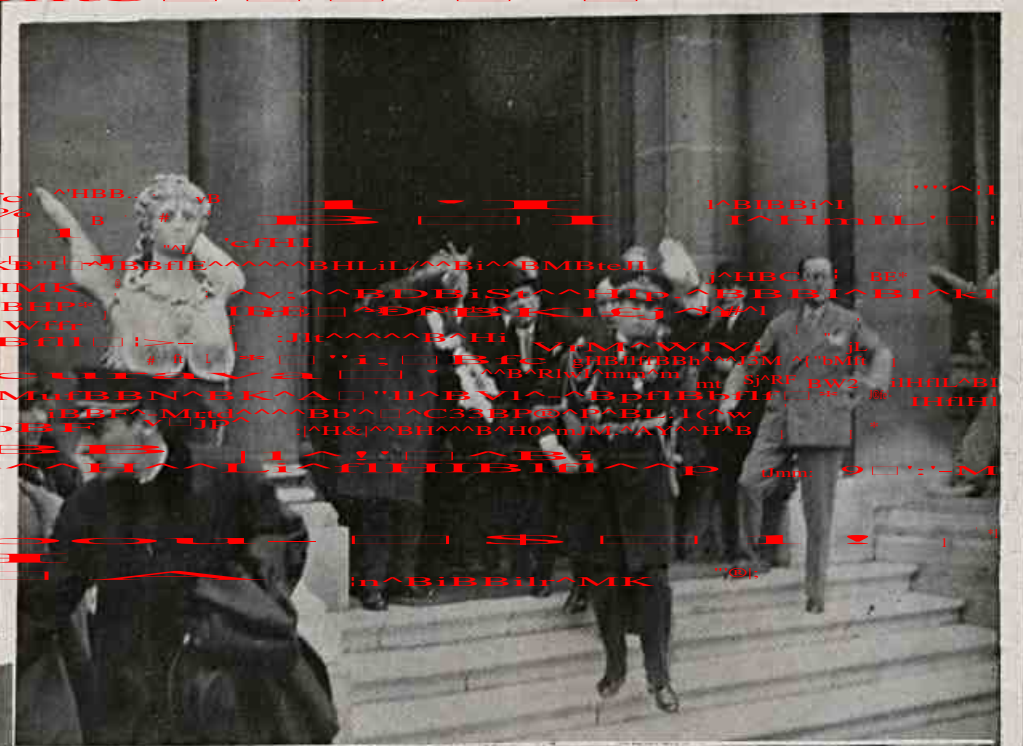
(Photos do Serviço Especial de FON - FON em Paris).

As reportagens de FON-FON na Europa

Na tarde de sexta-feira, 6 de maio, como todos os annos, o presidente da Republica deveria inaugurar, nos salões do Edificio Rothschild, 11 rue Beyer, a venda de livros dos escriptores, antigos combatentes. A's 15 horas dava elle entrada no edificio e, em companhia dos srs. Guichard, Petri, Ribes, Reynaud, Paul Schack, Charmy e Claude Farrere, visitava os «stands». Chegando em frente ao da venda das obras de Claude Farrére, predispunha-se elle a comprar um livro, quando um homem, que se achava quasi que a seu lado, sacando de uma browning, descarregou-a, á queima roupa, contra Paul Doumer, que tombou, inanimado, emquanto Claude Farrere, Guichard e Lebric procuravam desarmar o assassino, homem fortissimo e corpulento, que só se deixou dominar após grande luta, e após haver ferido a bala os dois ultimos. Emquanto um grupo de agentes se apossava do assassino, Paul Doumer era immediatamente transportado, no seu proprio automóvel, para o Hospital Beaujon. O venerando estadista recebeu 2 balas, uma na base do craneo, do lado esquerdo, abaixo da

(Conclúe na pag. 36)

"FON FON" NA EUROPA. O ASSASSINIO DO PRESIDENTE DOUMER

Ainda está na memoria de todos o recente crime praticado na pessôa do presidente da Republica Franceza, sr. Paul Doumer, victima de bruta attentado quando visitava a secção de venda de livros dos ex-combatentes, na tarde do dia 6 do mez ultimo. Publicamos, na nossa edição de hoje, desenvolvida reportagem photographica desse tragico e doloroso acontecimento, a qual nos foi enviada pelo Serviço Especial de FON-FON em Paris. Vêem-se nas gravuras os seguintes aspectos: o presidente em seu leito de morte. Os membros da comitiva presidencial transportando o aggravado estadista, logo após o attentado, para o automovel que o conduziu ao Hospital Beaujon. O automovel transportando o corpo do presidente francez quando da entrada no palacio de L'Elisée, na manhã do dia 7 de maio. O escriptor Claude Farrère, que foi ferido no momento em que procurava defender o presidente, deixando o hospital, uma hora após a operação a que se submetteu. Os srs. Tardieu, presidente do Conselho, e Reynaud, ministro da Justiça, deixando o Hospital Beaujon para visitar o presidente ferido. O marechal Franchet d'Esperey, no recorte, depois de visitar o chefe do Estado da França. Flagrante de multidão, no boulevard des Italiens, disputando as edições dos vespertinos que noticiaram a sensacional occorrencia do dia, em Paris.

(Photographias do Serviço Especial de FON-FON em Paris).

arcada-zycomatica, traspassando os tecidos, e outra na espadua direita. Dada a enorme perda de sangue e a avançada idade do presidente, 4 transfusões de sangue foram realizadas. Mal grado as intervenções cirurgicas e todos os esforços empregados pela sciencia, ás 2 hs. da manhã do dia 7 entrava Doumer em agonia, vindo a exhalar o ultimo suspiro ás 4 horas e 27, precisas, rodeado por pessôas de sua familia, membros do Ministerio e amigos intimos.

Paul Gorguloff, o assassino, é russo. Nasceu em 30 de junho de 1895, em Beravisnaia, no Caucaso, sendo medico diplomado pela Universidade de Praga, casado com uma suissa e residente em Monaco. Conduzido ao commissariado, as suas declarações foram as mais contradictorias, parecendo tratar-se de um maniaco, ou, então, de um admiravel comediante. No primeiro interrogatorio, declarou:

«A França auxilia o bolchevismo. Toda a Europa é contra a minha patria!...» E nada mais conseguiram delle, que ora resmungava, ora ria, ora chorava.

No segundo interrogatorio, mais calmo, deante de todas as perguntas tinha sempre uma phrase, que era a sua obsessão: — «O' minha patria querida, morro por ti!...» Em dado momento, declarou — «Nada tenho contra o presidente, mas quero que a França declare guerra ao bolchevismo russo»... «A França auxilia o bolchevismo».

Segundo o inquerito feito, Gorguloff havia sido expulso da França por exercicio illegal da medicina, indo residir em Monaco, mas vindo com falsos papeis, constantemente, a Paris. Intitulava-se escriptor, mas as suas obras publicadas em verso, desconhecidas e em numero escasso, denotam um desequilibrio mental enorme. Em seu poder encontrou a policia 2 revolvers e pilulas de sublimado corrosivo. Interrogado sobre isso, declarou que, no caso de um falhar, tinha o outro revolver e, si ambos falhassem, tinha as pilulas para se envenenar. Encontrou a policia, ainda, na sua bagagem, um caderno, manuscripto, intitulado: «Memorias de Paulo Gorguloff, assassino do presidente da Republica Franceza», o que prova a premeditação do attentado.

Será elle realmente um maniaco, um desiquilibrado? E' o que se depreheude, mas ficámos de reserva, acceitando mais a hypothese de um admiravel comediante, uma vez que assistimos ao seu 2.º interrogatorio. E que se deve pensar da declaração formal de um homem como Millerand, antigo presidente da Republica, cheio de responsabilidades? Millerand, ao sahir da visita ao corpo de Paul Doumer, disse aos jornalistas:

— «As informações pessoaes e privadas que recebi, permittem-me affirmar, da maneira mais categorica, que o assassino do presidente, pertence ás forças regulares bolchevistas!»

Que deducção se deverá tirar de tão importante insinuação?

O futuro dirá.

Nos termos do artigo 7 da Lei Constitucional, de 25 de fevereiro de 1875, o interino do poder Executivo deve ser o presidente do Conselho. Logo, mr. André Tardieu será o presidente interino da Republica. Mas isso por poucos dias, pois a mesma lei estipula que deve elle convocar, com a maior urgencia, as duas camaras em Versailles, afim de, em assembléa, elegerem o novo presidente. Ora, o Senado e a Camara franceza estão em vias de renovação, pelas eleições, sendo, portanto, os elementos que deixam o poder a 1.º de junho, deante do resultado do pleito, que elegerá o novo presidente. Isso causará enorme confusão nos observadores da politica nacional. A eleição do successor de mr. Doumer, na qual tomará parte a Camara que se vae, e onde a maioria politica não será talvez a mesma da Camara que virá, poderá trazer um enorme conflicto politico e um desastre para o governo de depois do 1.º de junho. O caso é melindrosissimo. O que é certo é que mr. André Tardieu vem de convocar as camaras em Versailles para o dia 10 de maio, afim de se eleger o novo presidente.

A emoção em toda a Europa, e os telegrammas e noticias que chegam do estrangeiro a Paris, provam de sobejo o quanto esse ignominioso, esse covarde assassinio de um homem de mais de 70 annos de dedicação e esforço á sua patria revoltou e indignou quantos conheciam a figura nobre de Paul Doumer.

E, nós, brasileiros, não podemos deixar de render um preito enorme a esse homem, dentro da grande emoção que sentimos, da dor, mesma, pela sua perda irreparavel, pois com elle desapparece um nosso amigo sincero, um nosso admirador enthusiasta, que tantas vezes externou esses sentimentos pelo Brasil. Ainda ha poucas semanas, o FON-FON, em edição especial do seu anniversario, publicava a photographia do illustre presidente morto, quando visitára o Brasil, visita que elle trazia constantemente á conversação, repassada de palavras carinhosas e amigas.

Em Paul Doumer o Brasil perdeu, talvez, um dos seus maiores amigos e admiradores.

BRICIO DE ABREU

O ASSASSINO DO PRESIDENTE DOUMER

Gorguloff, o assassino do presidente Doumer, ao chegar ao commissariado de policia de Saint Philippe de Roule, e quando alli fazia as suas primeiras declarações, após o grande crime que abalou e consternou Paris, na tarde de 6 de maio. As photographias desta pagina mostram o estado em que ficou o criminoso, devido ás tentativas de lynchamento por parte do povo indignado.

(Photographias do Serviço Especial de FON - FON em Paris).

FONTES, O SABIO

INFELIZMENTE, é uma classe reduzida dos nossos patricios — medicos em geral e intellectuaes, amigos das sciencias — que sabem possuir o Brasil, no campo da microbiologia, um nome equivalente a Santos Dumont e a Ruy Barbosa, pelo seu valor e prestigio mundial.

Esse nome é o sabio Antonio Cardoso Fontes, ou simplesmente — o professor A. Fontes, o descobridor da filtrabilidade do ultravirus tuberculoso. Assignalando esse facto, lamentamos que o prof. A. Fontes, a quem os centros medicos da Europa e da America rendem as maiores homenagens, citando como a maior autoridade universal em tuberculose não tenha, até aqui, merecido da parte dos brasileiros o culto e admiração que lhe devem. Fontes, que em qualquer parte do mundo já teria uma estatua e o seu nome em uma rua, é, no Brasil, simplesmente, o professor Fontes, do Instituto Oswaldo Cruz. Mas dirão:

— Santos Dumont, Ruy Barbosa e Oswaldo Cruz tambem não possuem estatuas em praça.

Sim. Mas que ao menos o nome de A. Fontes seja apontado á mocidade brasileira como uma gloria nacional. Si Fontes fosse politico, e não fosse apenas esse mago admiravel do laboratorio, certamente estaria á frente de um ministerio, na peor das hypotheses. Elle é, porém, um scientista, um homem de grande saber. Explica-se o facto de viver na penumbra.

O professor A. Fontes, numa edição franceza, luxuosa, editada por Masson & Cie, de Paris, acaba de publicar L'Ultravirus tuberculeux. Esse trabalho, que foi divulgado no mundo inteiro, está obtendo o mais franco successo, entre os meios medicos da Europa, notadamente na Allemanha e na França.

Fontes pode sorrir para a indifferença dos seus patricios. — B. P.

O grande tysiologo brasileiro, prof. Cardoso Fontes.

O CANGERÊ

(A Theodomiro Gaspar de Almeida).

—

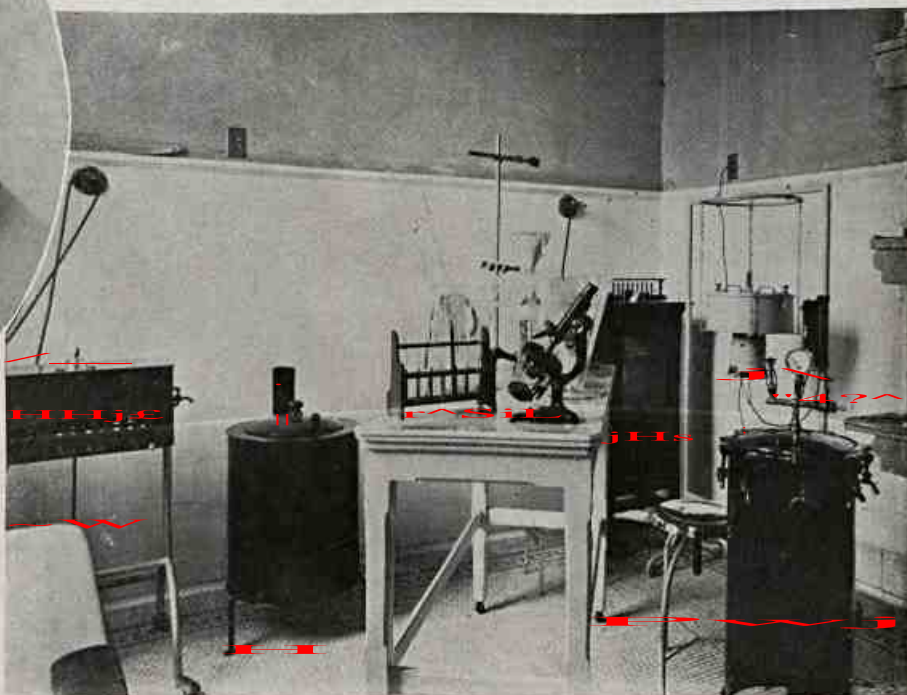
de RUY CORTES

Tosco, á beira da grota, esfuma o rancho oblongo,
Cujo aspecto bacento é funebre, de tumba.
Dentro, surdo, alta noite, o bate-pé retumba,
Lento, no cangerê dos moambeiros do Congo.

O mestre, um negro velho, o chefe da macumba,
Fala a Cabonde — o guia — e solta um grito longo...
Faz piruêtas e ginga e, gingando, no jongo,
Bate o pemba a pedir que o inimigo succumba.

Uma creoula, que accende a véla e urde a mandinga,
Funga, resmunga e dança e ora canta e ora xinga
E outras rezem, de roda, em voz rouca e abafada...

E, emquanto rumoreja o macabro alvoroço,
Santo Antonio é amarrado ali pelo pescoço
E enche o ar um cheiro máu de polvora queimada...

O professor Oscar Clark, lente da nossa Faculdade de Medicina, reune a uma extraordinaria cultura e capacidade clinicas o amôr mais devotado á sua profissão e aos recursos que ella offerece no seculo em que vivemos. A installação do primeiro Centro de Exames Periodicos de Saúde, que esse illustre homem de sciencia acaba de fazer, representa, sem duvida, obra de rara benemerencia, pois permitte, a todas as pessôas, mesmo apparentemente sadias, conhecer o estado preciso de sua saude e descobrir, na origem, males que mais tarde se tornariam incuraveis e fataes. Nosso clichê representa um aspecto das modernas installações de pesquiza clinica e de laboratorio realizadas pelo prof. Clark, que se vê ao alto, em medalhão.

DA FELICIDADE

Existirá realmente a felicidade? Pergunta que os momentos de afflicção nos inspiram.

Incontestável, a humanidade não se satisfaz com as "pequeninas coisas que a bôa sorte lhe dá. O que nos cabe está sempre aquém do nosso merecimento. Sinceramente, talvez ninguem se considere favorecido, mesmo no que se não esforçou por conseguir.

A PROCISSÃO DO CORPO DE DEUS

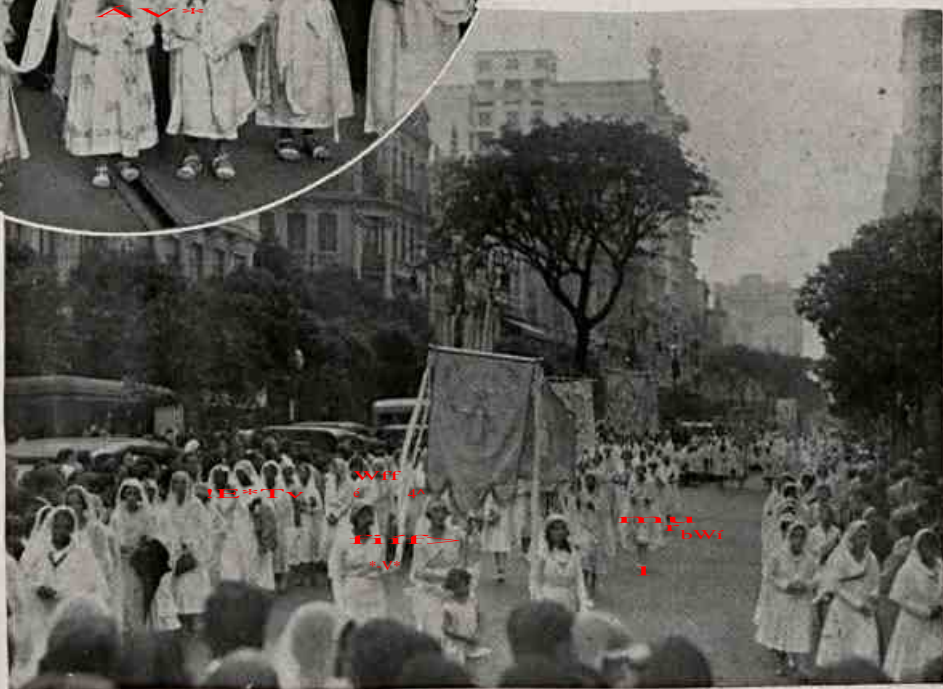
Constituiu um grandioso acto de piedade christã a tradicional procissão do Corpo de Deus, que domingo ultimo percorreu as ruas centraes da cidade. Composta das principaes irmandades, ordens e congregações religiosas, a multidão processional desfilou por entre alas de fieis, emquanto outros a iam en-

Os mais aquinhoados, com posições e fortuna, são os que mais desejam, dando logar ao egoismo e á inveja daquelles por que se suppõem supplantados.

Vivemos todos á procura da felicidade, sem sabermos se algum dia a encontraremos.

Onde estiver quem sempre viveu indifferente ás ambições, ahi estará tambem a felicidade.

ALEXANDRE PASSOS

Passando com o seu acompanhamento desde a sahida da Cathedral, até o seu recolhimento. Mais uma vez, a população carioca testemunhou, do modo mais eloquente, a sua fé religiosa, assistindo, com reverencia e contricção, ao solenne desfile do cortejo conduzindo Jesus Sacramentado. Os nossos flagrantes focalizam os aspectos mais expressivos da imponente procissão do Corpo de Deus.

A exma. sra. Darcy Vargas, esposa do chefe do governo provisorio, compareceu, sabbado passado, á séde da Associação Brasileira de Imprensa, para presidir á cerimonia da entrega da quantia de oito contos de reis que a Companhia «Assecurazioni Generali» de Trieste e Veneza, commemorando o primeiro centenario de sua existencia, destinou a varias instituições de caridade do Rio de Janeiro. Dessa importancia, coube a somma de tres contos ao Retiro dos Jornalistas. São dois detalhes dessa festa de benemerencia o que fixam as nossas photographias, nas quaes apparecem, além da exma. sra. Getulio Vargas, o embaixador da Italia, os representantes da Companhia Assecurazioni, o presidente da Associação Brasileira de Imprensa, dr. Herbert Moses, jornalistas e outros convidados.

Grupo das pessôas que participaram da festa litero-musical, realizada com brilho artistico e mundano, segunda-feira ultima, no Salão Nicolas, em homenagem á Cruzada Nacional de Educação e promovida pela poetisa sra. Elsa Machado, que apparece na photographia juntamente com o maestro J. Octaviano, o poeta Paulo Barros e o escriptor Reis Carvalho, chronista de arte de FON - FON.

APPLIQUE-SE O CONTO

Um jornalista hispano-americano, referindo-se á mutação de scenario politico da Espanha actual, escreveu estas sabias palavras: "Apesar de todas as apparencias e do innegavel impulso que certos elementos deram á grande mudança realizada, insisto em affirmar que a monarchia não foi derrubada por ninguem, sim cahiu por si mesma. Mais exactamente: as forças hostis á monarchia não a teriam vencido com tanta facilidade si as forças que pareciam sustental-a não fôssem um verdadeiro mytho..."

Applique-se *el cuento* a um outro paiz nosso conhecido e verificar-se-á que o phenomeno foi o mesmo, *mutatis mutandis*...

No salão de conferencias da Escola Nacional de Bellas Artes realizou-se, na semana passada, a solennidade inaugural do Instituto Catholico de Estudos Superiores, que, por iniciativa do Centro D. Vidal, e sob a direcção do dr. Alceu de Amoroso Lima (Tristão de Athayde) acaba de ser fundado nesta capital. Compareceram á cerimonia o cardeal d. Sebastião Leme, o núncio apostolico, o ministro da Educação, o reitor da Universidade do Rio de Janeiro e outras pessôas gradas.

Sua eminencia o cardeal d. Sebastião Leme, cercado pelos peregrinos pernambucanos ora nesta capital, sob a chefia do conego Carneiro, que sexta-feira penultima visitaram o chefe da Igreja Catholica no Brasil, no palacio S. Joaquim.

O doutorando de medicina Raphael Franco de Mello, que acaba de ser recebido na Sociedade Acadêmica de Medicina e Cirurgia, onde realizou interessante conferencia sobre «Ulcus Duodenal».

A sra. Alexandrina de Mello Leal, esposa do illustre actor portuguez Carlos Leal, primeiro elemento da Companhia que occupa o theatro Carlos Gomes, é, tambem, uma brilhante figura da arte de além-mar.

O sr. Luiz Mariti, alto funccionario da Standard Oil C.°, onde exerce o posto de chefe de departamento, e goza de muita estima por parte dos seus collegas.

Fabio Leonel de Rezende não é apenas um dos nossos mais brilhantes cultores do direito, porque já agora conquistou tambem a sympathia dos meios literarios com a publicação recente do livro de versos, «Arvore velha», recebido com applausos pela critica, que saudou com enthusiasmo o apparecimento de um poeta de raça.

PINGOS D'AGUA

A chuva canta na rua, tristemente...
Como a sua voz parece o gemido da
[gente!

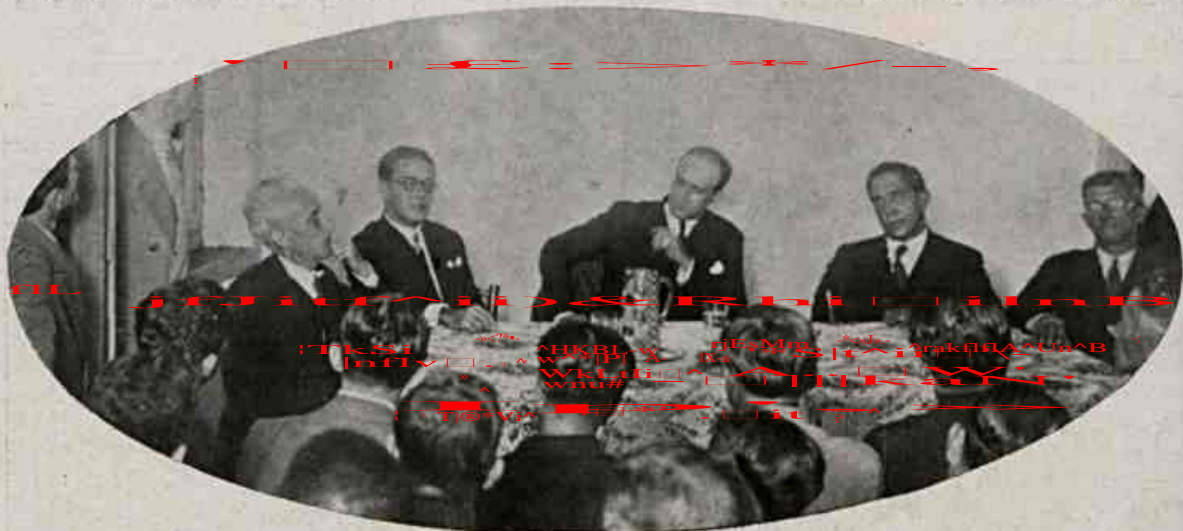
Acordei com esta chuva no telhado...
E ouvindo-a, a sós, lembrei-me do
E de alguém... [passado,

— Tambem
as altuias
Cantarolam desventuras!

A vida, em tudo, tem um mesmo fado!
Um presente que chega... a fuga de
[um passado...
Depois...
as lagrimas...
Os dois...

A chuva chora na rua, tristemente...
Como a sua voz parece o gemido da
[gente!

Simões de Menezes

O dr. José de Araujo Coutinho Junior é o festejado autor dos «Pareceres», obra já em 6.ª série, e que tem merecido vivos elogios dos nossos mais eminentes jurisconsultos. O dr. Coutinho Junior acaba de ser promovido, pelo chefe do governo provisorio, a director geral da Directoria da Justiça do Ministerio do Interior

Sob a presidencia do dr. Sá Freire, representante do ministro do Trabalho, installou-se o Syndicato «Centro dos Ferroviarios da Leopoldina», que reúne a maioria dos funccionarios da importante empreza ingleza. Offerecemos aqui um aspecto da reunião, tirado no momento em que o dr. Mario Poppe, nosso prezado companheiro de trabalho, expunha os fins da associação, na qualidade de patrono do Syndicato.

FON-FON no cinema

Deliciosa

(Delicious)

FOX MOVIETONE

Direcção de David Butler

com Janet Gaynor
Charles Farrell
Raul Roulien
El Brendel
e Virginia Cherrill

A attracção americana, as possibilidades do grande paiz dos dollares continuam a ser o sonho melhor da humanidade de hoje. Cada transatlantico que atravessa o oceano, na direcção de Nova York, leva, no seu bojo, milhares de almas, milhares de creaturas visionarias, em busca de fortuna e de felicidade.

Heather Gordon perdêra, na Escossia, seus ultimos parentes, mas possuia em Idaho um tio, bem de dinheiro. A elle ia reunir-se e, viajando só, fez, desde logo, affectuosa camaradagem com uma troupe de cantores e musicos russos, despertando amor a Sascha, tambem compositor e que viu, na pequena Heather, um motivo delicioso de sentimental inspiração. Um outro amor começára a florir na terceira classe: Jansen, que se fazia passar por um millionario e viajava como tal, descobriu Olga e logo por ella se apaixonou, dando repetidas provas de sua ternura exuberante. Para Sascha, porém, o amor se traduzia em musica e compoz *Delishious*, que dedicou a Heather.

Era preciso tocar e cantar a canção. Resolveram os dois penetrar, ás escondidas, na primeira classe, á procura de um piano, mas são descobertos por um "garçon". Despistam-no, fogem, e Heather vae encontrar asylo quasi no porão, na cocheira occupada por um bello animal. Ahi a vae descobrir Larry Beaumont, campeão de polo, que soffre incontinenti a influencia do seu encanto de menina e de mulher. Com o prestigio de passageiro de primeira classe leva-a a reunir-se a Sascha, para ouvir *Delishious*. Sascha canta e se acompanha, mas a sua linda canção aproveita a Larry e não a ella... Larry, porém, é afastado de junto dos dois por Diana, sua noiva e sua mãe sra. Van Bergh, companheiras de viagem e, como elle, figuras de alta sociedade.

Heather vive desde aquelle instante dentro de um encantamento. Vae passar sua ultima noite a bordo; deita-se, custa a adormecer e quando adormece é para sonhar. E sonha que Nova York.

Raul Roulien, o grande artista brasileiro, vencedor de Hollywood.

Um creado complicado.

Um noivado encrencado.

Um encontro perigoso.

Amôr de artista.

por todas as suas personalidades e instituições representativas, lhe faz festiva e principesca recepção... Quando desperta, está o navio atracado ao cáes. Deve apresentar-se ao commissario da immigração e delle ouve, aturdida, que o tio de Idaho está em pessimas condições de fortuna, não a poderá manter e assim, vae ser recambiada para o porto de origem... Jansen, o apaixonado de Olga, illude a vigilancia que sobre ella se exerce; Heather foge, mas não póde, de modo algum desembarcar. Em certo momento, escorrega por um plano inclinado e vae cahir dentro do box de Pancho, o animal de Larry. E com elle é levada para a casa em festa do sportman. Ali é encontrada por Jansen, que não passa de creado grave de Larry e a occulta em um quarto do andar superior. Jansen é o mais desastrado dos homens, si alguma coisa tem de simular. Depressa Larry conclue que ha alguem escondido na sua casa e, afinal, descobre Heather. E' meia noite. O amor que um sente pelo outro não póde mais ser encoberto, e Heather, sentindo falsa a sua situação, foge pela manhã e vae reunir-se á troupe de musicos e cantores russos, á qual se incorpora. Trabalha a troupe russa com enorme successo em um dos caba-

(Conclue na pag. 54)

«En-tete»-perigoso.

A FALSA MADONNA

(The false Madonna)

DA PARAMOUNT

com Kay Francis, William Boyd e Conway Tearle

TINA, uma moça elegante e de modos suaves, faz parte de uma quadrilha de ladrões internacionaes. De ha muito que começou a ter um profundo desprezo pela vida que leva, mas sem conseguir subtrahir-se ao imperio que sobre ella exerce Marcy, o chefe da quadrilha. Rosa e Pedro estão tambem filiados ao bando, e alegres e brincalhões como são, nem por isso se furtam a ajudar os companheiros quando se trata de "depenar" alguma victima abonada.

Castigando o audacioso.

Esclarecendo uma situação.

Marcy continúa a usar o titulo de doutor, que lhe cabe, por ser graduado em sciencias medicas, se bem que a violação frequente da ethica profissional já ha muito o tenha inhibido de exercer a medicina.

Viajando num trem, é reclamado um medico, e Marcy, attendendo ao chamado, descobre que a mulher a quem soccorre, em periodo de agonia, é uma senhora que por todos os meios a justiça tem chamado, afim de lhe entregar a parte que lhe cabe numa avultada herança. Quando, mais tarde, essa mulher vem a morrer, Marcy fal-a enterrar secretamente, antes que venha a espalhar-se a noticia da sua morte, e obriga Tina a fazer-se passar pela fallecida e reclamar, em vez della, a herança annunciada.

Por effeito do processo judiciario, o detentor da fortuna é presentemente Philip, fragil rebento da mulher que morreu. Desde creança que não vê sua mãe, que, nesse periodo da sua vida, o abandonou, a elle e ao seu marido, varias vezes millionario.

Assim, quando Tina apparece, Philip está longe de suspeitar que ella não seja a sua verdadeira mãe. Além do que, Tina, affavel e captivante como é, depressa cáe nas sympathias do rapaz. Por outro lado, Philip é tão distincto, tão ingenuo, tão nobre, que Tina depressa se sente presa a elle por uma especie de amôr maternal.

Ha, porém, um homem que não se deixa illudir com as apparencias do caso: é Grant Arnold, o representante do testador, e assim, quando Philip entrega a Tina um cheque de 50.000 dollars em pagamento do quinhão de sua mãe, dinheiro esse que Tina pretendia levar a Marcy no dia seguinte, elle a detem num corredor e despedaça o cheque. Tina vem então a comprehender que Grant tudo sabe da fraude e do papel que ella tem representado.

O audacioso ladrão queria vingar-se.

Irritado com a demora do dinheiro que espera, Marcy exige a Tina que o arranque de Philip no dia seguinte, seja por que meio fôr. A rapariga concorda, mas logo resolve arranjar o dinheiro de outra parte, afim de não se perder no conceito do rapaz.

Nessa mesma noite, Philip morre nos braços de Tina e as suas ultimas palavras são aquellas que tantas vezes os seus labios desejaram pronunciar: *Minha Mãe!* Esse acontecimento tragico mais ainda aperta os laços de sympathia que vem prendendo Tina e Grant. A rapariga, de bôa indole, tendo sentido agora as alegrias de um amôr sincero, verga ao peso da sina terrivel que lhe impõe o seu criminoso passado.

Marcy apparece ao dia seguinte e de novo lhe exige o dinheiro. Vindo a saber da morte de Philip, desvaira-se de colera, uma colera que Grant mais accende, declarando-lhe que conhece o seu passado e já chamou a policia para que lhe tome contas. Marcy puxa de um revólver para atirar sobre Grant, e Tina interpõe-se. Nesse momento, alguem bate á porta. Marcy, acreditando ser a policia, procura escapula por uma janella proxima.

Abre-se a porta e entra calmamente um copeiro.

Tina, agora salva de Marcy, resgatada do crime para sempre, abraça-se com Grant, que lhe conhece o coração, e lhe promette a felicidade dora avante.

Ligando dois corações differentes.

Idiosyncrasias dos artistas cinematographicos

Seria contrario á natureza humana se as pessôas não differissem entre si com suas excentricidades e peculiaridades.

Cada individuo tem maneirismos e costumes differentes que o collocam numa classe de per si. Na verdade, essas pequenas peculiaridades são, habitualmente, os caracteristicos principaes de distincção entre uma forte personalidade e outra fraca.

Da mesma fórma, as idiosyncrasias dos actores cinematographicos constituem topico, aliás importante, para uma pequena dissertação no presente artigo.

Por exemplo, Joan Crawford nunca usa pó de arroz quando sahe a passeio.

Robert Montgomery, quando está falando pelo telephone, rabisca garatujas em papeis que estejam ao alcance de sua mão.

A mania dos enigmas de palavras cruzadas com os quaes, actualmente, já quasi ninguem se incommoda, ainda é objecto de attracção a uma artista que não passa um dia sem os decifrar. Essa artista é a encantadora Leila Hyams.

Claire Gadle costuma fumar grandes charutos e cigarros em seus films... mas não em sua vida privada. Elle é um grande amigo de cachimbos e tem cerca de cem delles em differentes estylos.

Marie Dressler jamais se interessa pelas modas de chapeus. Ha varios annos usa continuamente o mesmo estylo.

O que usa é o typo pequeno e bem apertado na cabeça. Quando os chapeus grandes estão em voga, Marie, naturalmente, está fóra de moda. Mas, actualmente, como os pequenos são os preferidos, Marie Dressler está ganhando grande credito por estar em conformidade com a ordem do dia... Quando, na verdade, ella está apenas seguindo seu costume antigo!

Marion Davies não gosta absolutamente de ir cedo para a cama e tampouco levantar-se cedo...

Norma Shearer aprecia muito os sandwiches de queijo. Ha annos que ella não tem deixado de comer taes sandwiches durante o seu almoço.

Ramon Novarro tem uma superstição acerca de um "robe de chambre" que usou durante a producção "Khayyam". Só com a conservação desse "robe de chambre", Novarro tem gasto muito mais do seu valor original.

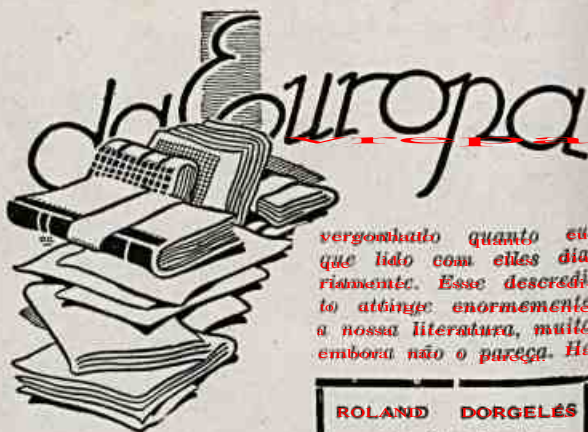
Lewis Stone, que apparece em todos os seus films como um "dandy", não gosta de fazer a barba quando não está trabalhando. Elle tem um grande prazer em trabalhar no seu rancho e deixar crescer a barba!

Reconhecendo uma innocencia.

El Brendel,

o comico adoravel

A Fox-Film apresenta com grande orgulho a revelação admiravel de um artista brasileiro que soube vencer pela sua personalidade galante, cheia de ardor, mocidade e patriotismo!

DIA 6 de JUNHO FOX ALHAMBRA

Novidades Literarias da Europa

POSITIVAMENTE, o Brasil é um dos casos mais complicados que se têm visto e difficilimo de explicar. Ha alguns annos, e até ha bem pouco tempo, ninguém falava delle aqui pela França. Só os commerciantes directamente interessados na collocação dos seus productos o conheciam. A nossa pouca literatura, a nossa exigua arte, os nossos escriptores de renome, os nossos grandes jornalistas eram completamente ignorados da França. E, no emtanto, os governos tudo faziam para que as relações commerciaes se fizessem, facilitando todos os meios. Veiu a revolução, com um formidavel programma, e todos exultamos, esperando que, com a modificação do regime, o governo não só se occupasse da parte commercial, mas ainda empregasse todos os esforços, como o fazem os nossos vizinhos, para a propaganda da nossa literatura e arte no velho continente. Essa esperança mais se accentuou com a nomeação de homens de real valor e prestigio dentro da nossa literatura para occupar postos relevantes na Embaixada de Paris. Pelo menos, excellente figura já iriamos fazer nos circulos literarios da velha Gallia. Por uma inexplicavel coincidencia, de ha um anno para cá varios editores, os melhores de França, começaram a se interessar pelo livro brasileiro, traduzindo-o e apresentando-o ao publico, que o acceita magnificamente. Deante disso, que faz o nosso governo? Nada. Deante dessa propaganda admiravel, que não nos custa um real e que nos eleva sobremaneira no conceito do velho continente, ao em vez de incentivál-a, por todos os meios, a unica medida que os nossos dirigentes acharam de grande utilidade empregar, foi prohibir que o commerciante de livros no Brasil pague aos seus clientes, promulgando uma lei que prohibe a sahida do dinheiro. E o resultado não póde ser outro sinão esse que estamos vendo: a nossa completa desmoralização. Nunca fui politico e não tenho partidarismo, mas estou certo de que, si um dos nossos homens de Estado viesse aqui em Paris conversar com os commerciantes prejudicados com essa medida, ficaria tão envergonhado quanto eu, que lido com elles diariamente. Esse descredito attinge enormemente a nossa literatura, muito embora não o pareça. Ha editores que já haviam iniciado collecções de obras brasileiras traduzidas, e que hoje não querem nem ouvir falar no Brasil ou em escriptores brasileiros. Por que? Porque têm a receber milhares e milhares de francos do Brasil, que não chegam nunca, porque o governo não o permitte. E, si, como já se propala, o governo francez resolver augmentar a taxa de importação do nosso café, ou não deixar que os consumidores enviem dinheiro para o Brasil? A França é o nosso segundo mercado de café. E' preciso acabar com isso "quanto antes"! — B. A.

Livros que acabam de apparecer

LES OEUVRES REPRESENTATIVES vêem de lançar a publico uma esplendida collecção referente ao XIX seculo composta de:

— «Le symbolisme», por Jean Charpentier.
— «Une Alchimie lyrique», por René Lalou.
— «Les Romans de l'individu», por Jean Hytier.
— «Le parnasse», por André Therive.
— «Le naturalisme», por Leon Deffoux.
— «Le theatre romantique», por Robert de Smet.
— «La pensée catholique», pelo padre Louis De Mondadon.
— «Les grands voyageurs», por Jean Giraudoux.
— «Les ecrivains de combat», por André Billy.
— «L'epoque realiste», por Edouard Maynial.
— «La fin de Paris», por Marcel Sauvage. (Denoel et Steele).
— «Les bons compagnons», romance, por Boynton Priestley. (Stock, editor).
— «Stendhal et le salon de mme. Ancelot», por Martineau. (Le Divan, editor).
— «La rançon du silence», romance, por A. Villele. (Messein, editor).
— «Les graminées», poemas, por Henri Pillionnel. (Messein, editor).
— «Les coeurs refleurissants», romance, por Roger Regis. (Fayard, editor).

Quando Leopold Stern lançou o romance *La chair a Oel* era um simples desconhecido. Dois mezes foram sufficientes para que esse volume o fizesse um dos mais populares autores em França. O editor Albin Michel, vem de lançar a 80.ª edição desse romance, que tem apenas dois mezes de vida e que é o caso de tantas e tantas mulheres, com todas as côres da emoção e do encanto.

Giovani Papini, o celebre convertido italiano, autor da "Historia de Christo" e de "Santo Agostinho" prepara, actualmente, uma formidavel *Historia do catholicismo*.

Sob os auspicios da Sociedade dos Autores da Gran-Bretanha, vem de ser fundada na Inglaterra uma liga de autores dramaticos inglezes, com o objectivo de defender os seus direitos autoraes, não só na ilha, mas em todo o mundo. Sir James Barrie, Bernard Shaw e Galsworthy estão entre os primeiros adeptos dessa liga.

Madeleine Chaumont, que nos deu o celebre "Baiser suprême", que fez escandalo ha bem pouco tempo, attingindo um successo inegualavel, vem de lançar um novo romance, que é recebido com enthusiasmo pela critica: *La grande chérie*.

O grande poeta irlandez W. B. Yeats vem de fundar, em Dublin, com o auxilio do governo republicano, a Academia Irlandeza de Lettras. Bernard Shaw e James Joyce, os maiores escriptores da Irlanda, fazem parte dessa academia, á qual deram todo o seu apoio, tendo mesmo decidido que todos os seus livros mencionassem, d'ora avante, tal coisa.

O papa acaba de excommungar mais uma obra. Trata-se de um livro de Felix Sartiaux intitulado "Joseph Turmel, prêtre, historien des dogmes". E' sabido que o padre Joseph Turmel foi objecto, por si mesmo, de uma condemnação do Santo Officio, excommungado e expulso de sua congregação por "suas publicações que *sapaient les dogmes* da religião catholica".

Bon Kiki é um livro simples, em que a sua autora, Simone Ratel, pôz um encanto maternal e onde as creanças encontram um maravilhoso conto que os diverte. Esse livro, que vem de ser lançado em Paris com immenso successo, já se acha traduzido em varias linguas.

Albin Michel, é o editor mais popular de Paris. Suas ultimas edições alcançaram um successo notavel no inicio da nova temporada. *Le Fournier de Lenine*, de Louis Dumur, um livro onde se conta a historia detalhada do movimento que teve como expoente o grande agitador russo, e *Princes de L'Esprit*, de Camille Mauclair, onde vemos os grandes espiritos de França retratados na sua propria alma, são os dois livros que mais chamaram a attenção e que mereceram da critica enormes elogios.

Tendo como padrinhos Paul Bourget e Henri Bordeaux, foi recebido, no dia 12 de maio, pela Academia Franceza, o general Weigand, eleito na vaga do marechal Joffre. O discurso de recepção foi feito por Jules Cambon, assistido por Marcel Prevost.

Bernard Shaw vem de chegar a Southampton, depois de longa permanencia na Africa do Sul.

José Maria Senna — MULHERES — Rio — 1932

NA *introducção*, o autor narra a historia da elaboração do livro: "E' habito meu dar uma volta, aos domingos, á tarde, pela Avenida das Nações. Vou até á praia das Virtudes e, de regresso, converso com Machado de Assis. Primeiramente verifico si vem alguem. Si vem, finjo lêr a inscripção: *Esta a gloria que eleva, honra e consola*. Si não vem, dirijo meia duzia de perguntas ao mestre, que as escuta concentrado na sua immobilidade. Quem me visse falar á estatua de Machado diria: *E' um doido* — e esse alguem se esqueceria de que pela manhã ajoelhára deante da imagem de Santo Onofre, rogando-lhe que o fizésse ganhar na loteria ou, ao menos, no jogo do bicho. Não peço ao autor de *Braz Cubas* nem uma coisa, nem outra. Seria inutil. Apenas, pergunto-lhe si estou progredindo na arte de escrever, ou descomponho-o por me não haver deixado, em herança, o seu talento e preparo."

Essa historia de andar um cavalheiro a falar com o bronze das estatuas realmente não abona. O autor, quando interroga, aos domingos, a estatua de Machado de Assis, deve ter mesmo a cautela de verificar si proximo está alguem... Pela *introducção*, percebe-se que o autor deve desistir da *arte de escrever*, porque ha coisas mais seductoras na vida. Tocar rabéca, por exemplo, é mais divertido.

Si o autor seguir o nosso conselho, vae vêr que a alma de Machado de Assis não mais lhe perturbará o somno.

Pois deve ser uma coisa horrivel estar alguem a perguntar ao mestre: "Que pensa do meu livro?" E elle, firme, com um fino sorriso de ironia ou piedade... Ou, então, para esta revelação: "Respondeu-me, depois, que nem bem, nem mal. Talvez pensasse mais bem do que mal. E aconselhou-me que estudasse e trabalhasse. Era possivel que, assim procedendo, viésse, num futuro remoto, a escrever razoavelmente."

Ahi está...

Embora o autor não acredite em almas do outro mundo, deve, pelo menos, perder a mania de descompôr o bronze, que nada tem com o seu caso pessoal...

J. H. de Sá Leitão — ENTRE MONTANHAS — Rio — 1931

ESTE livro, na sua maior parte, foi escripto em Therezopolis e Friburgo. Dahi a denominação: *Entre montanhas*. Entretanto, o titulo do volume nenhuma analogia tem com o conteúdo, tirante as cinco primeiras paginas, que são um hymno á belleza da Serra dos Orgãos, ao fundo da qual se destaca o *Dedo de Deus*, na sua grandiosa imponencia. Espirito observador, dotado de apreciavel cultura, o sr. Sá Leitão aproveitou a paz, a quietude da montanha, para discorrer sobre os mais variados assumptos, ferindo themas encantadores, proporcionando-nos um conjuncto de paginas de attrahente leitura.

Si o objectivo de quem escreve consiste em deleitar o espirito do leitor, fugindo á monotonia dos logares communs, o autor póde se alegrar do seu processo literario, sadio, agradavel.

Um volume interessante até mesmo no aspecto material.

General Borges Fortes — CHRISTOVÃO PEREIRA — P. Alegre — 1932

O illustre militar, conhecido autor de alguns trabalhos interessantes, traçou o perfil de Christovão Pereira, audaz bandeirante, estudando a sua ligação com a genealogia da familia Fortes. Embora as obras de tal genero despertem interesse restricto, esta tem o merito de fugir ao terreno banal, pois, esclarecendo pontos de vista historicos, o autor realça a figura sympathica de Christovão Pereira de Abreu.

Brigido Tinoco — UMA PORÇÃO DE FOLHAS MORTAS — Nictheroy — 1932

O sr. Brigido Tinoco reuniu, em volume, uma porção de palavras rimadas, uma porção de coisas que li sem infelizmente entender patavina. Para que o leitor amigo não lamente o meu *apoucamento*, aqui vae um pedaço da *Illusão* do poeta:

Foi bom que só agora eu desvendasse
Essa verdade austéra. Si antes fosse,
Talvez sentisse a vida menos doce,
Talvez me enlouquecesse o desenlace.

E eu vivi cantando no fugace
Delirio de viver. Sorri. Passou-se...
E essa vertigem que a illusão me trouxe,
Deu-me um pouco de Dante e Lovelace.

A primeira parte do livro é mais ou menos assim...

Na segunda parte apparece o poemeto *Roberto e Helena*.

Então, o autor esclarece o espirito dos leitores.

"E' bastante humilde o poemeto que óra apresentamos. Elle, por certo, não será digno dos vossos applausos. Primeiro, porque os não merecemos; e, segundo, porque a escassez do tempo obrigou-nos a fazê-lo precipitadamente. A sua historia é simples e banal. Encontramol-a em todos os romances de amôr. Supponhamos que Roberto — o nosso heróe — fosse um apaixonado occulto de Helena — a nossa heroina. Elle, poeta, mendigo. Ella, rica, invejada. Supponhamos, ainda, que Helena amasse um outro homem e que a sua mãe a impuzesse um outro ainda. E' um exemplo de corações revoltados. E' uma historia de amôr que vive em toda parte e em todos os logares onde existem a ostentação e a luxuria, a podridão e a miseria. Imaginemos, por fim, que ambos se encontrem, depois de mortos, no Imperio do Senhor. Elle, que sempre a amou em silencio e viveu no torvelinho das conjecturas, poderia, então, falar dos seus tormentos sobre a terra e sobre o que ella ignorava — o seu amôr desventurado e triste. Ella, por sua vez, que fôra rica e desejada, dir-lhe-ia, no entretanto, que tambem soffrêra e contaria a elle todo o seu poema impiedoso e malvado.

Nós começaremos, portanto, pelo fim. Este poemeto, por conseguinte, é um pseudo-corollario de todos os romances de amôr."

O leitor *imaginar* tanto para que?!... Para lêr um poema que começa pelo fim?!...

Não é esquisito?!

O autor apresenta-se munido das seguintes credenciaes: "Da Academia Nictheroyense de Letras e do Cenaculo Fluminense de Historia e Letras."

Entretanto...

Marcos Jolowitch — EU E TU — Liv. Globo — Porto Alegre — 1932 — 4$

O volume contem 86 paginas quasi em branco. Destas, quatro para offerendas e quarenta para titulos. Texto quasi infantil. Coisas assim: "Antes de te conhecer me diziam que o mundo é lindo, muito, muito lindo. E que a vida ainda é muito mais linda que o mundo. E eu não queria acreditar."

Como se vê, nem o tempo do verbo o autor sabe respeitar.

Karl May — WINNETOW — Liv. Globo — Porto Alegre — 1932 — 6$

O segundo volume do famoso romance de aventuras acaba de ser lançado pela editora gaúcha. São 380 paginas de attrahente leitura, constituindo um esplendido trabalho material.

No genero, Karl May dispensa elogios.

Papi Junior — ALMAS EXCENTRICAS — Editora Liv. Commercial — Fortaleza — 1931

Membro da Academia Cearense de Letras, Papi Junior, apesar de ser uma expressão viva da intelligencia nordestina, não logrou transpôr as fronteiras do seu Estado para um contacto mais intimo com o publico do centro e sul do paiz.

Entretanto, trata-se de um espirito brilhante, de um escriptor seguro, que tem a virtude de saber despertar e dominar a attenção do leitor. *Almas excentricas*, que acabamos de lêr, nada tem com o genero — literatura regional. E' antes um romance moderno, de idéas arejadas, cuja acção se desenvolve no ambiente do Rio de Janeiro. Os personagens estão perfeitamente definidos, e a fabulação não tropeça em artificios inverosimeis.

Um excellente livro!

Noemi Pitanga — QUEM CANTA... — Adersen, editores — Rio — 1932

A sra. Noemi Pitanga é uma escriptora cujo brilho refulge em trabalhos esparsos, publicados na imprensa. Agora, imprimiu o seu primeiro livro, traçando algumas paginas repassadas de doce lyrismo, que devem agradar principalmente aos espiritos femininos. A autora escreve com elegancia e vivacidade, deixando antever a possibilidade da realização de obras de maior valor.

Mario Poppe [assinatura]

A MALDIÇÃO DOS PHARAÓS

Do Egypto chegam noticias relativas ao descobrimento de novas tumbas pharaonicas. Commentando o assumpto, os jornaes londrinos recordam a morte de varios profanadores de tumulos egypcios. Lord Carnavon, morto no Egypto, picado por um insecto venenoso, seria a primeira victima da maldição dos pharaós.

A fatalidade de taes maldições é agora sustentada por um notavel homem de sciencia que narra o caso de um outro apaixonado archeologo de Londres que tombou, de modo impressionante, victima da maldição de uma mumia.

Trata-se de um joven scientista que descobriu uma tumba egypcia, em que encontrou duas mumias. Uma, elle enviou a Londres, secretamente. Depois seguiu para a Abyssinia, para caçar hypopotamos, e ahi, dentro de poucos dias, morria, victima de um leão.

Quando, na capital ingleza, tiveram noticias de sua morte, seus amigos abriram o sarcophago. A mumia tinha, presa ao peito, uma legenda escripta em hyenogliphos egypcios, assim concebida: "Aquelle que profanar meu corpo será morto por um leão."

SOBRE O AMÔR

Defender a liberdade do amor sincero, profundo, é combater a hypocrisia, a crueldade e o odio. — H. D'Almeida.

A ILHA DOS CÃES

A poucos kilometros da costa africana, não longe da ilha de Madagascar, encontra-se uma outra, muito pequena, exclusivamente habitada por cães. E' a ilha de João de Nova. Um navegante francez teve a curiosidade de ver essa ilha e foi visital-a. Mal, porem, tocou em terra uma quantidade de cães lançou-se sobre elle com a furia de lobos famintos.

Até agora, só se conhecia uma ilha deste genero, situada no Bosphoro. E' a ilha que os turcos utilizam á guiza de "deposito de cães" e para onde enviam todos os cachorros vagabundos de Stambull.

Quanto aos cães actualmente existentes na ilha de João de Nova, parece que são a prole de um casal alli deixado em tempos idos pelos portuguezes que, antigamente alli costumavam tocar. São cães muito fortes, bonitos, parecendo-se muito com os lobos germanos. Vivem em covas, entre as rochas, e nos bosques encontram fartura de animaes para sua subsistencia.

O QUE SE DEVE SABER

A VIDA NOVELLESCA DE W. RALEIGH

Uma das figuras mais completas e attrahentes do seculo XVI inglez. Soldado, marinheiro, cortezão, poeta, historiador, chimico, homem de acção e de imaginação... Foi, talvez, o typo mais representativo daquella época tão rica e memoravel, que nos deu Shakespeare e Bacon. Sua historia, massiça, authentica, cheia de contrastes e de peripecias, tem sido tratada em grande estylo por varios biographos modernos.

Walter Raleigh é, além disso, um personagem digno de inspirar uma alta novella pittoresca e cavalheiresca.

Raleigh nasceu em Devon, em 1552. Era o mais novo da prole. Fez bons estudos, em Devon, e depois em Oxford. Com 17 annos de edade foi a França para aprender á arte das armas e ahi bateu-se ao lado dos huguenotes. Em 1575 veiu para Londres, onde viveu entre prazeres, duelos e galanterias. Depois acompanhou a um seu irmão, fazendo longa viagem maritima, em busca de uma entrada para as Indias, pelo noroeste.

Affeiçoou-se, então, á vida do mar, affeição que já levava no sangue, como se poderia dizer.

Passou pela Irlanda, á frente de uma companhia de cem mosqueteiros que guerrearam e fizeram mil loucuras. A rainha Isabel tinha ordenado não se dar quartel aos irlandezes rebeldes e papistas. Walter Raleigh fez o que poude.

Em 1581 teve occasião de levar uma mensagem á Côrte e a rainha o recebeu muito bem. Tinha, então, 30 annos. Era bem constituido e ao seu ar marcial e altivo dava maior realce seu rico e majestoso uniforme. Era um typo eloquente, cheio de vida, e bravo. Tudo isso contribuiu para tocar aquella mulher, já em pleno outomno da vida, diz a historia.

Um gesto feliz e magnifico fêl-o conquistar por completo a sympathia da soberana. Isabel passeava, — um dia, no pateo do seu palacio quando, ao chegar a um logar lamacento, vacillou e estacou. Raleigh, despojando-se do seu faustoso manto, cobre a lama para a rainha passar. Isso valeu-lhe o melhor dos sorrisos da soberana.

Leicester era, então, o favorito da rainha, mas, já velho e cansado, não creou embaraços ao triumpho do rival. Raleigh pedia, sem treguas, e Isabel nada lhe recusava, cobrindo-o de titulos, prodigalizando-lhe graças e concessões. E elle era naturalmente insaciavel. A soberana deu-lhe dois dominios na Inglaterra e um na Irlanda. E, por fim, nomeou-o o vice-almirante e o fez cavalleiro.

Mas, a rainha, morreu e a sorte do vice-almirante começou a declinar e chegou ao extremo de permittir que Raleigh fosse decapitado em publico.

Morreu, porém, com uma calma, uma coragem que fez tremer de pasmo o proprio carrasco.

PHILOSOPHIAS...

O auto-omnibus corre velozmente, conduzindo-me á cidade. Está um dia feio, triste, recolhido. A paizagem desfila, enfadonha e monotona, levemente esbranquiçada pelo véo fino da chuva.

O Hotel Gloria esgarça, num relance a bruma da manhã, colorindo-a de amarello.

Ao meu lado, uma moça de occulos, alta e sêcca, lê devotamente um drama de Bourget. Tem um ar crispado e grave, meditativo, toda attenta ás peripecias do romance.

Nos primeiros bancos, dois passageiros discutem alto, cheios de convicção e de chamma, episodios de politica. Estão de preto e são gordos: devem ser homens de peso, respeitaveis...

O mar persegue o omnibus, espreguiçando-se mollemente no cáes, num rumor de bocejo. Uma vela, ao longe, agita a distancia. Accendo o meu cigarro, numa inconciliação repentina com a vida.

No Russel, toma o carro o meu amigo Silveira, redondinho, mellifluo, de uma elegancia indiscreta e futil. Vem para mim num riso festivo, borbulhante de phrases, encantado do encontro áquella hora matinal. Cumprimenta varias pessôas, satisfeito da popularidade.

Interessante e curioso, o Silveira!

Vive em festas e bailes, muito pontual, muito correcto beijando a mão ás senhoras e applicando aos homens, na esperta exploração da vaidade, um adjectivozinho insinúante e amavel, que lhe tem valido preciosas sympathias. Tem a preoccupação do "effeito" e do "chic".

Sorri muito, não discorda de ninguem e acha a vida *alinhada* e *dentro mundo*.

A sua existencia se escôa nos prazeres do jazz e nas intrigas das salas, trazendo-o ruidosamente occupado e feliz. E' o conselheiro dos amores mundanos, o detective dos segredos equivocos, o missionario da frivolidade. O diario de sua vida caberia num "carnet" de baile.

Tem opiniões interessantes, de um scepticismo elegante e ligeiro:

— "O amor é uma emoção delicada, que dura o instante de um fox-trott".

— "A mulher é, muitas vezes, o defeito de um lindo vestido".

Quando elle salta, já na Avenida, alegre, ligeiro, saudavel dizendo ainda coisas amaveis com o seu eterno sorriso mundano, murmuro, involuntariamente, quasi alto, sobresaltando a vizinha da viagem:

— Só o homem futil é profundo!

MANOEL IGNACIO

UMA BOA RAZÃO — Hoje, querida, sou obrigado a sahir muito cêdo, e... tu comprehendes... isto me obrigará, sem duvida, a entrar muito tarde...

DELICIOSA

(Conclusão)

rets da moda, quando, certa noite, ali vão ter Larry, Diana e a sra. Van Bergh. Larry reconhece Heather e lhe vae falar, radiante, no camarim, mas Diana e a sua mãe, que se haviam apercebido, a bordo, do romance de amor, tambem procuram Heather. E Diana quer que a troupe russa abrilhante a festa dos seus esponsaes, pois que se casa, dentro em pouco, com Larry...

Heather, voltando á casa, nada mais é do que era. Perde a alegria, a satisfação de viver, o senso da vida: nada a distráe nem as graças de Jansen, nem a dedicação amorosa de Sascha, nem mesmo a symphonia de Nova-York, a inspirada pagina musical que Mischa acaba de compôr. E, em um momento de desalento maior, sáe, põe-se a andar sem destino pela grande cidade, em que tudo se defórma á influencia do seu delirio: as casas monstruosas, as naves infinitas, o movimento inextricavel... E teria sido atropelada si um transeunte não corresse em seu soccorro. Conduzida para o posto policial mais proximo e já lucida, não esconde sua identidade. E' a immigrante que desembarcára clandestinamente e que a inspectoria procura. Quer voltar á sua Escossia lendaria, de onde nunca devêra ter sahido!

Mas Larry anda á sua procura e chega a tempo de casar-se com ella, no transatlantico em que a recambiam, encetando, então, a mais encantadora, a mais deliciosa das viagens de nupcias...

O ATRAZO

AO sahir, Mme. Divertin havia dito ao marido: "Vou provar um vestido em casa de minha costureira. Dentro d'uma hora, certamente, estarei de volta."

Eram quatro e meia; e ella devia estar lá. Ora, seis horas acabavam de soar na pendula.

— Seis horas!

O marido, que esperava, pronunciava essas duas palavras dando de hombros:

— Todas as mesmas, as mulheres! Com ellas, impossivel qualquer combinação! Tinhamos resolvido ir hoje fazer uma visita aos Gastorse. Mais uma vez transferida...

Que miseria!

Elle imprimia á voz uma especie de desprezo por aquella que era incapaz de avaliar o tempo, e, de orgulho por si mesmo, pois se julgava acima d'essa fraqueza.

Não tinha elle o requinte de chegar cinco minutos antes do encontro que lhe marcavam?

Pois, ás 6 horas e meia, a indulgencia desdenhosa deu logar á colera. Passeiava pelo escriptorio, serrando os punhos:

— Não, não, ella abusa! murmurava elle, entre dentes. Coçôa de mim...

E accrescentava, porque tinha imaginação e facilmente levava ao extremo os sentimentos:

— Ah! mas isso não irá assim d'essa maneira. De uns tempos para cá, ella me está tomando ares, de independencia, que não me agradam absolutamente. Isso precisa mudar!...

Chegado que era á parede do escriptorio, fazia meia-volta e recomeçava:

— Evidentemente, sempre fui gentil com ella. Nunca lhe recusei nada. Ella pensa que póde exaggerar. Pois bem, não. Primeiro não consentirei mais que ella vá á costureira, sem mim. Depois, prometti-lhe um annel para o anniversario, e não lh'o darei. Preciso castigál-a. Tanto peor si ella chorar! Precisa ser...

As agulhas da pendula continuavam a gyrar.

A's sete horas, M. Divertin resolveu inquietar-se de outra maneira. Elle chamou ao telephone a costureira:

— Minha mulher está ahi?

— Mme. veiu, mas demorou-se apenas uns momentos.

— Não lhe disse, por acaso aonde ia?

— Sim! Ella explicou que não se demorou, porque o senhor a esperava. Deviam ir juntos fazer uma visita a amigos...

Já não se tratava da colera de Divertin. O caso tornava-se serio e inquietante. Eram sete e quinze. Ninguem ignora que a circulação de Paris é hoje muito difficil. Os pesados caminhões e os auto-omnibus apostam verdadeiras corridas com os taxis.

Quando se desce d'um passeio, nunca se sabe si um monstro vae surgir, para nos esmagar o craneo. Por que a pobre mulherzinha não teria sido victima d'um accidente?

O marido sentou-se com a cabeça entre as mãos, elle abandonava-se a idéas pessimistas, imaginava a catastrophe:

— Varias vezes aconselhei-a a levar o endereço na bolsa. Ella não acreditava na desgraça. De certo ella perdeu os sentidos. Foi conduzida a um hospital. Só quando voltar a si é que poderá mandar-me chamar. E si está soffrendo muito! Ter um braço ou uma perna de menos, aos vinte e tres annos, seria horrivel. Revejo-a a primeira vez que a encontrei em Dinart. Ella trazia um vestido rosa!... Não, azul!... Sim, rosado!... Não, rosa era o que ella trazia no dia seguinte, quando a vi pela segunda vez... O primeiro dia ella tinha um vestido branco... Como estava bonita!... Immediatamente, agradou-me... Entrando para o club de tennis de que ella fez parte, consegui ser-lhe apresentado. Jogámos juntos... Eu era mais forte que ella, mas arranjava geito de deixál-a ganhar. Ella ficava tão contente!... Quem sabe? Sem essa malicia, ella não teria, talvez, casado commigo. Emquanto que eu não tive senão que olhál-a de uma certa maneira, e antes de dizer-lhe uma unica palavra ella respondeu-me: "Acceito." Eu não duvidava que a nossa felicidade seria tão curta. Pobre pequena! Não sei si a teria amado bastante.

Tenho remorsos, porque fui ás vezes impaciente com ella. Parecia esperta, mas no fundo era a bondade em pessôa. Deveria sorrir sempre de suas phantasias e nunca zangar-me. Ella, desejava um annel... Que vol te! Não só lh'o darei, mas ainda mais um bracelete, um cordão, tudo quanto ella quizer! Viverei a seus pés. Seus menores desejos ser-me-ão sagrados. Meu Deus, peço-vos! Sem ella a existencia ser-me-ia impossivel. São oito horas menos dez; restitui-m'a!

Juro que nunca mais lhe dirigirei senão palavras de ternura e de doçura...

A creada acabava de annunciar que o jantar estava prompto e perguntava quando podia servil-o, quando a porta se abriu.

Mme. Divertin appareceu:

— Perdôa-me, meu querido. Estou um pouco atrazada. Justamente, ao deixar a costureira, encontrei Simone, que me levou a um "magazin", na Bastilha, onde estão saldando as mercadorias.

E' uma loucura de longe, a Bastilha! Gastei mais de meia hora para voltar. Vaes vêr o que eu comprei...

Mas o marido não ouvia mais nada. Porque a mulher estava sã e salva, elle esquecia as bellas intenções e começava a censurál-a cruelmente:

— Tu sabias, no emtanto, que eu te esperava, tonta, gastadeira, louca...

ALBERT ACREMANT

Seara alheia

O nudismo

O homem actual não é como seus remotos antecessores de epocas primitivas, uma especie de macaco superior.

O homem, realmente, é o mais fraco de todos os animaes: o que precisa cobrir, agazalhar-se, improvisando pelles.

Para adaptar-se a todos os climas e poder transitar por todos os recantos do planeta, teve que inventar a roupa. Isto lhe conferiu sua condição de rei da Natureza, com o consequente dominio dos irracionaes. Graças á roupa, o homem é interplanetario: convive com as especies boreaes e com os dos tropicos. A roupa é sua invenção mais sublime. E a mais util.

O nudismo praticado *á outrance* diminuiria seus privilegios de rei da Natureza, confinando, em certas comarcas de temperatura perpetuamente estival e enervante.

Não se poderá, assim, admittir o nudismo, de modo serio, senão como um desporto ou como pratica de hygiene. — Alberto Insua.

Nacionalismo e outras coisas da meninice

A necessidade historica do apparecimento, nas espheras sociaes, dos pittorescos novos-ricos havia, sob outros pretextos, fomentado a fogueira pavorosa que ensanguentou a Europa e conspurcou a Civilização, na segunda decada do seculo actual.

E quando os primeiros pruridos daquelle medonho desastre diplomatico começaram a avassalar as columnas da imprensa e consequentemente a impressionar mesmo a consciencia universal, eu ainda mal sabia contar os meus levissimos seis annos de idade, vivia numa luta infrene com as rotundas letras do "primeiro livro de Thomaz Galhardo", mas, em compensação, já assobiava o Hymno Nacional, era um bom corre-campo no chutamolambo do largo do Rosario, matava passarinhos a bodocadas e conhecia de longe, nos corredores do Grupo Escolar, o tropel, sempre ameaçador e desmancha-prazeres, da d. Theotonia. Em geographia, a minha tocante condição de ignorante absoluto era já uma eloquente promessa da minha actualissima nullidade na sciencia em que tão assombrosamente se aprofundou o illustre professor Jucelino. Pouco mais tarde foi que, com a intromissão, em minha pobre massa cinzenta, de uma dóse regular dos victoriosos sonhos de Julio Verne, fiquei eu ao par de uma ou outra parte das c o i s a s do Cosmos.

Porque, naquelles tempos das minhas primeiras acrobacias mentaes, o mundo para mim se resumia nisto: o Brasil, de que a mestra Ritinha sempre me fallava com um enthusiasmo capaz de electrizar até o meu coração de seis annos; Portugal, dignamente representado, nas paredes lá de casa, por magnificas paizagens da terra de meu pae; Hespanha, por causa de Siô Ignacio, ótimo amigo de minha familia e melhor professor de attitudes do "Nivo", um cão cuja morte me deixou a maior saudade dos dias de garoto; Allemanha, patria de Siô João Allemão, um velho bondoso, sorrindo sempre, em cuja officina eu ia buscar os nossos sapatos concertados e cuja invejavel cultura intellectual, sublimada por uma modestia incommum, só bem mais tarde tive a opportunidade de conhecer e admirar.

No meu raciocinio nascente, o Brasil se dividia em quatro partes: a principal era, sem, a minha terra, apesar de o Celestino ainda sahir accendendo os

Entre o que escreve um livro e seu critico, existe a mesma differença que ha entre um jardineiro e um professor de botanica.

Ser sabio

Ser sabio não é adorar sua só razão, nem, tampouco, haver habituado esta razão a triumphar sem esforço do instincto inferior. Esses triumphos seriam estereis victorias se não ensinassem á razão uma submissão maior a um instincto de outro genero, que é o instincto da alma.

Esses triumphos quotidianos nãos se devem desejar senão porque permittem a um instincto cada vez mais divino manifestar-se livremente.

Seu fim não se encontra em elles mesmos, que servem apenas para desbravar o caminho do destino de nossa alma, que é sempre um destino de purificação e de luz. MAETERLINCK.

Diario

Discuto com um amigo a obra de Mallarmé. E digo-lhe: "E' maravilhosa." Elle me replica: "E' simplesmente estupida."

Este vulgarissimo dialogo se assemelha a todas as discussões literarias do mundo, passadas, presentes e futuras.

— Eis o que um homem calvo costuma chamar: "um homem calvo".

---

lampiões da illuminação publica; seguiam-se-lhe, Bello-Horizonte, onde meu irmão vinha estudar todos os dias; São Paulo, de que um primo, de volta de uma excursão militar, me trouxéra uma bellissima bola de *foot-ball*; e Rio de Janeiro, nome gravado na etiqueta de uma velha canastra que ainda ha em minha casa.

Com tão pequeno numero de nações, não havia meios por que pudesse eu comprehender toda a vastissima extensão daquella guerra formidavel, cujas consequencias eram relatadas e competentemente augmentadas, todas as noites, nas conversas da sala de visita lá de casa.

Serões vibrantes de discussões e commentarios sobre assumptos de politica internacional, de que eu nada e n t e n d i a, cabeceando de somno, estafado pelas escaramuças do dia, mas a que era obrigado a assistir, bem comportado em uma gravissima cadeira, talvez como castigo pelos sanhaços chumbados e pelas queixas dos donos de vidraças partidas.

Mas, mesmo assim, um ou outro periodo me calava no espirito, ora enthusiasmando-me com a bravura de heróes desconhecidos, mas sempre empolgantes, ora fazendo-me soffrer com a narração horripilante de tragicas hordas massacradas, e, as mais das vezes, obrigando-me a achar positivamente cacete aquelle assumpto batido e rebatido como uma norma buroceatica.

E ainda me lembro de que uma vez o padre Marques, lusitano cultissimo, cujas palavras — verdadeiramente doutrinárias em qualquer problema — eu recebia com a mais possivel precocidade da minha attenção, o padre Marques discorria sobre as excellencias do Exercito Portuguez, que não conhecia superioridades inimigas nem difficuldades geographicas, para a victoria da sua gloriosa Bandeira.

E então me lembrei da ladeira das Mercês e da corrida que, devido a uma reincidencia minha na guerra de caroço-de-manga em plena rua, por ella acima me déra o Siô Angelo, soldado preto e famoso do destacamento da minha terra.

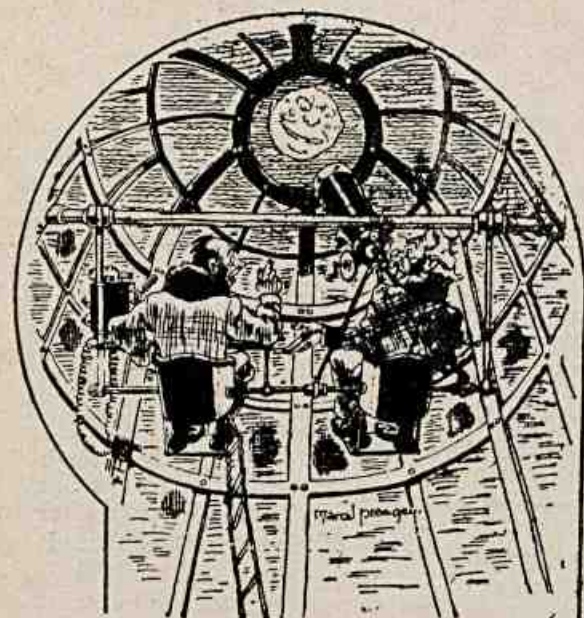
— Soldado mais forte e valente do que o Siô Angelo?...

Guardei esta ideia de réplica no meu intimo, convicto da minha justiça, mas acovardado pela minha propria inexpressividade de moleque.

Pela primeira vez duvidára da asseveração de uma pessôa doutissima como aquella. Fôra o primeiro impulso de um sincero nacionalismo n a s c e n t e. Tambem eu ainda era tão creança...

FIGUEIREDO SILVA

— ATE' logo, Armando — disse Lily, terminando de encastoar sobre seus cabellos negros uma boina de velludo. Para estreitar a joven contra seu coração, Armando Cartier abandonou o divan onde fumava um cigarro.

— Até logo, amôr. Não chego a comprehender por que é necessario que nos separemos todos os dias, em vez de passar juntos todas as nossas horas.

AS GRANDES VIAGENS INTERPLANETARIAS — E diga-me: o senhor previu o meio de voltar da lua?
— Não... mas a pergunta não tem cabimento: lembro-me, agora, de que me esqueci dos para-choques para a chegada...

O ENGANADO

— Não me entristeças. Bem sabes que meu maior desejo seria viver comtigo. Nunca quiz a meu marido... Era-me indifferente. Agora, que te amo, elle me é odioso.

— Então?...

— Armando, já te disse mil vezes que minha familia não admittiria que eu me divorciasse sem motivo. Quero dizer, sem que meu esposo me faltasse. E Roberto me é fiel. Além disso, bem sabes o violento que elle é. Seria capaz de qualquer enormidade... Não quero expôr tua vida... Viver comtigo, seria o sonho de minha existencia... Mas devemos conformar-nos com a felicidade que temos... Venho ver-te quasi todos os dias... Frequentemente, como succederá esta noite, sahimos juntos...

— Com teu marido...

— Mas, já são sete horas, e é necessario que corra... Não chegues atrazado para o jantar. Lembra-te que temos de ir ao Club da Espada...

— Não ha nada. Tenho apenas o tempo para vestir o smoking.

— Bem... Até já.

Desappareceu. Já só, de novo extendido sobre o divan e fumando um novo cigarro, Armando meditou, com um mixto de alegria e amargura, sobre a felicidade de ser amado por aquella deliciosa Lily, tão sincera, tão terna, tão apaixonada, e sobre a desgraça de que não fosse livre e completamente sua. Mas, não seria livre um dia?...

Animado por essa esperança, vestiu-se immediatamente, e um quarto de hora depois parava seu auto deante da residencia do casal Bievre.

Roberto Bievre, grosso, loiro, prematuramente calvo, de gestos joviaes e bruscos, recebeu Armando com familiar cordialidade. Lily appareceu com um encantador vestido de soirée. Jantaram alegremente.

No Club da Espada, a reunião se prolongou mais do que se esperava, e só ás duas da madrugada puderam sahir o casal Bievre e Armando Cartier.

— Não foi muito divertido — disse Bievre, que dormira beatificamente durante uma audição musical. — Proponho que vamos jantar. Falaram-me de um novo restaurante perto de Montrouge. Parece que é pittoresco. Estylo taberna. E é frequentado por gente de toda classe. Está aberto toda a noite. Vamos?

Armando, feliz de estar algum tempo mais com Lily, acceitou sem vacillar o convite. A joven protestou um pouco. Depois, concordou.

Armando dirigiu seu carro para o bairro Montrouge, e, de accôrdo com as indicações de Roberto Bievre, se deteve, por fim, em uma rua pouco illuminada.

— Deve ser aqui — disse Bievre, indicando uma porta, cujas espêssas cortinas coavam a luz interior.

— Entramos? — indagou Lily.

— Naturalmente.

Em uma primeira sala, acotovelados em um amplo balcão de zinco, que dominava uma enorme machina de café, tres ou quatro individuos bebiam. Numa segunda sala, decorada sem elegancia, estavam occupadas quatro mesas. Duas dellas, por cavalheiros e damas de etiqueta. Outra, por um casal composto de um joven de gorro e uma mulher loira sem chapéo. E, por fim, uma outra por tres homens de trajes e jóias attrahentes, que comiam mariscos e bebiam vinho tinto.

Os recem-chegados installaram-se. Bievre e sua mulher em um banco. Armando, em frente, numa cadeira.

— E' preciso ficar de accôrdo com o logar — disse Bievre.

E pediu aperitivos.

— Isto não tem muito bom aspecto — commentou

De Frederico Boutet

Lily, a quem unicamente agradavam os *dancings* elegantes.

— Oh, querida, te enganas! — protestou o marido. — Este logar é muito caracteristico. Além do mais, não tardará em chegar gente da melhor sociedade.

Tal vaticinio não se realizou. Não foi ninguem. E os consumidores que alli se encontravam pouco a pouco se retiraram.

— Deviamos retirar-nos — propoz Lily. — São tres horas da manhã.

— Oh, não! — falou Bievre. — Está-se muito bem aqui, e ainda ha gente.

Effectivamente, ainda havia gente. Lily não podia ignoral-o. Desde varios minutos, um dos tres homens sentados no outro extremo da sala a favorecia com uma attenção talvez lisongeira, mas fastidiosa.

— Asseguro-te que estou fatigada — insistiu Lily. — Preferiria sahir.

Elle receiava uma briga. Como seu marido não via que o homem defronte lhe piscava o olho e lhe fazia descaradamente signaes para que se approximasse?

— Que ha?... — perguntou Armando, que, de costas para a sala, nada podia notar.

— Ella é linda — disse, em voz alta, o homem de em frente, — mas o gordo pelado tem cara de idiota.

Roberto Bievre sobresaltou-se.

Garçon, a nota! — pediu, immediatamente, com voz um pouco alterada.

Armando voltára a cabeça.

— Não estou falando com o senhor — disse o homem, que parecia um pouco embriagado: — falo com o gordo pelado.

— Não lhe responda — disse Roberto Bievre, que estava pagando apressadamente para se retirar. — São bebados...

— Bebados!? Ah, vaes repetir-mo na cara, gordo pelado!... — ameaçou o homem, que, seguido de seus dois companheiros, avançava, provocador.

Foi quando se produziu um facto que encheu Armando Certier de surpresa e horror.

— Roberto! — gritou Lily, com voz angustiada. — Roberto, tem cuidado!

A moça precipitou-se corajosamente, defendendo, com sua fragil pessôa, o marido, que, pallido de medo, retrocedia.

— Depressa, depressa! Partamos! — disse ella, arrastando-o para a porta de sahida.

Só, deante dos dois adversarios, em que pese a seu espanto, Certier, treinado nos sports, desviou instinctivamente os primeiros golpes, e reagiu com exito. Já o dono do estabelecimento e seus dois empregados intervinham, repellindo os aggressores e falando em chamar a policia.

Intimamente satisfeito de ter vazado um olho e achatado um nariz, Certier poude sahir com as honras do combate.

Alcançou na rua o o casal Bievre, que se afastava apressado.

— Attenção! Vocês já passaram meu carro! — disse, simplesmente.

— E' verdade! — exclamou Bievre. — Partamos depressa.

— Sim, sim — ajuntou Lily, tomando o auto, que Certier poz immediatamente em marcha.

— Uff, por fim! — disse Bievre, já tranquillo. — Nunca mais nos apanharão logares desta especie... No emtanto, teve sorte esse ebrio! Que licção eu lhe teria dado si Lily não me houvesse contido!

Durante o resto do trajecto, guardaram silencio. Os Bievre desceram na porta de sua casa.

— Bôa noite — disse Lily, quasi timidamente, a Armando.

Entretanto, a moça lhe apertava ternamente a mão.

Certier não respondeu a essa pressão. Tomou seu auto para regressar a casa. Um sorriso amargo crispava-lhe o rosto. Sabia agora o que valia o amôr de Lily. Sabia por quem ella experimentava um interesse verdadeiro.

Era pelo marido, o companheiro legal. Nenhuma duvida possivel. A solidariedade conjugal havia falado...

Elle, Armando Certier, era o estranho... O estranho cujo amôr agrada, mas a quem se sacrifica, no momento necessario...

E não poude deixar de pensar si, naquelle triangulo, não fôra verdadeiramente elle, até então, o mais enganado...

— Pois eu li duas vezes o seu livro.
— Mademoiselle é gentil dizendo-me isso.
— Mas foi para poder entendêl-o...

O CELIBATARIO ARISTOCRATA

(SHERLOCK HOLMES) — POR CONAN DOYLE

(Continuação do numero anterior)

Sherlock Holmes recostou-se na cadeira, soltando um gargalhada.

— E não dragou tambem o tanque de Trafalgar-Square?

— Para quê? Que quer dizer com isso?

— Quero dizer que tinha as mesmas probabilidades de encontrar o corpo d'essa senhora quer em um sitio quer outro.

Lestrade, indignadissimo, olhou-o com furia.

— Supponho então que está sciente de tudo, disse com um risinho zombeteiro.

— Eu lhe digo, agora mesmo ouvi relatar o occorrido, mas está assente a minha convicção.

— Isso me espanta.... Crê então que o Serpentino não terá que vêr com este negocio?

— Afigura-se-me muito provavel.

— Não terá então a bondade de explicar-me porque é que lá encontrámos isto?

Abriu o sacco e tirou de dentro um vestido de noivado, de seda, um par de sapatos de setim branco, uma corôa e um veu, tudo molhado.

— Ahi tem, disse, completando o estendal com uma alliança. Ahi tem com que se divertir, senhor Holmes.

— O que ahi vae, respondeu este, baforando para o tecto nuvens de fumo. Com que, então, encontrou esses objectos, na sua dragagem do Serpentino?

— Não fui eu. Encontrou-os um guarda a boiar junto á margem. Foram reconhecidos como sendo de lady Saint-Simon, e creio que se ali foram encontrados, não poderá andar longe o corpo.

— Se fôr justo o seu raciocinio, o corpo de qualquer individuo deve encontrar-se no sitio onde estiver o respectivo guarda-roupa. Ora diga-me, qual é a conclusão a que julga chegar?

— A' prova de que Flora Miller anda envolvida na desapparição da tal senhora.

— Receio muito que lhe encontre suas difficuldades.

— Parece-lhe? exclamou Lestrade com certo azedume. Pois eu senhor Holmes, receio muito que apesar de toda a sua logica e das suas deducções, lhe escasseie um tanto o espirito pratico. Acaba de cahir em dois erros de palmatoria em menos do que é preciso para o dizer. Este vestido por si só é uma accusação contra Flora Miller.

— Por que motivo?

— O vestido tem uma algibeira. Dentro da algibeira ha um livro de lembranças. Entre as folhas do livro, uma carta. Ella aqui está.

E estendeu-a em cima da mesa.

— Ora escute: "Quando me vires estará tudo prompto. Vem immediatamente. F. H. M." A minha opinião, tem sido sempre que lady Saint-Simon foi induzida a sahir de casa por Flora Miller, e que esta, com uns cumplices quaesquer, é responsavel pela desapparição. Tem presente, assignada com as iniciaes da sobredita, a carta que, sem a minima duvida, chegou arteiramente ás mãos de lady Saint-Simon e que a fez cahir em poder de semelhante malta.

— Muito bem, Lestrade, commentou Holmes, a rir. Realmente, o senhor é fino como as coisas finas. Deixe-me vêr.

Pegou no papel com pouco caso, mas enfronhou-se na leitura e de subito soltou um brado de satisfação e observou:

— Oh! oh! este pormenor não deixa de ser importante.

— Parece-lhe?

— Importantissimo. E felicito-o sinceramente.

Ergueu-se Lestrade, todo ufano, e olhou para o papel.

— Ora essa! exclamou. O senhor está a ler o avesso.

— Pelo contrario, é o direito.

— O direito! Não está em seu juizo! Desse lado estão apenas uns gatafunhos, a lapis.

— E vejo aqui um fragmento de uma conta de hotel, que me interessa immensamente.

— Lia tambem, affirmou Lestrade. — Não tem o minimo interesse: "4 de outubro, quarto, 8 shillings, almoço, 2 shillings e 6 pences, coktail, 1 shilling, 1 copo de Xerez, 8 pences." E' insignificante.

— Na sua opinião, é possivel, mas nem por isso deixa de ter immensa importancia. Quanto á palavra escripta aqui, tambem tem seu valor, ou as iniciaes, pelo menos, e eis o motivo porque eu lhe reitero as minhas felicitações.

— Estou farto de perder tempo, disse, erguendo-se, Lestrade. Deposito mais confiança em um trabalho sério, do que em theorias forjadas a um canto do fogão. Até breve, senhor Holmes, veremos qual de nós será o primeiro a conseguir tirar a limpo a verdade.

Recolheu o vestido e o demais, enfiou tudo para dentro do sacco e dirigiu-se para a porta.

— Ora escute, Lestrade, uma palavra apenas. Vou dar-lhe a verdadeira solução. Lady Saint-Simon é um mytho. E' pessoa que não existe, e que nunca existiu.

Lestrade vibrou-lhe um olhar compassivo. Depois, voltando-se para mim, bateu tres palmadas na testa, abanou a cabeça devagar, e retirou-se.

Ainda bem não fechara a porta e já Holmes, erguendo-se envergara o sobretudo.

— Não deixa de haver uns visos de verdade no que affirma; urge proceder a um inquerito, e portanto, Watson, vou deixal-o entregue aos seus jornaes.

Passava das cinco horas quando Sherlock Holmes se ausentou, mas não tive tempo para me aborrecer, pois que, não decorrera ainda meia hora, quando entra o moço do pastelleiro, com uma caixa grande e chata. Arriou-a e abriu-a, com a ajuda de um garoto que trouxera comsigo e, com grande espanto meu, vi que ia arrumando, sobre a humilde mesa de mogno do nosso aposento, uma ceiasinha de frios das mais epicureas. Havia quatro gallinholas frias, um faisão, um pastellão de figados de ganso, com sua escolta de garrafas empoeiradas. Concluido o trabalho, desappareceram os meus dois visitantes, quaes genios das "Mil e Uma Noites", sem dar outra explicação a não ser a seguinte: estava paga a conta e tinham-lhes mandado trazer a encommenda para alli.

Um pouco antes das nove horas entrou Holmes apressadamente. Vinha muito sério, mas, pela vivacidade do seu olhar, percebi que se não havia enganado nas conclusões.

— Ah! mandaram a ceia, disse, esfregando as mãos.

— Esperas alguem? Puzeram cinco talheres?

— Espero, supponho que nos apparecerão por ahi uns convidados. Admiro-me de que ainda não tenha vindo lord Saint-Simon! Escuta! Parece-me que já lhe sinto os passos na escada.

Effectivamente, era o nosso visitante da manhã; denunciava agitação e, raivosamente, enroscava entre os dedos o cordão da luneta; as feições do rosto finas e delicadas ostentavam uma expressão de cansaço e turvação.

— Recebeu o meu recado? perguntou Holmes.

— Recebi, e confesso que o conteúdo me surprehendeu em extremo. Tem certeza absoluta daquillo que me affirmou?

— Tanto, quanto é possivel tel-a.

Lord Saint-Simon deixou-se cahir para cima de uma cadeira, e bateu uma palmada na testa.

— Que dirá o duque, murmurou, quando lhe constar que um membro da sua familia soffreu semelhante humilhação?

— Foi um mero accidente. Nem vejo onde esteja a humilhação.

— Ah! O senhor considera o caso sob ponto de vista mui diverso.

— A ninguem se póde lançar a culpa. Não vejo que a dama pudesse ter procedido de outro modo, se bem que nos seja licito deplorar a fórma brutal que escolheu. Orphã de mãe, encontrava-se nesta crise sem apoio nem conselho.

— E eu repito-lhe que foi um insulto, senhor, um insulto publico, insistiu lord Saint-Simon, tamborilando com os dedos nas taboas da mesa.

— Seja indulgente para com a pobre menina. Lembre-se de que se sentiu impellida para uma situação de todo extraordinaria.

— Não sinto a minima compaixão. Estou furioso por me haver deixado lograr tão indignamente.

— Se me não engano ouvi tocar a campainha, atalhou Holmes. Não foi illusão, sinto passos na escada. E' visto que não consigo applacal-o, mandei vir o meu advogado que será talvez mais bem succedido.

Abriu a porta e facultou entrada a um homem e a uma mulher.

— Permitta-me, lord Saint-Simon, que lhe apresente o sr. e sra. Francis Hay Moulton. Se me não engano, creio que já conhece esta senhora.

O nosso cliente, assim que vira os recem-vindos, erguera-se de golpe, e muito aprumado, de olhos fitos no chão, com a mão enfiada na sobrecasaca, assumiu a attitude de homem cuja dignidade fôra menoscabada. A sra. Moulton avançara, solicita, e estendera-lhe a mão, que elle fingiu não vêr. Estou certo em como o seu rancor haveria abrandado instantaneamente, se acaso houvesse consentido em levantar os olhos para o rosto encantador que para elle se voltara.

— Está zangado commigo, Roberto, e tem motivos de sobra.

— Poupe-me as suas desculpas, por quem é, retorquiu com amargor lord Saint-Simon.

— Tem razão; sei que o tratei muito mal e que tudo lhe devia ter explicado antes de me ausentar; mas se eu fiquei como doida, assim que tornei a ver Frank, aqui presente! Nunca mais soube o que dizia ou o que fazia. Foi um milagre não ter cahido com uma syncope ao pé do altar!

— O senhor Moulton preferiria talvez que o meu amigo e eu nos retirassemos afim de poder explicar-se mais á vontade?

— Se é que tenho voz no capitulo, ponderou o sugeito que respondia ao nome de sr. Moulton, afigura-se-me que tem havido mysterio de mais em tudo isto. Pela parte que me toca, desejaria que a Europa e a America inteira conhecessem a verdade.

O individuo que se expressava d'este modo era baixo, magro, queimado do sol, com physionomia intelligente e maneiras sacudidas.

— Pois bem! vou lhes contar tudo, atalhou a mulher. Conhecemo-nos eu e Frank em 1881, no campo de Mac'Quirc, ao pé das Montanhas Rochosas, onde papae trabalhava em umas minas. Tratámos casamento; eis senão quando, um bello dia papae acha um riquissimo filão, e arranja uma fortuna enorme, emquanto o Frank, coitado, não encontrava coisa nenhuma na sua. Quanto mais enriquecia o meu pae, mais pobre ia sendo Frank, e o caso é que por fim papae nem queria ouvir falar em casamento e car-

(Continúa na pag. seguinte)

regou commigo para Frisco. Mas Frank é que não me queria largar, e então acompanhou-me e continúamos a ver-nos sem que papae o soubesse. Nada, que elle se tivesse dado por isso, ficaria furioso, e nós escondiamo-nos d'elle. E depois Frank disse-me que ia trabalhar para arranjar tambem uma riqueza e que não voltaria a buscar-me emquanto não estivesse tão rico como meu papae. Prometti-lhe esperar por elle indefinidamente, e não me casar emquanto elle fosse vivo.

"E porque não havemos de pedir a um padre que nos case desde já? perguntou elle. Nada te exigirei antes do meu regresso; mas assim ao menos, partiria mais socegado.

"Pensámos muito no caso e resolvemos apresentar-nos ao reverendo que fôra prevenido por Frank, e casamos ás occultas. E depois Frank foi se embora, a tentar fortuna, e eu fiquei em companhia de meu pae.

"A primeira carta do Frank era de Montana; em seguida, foi fazer tentativas no Arizona, e por fim escreveu me do Novo-Mexico. D'ali a tempos, li nos jornaes a narração tragica de um ataque dos indios Apaches a um acampamento de mineiros, e entre os nomes dos mortos lá estava o de Frank. Cahi sem sentidos, e estive doente uns mezes. Papae julgou-me perdida e consultou a quasi todos os medicos de Frisco.

"A respeito de noticias nem palavra pelo espaço de um anno e tanto, a ponto de eu nem já duvidar da morte de Frank. N'essa occasião appareceu lá em Frisco lord Saint-Simon, e depois viemos para Londres, e combinou-se o meu casamento; papae estava contentissimo, mas eu sentia que homem nenhum n'este mundo poderia jamais preencher no meu coração o logar que n'elle occupara o meu pobre Frank.

"E comtudo, se eu tivesse casado com lord Saint-Simon, teria cumprido os meus deveres para com elle. Ninguem é senhor do seu coração, mas cada qual é senhor da sua vontade. Fui ao altar na intenção de ser realmente mulher honrada e dedicada, tanto quanto me sinto capaz de o ser. Ora pense bem o que eu sentiria quando, ao passar por diante do banco, vi Frank com os olhos fitos em mim. A principio suppuz que fosse o seu espectro; mas depois de attentar melhor vi que ainda ali estava com olhares inquisidores que pareciam perguntar-me se estava ou não contente de o ver. Até me admiro de não ter perdido os sentidos logo ali. Andava a casa á roda, e as palavras do padre pareciam-me abelhas a zumbir.

"Nem sabia o que estaria para acontecer, o que deveria fazer. Interromper a cerimonia e fazer um escandalo dentro da igreja? Olhei para Frank, e este, como se me tivesse adivinhado o pensamento, levou o dedo aos labios para me dizer que não fizesse coisa nenhuma. E depois vi que se puzera a rabiscar n'um papel, e comprehendi que me escrevia fosse o que fosse. A' sahida, quando passava junto d'elle, deixei cahir o meu ramalhete no logar em que elle estava e elle metteu-me ás escondidas o papel na mão ao restituir-m'o. Eram apenas duas linhas, para me dizer que fosse ter com elle assim que me fizesse signal. Eu, naturalmente, não tinha a minima duvida de que o meu dever mais sagrado era ir ter com elle, e resolvi fazer tudo o que elle me pedissé.

"Quando voltei para casa contei tudo a minha creada que o conhecia da California, e que fôra sempre a favor d'elle. Ordenei-lhe que não dissesse nada, mas que fizesse uma trouxa de tudo o que me pertencia e que me tivesse á mão o meu *ulster*. Eu bem sei que o meu dever era ter falado a lord Saint-Simon, mas custava-me muito fazel-o deante da mãe e de toda aquella gente graúda. Decidi fugir, quanto antes, e as explicações ficariam para mais tarde. Ainda bem não haveria dez minutos que eu me tinha sntado á mesa, eis que através da janella vejo Frank, no lado opposto da rua. Fez-me um signal e entrou no parque. Levantei-me da mesa, puz um chapéo e uma capa e segui atraz d'elle. Veiu desde logo ter commigo uma mulher, que me contou uma historia a respeito de lord Saint-Simon. Se é que entendi a historia, lord Saint-Simon tivera tambem uma aventurazinha mysteriosa, antes de se casar. Mas consegui livrar-me depressa da tal mulher e apanhar Frank. Tomamos uma carruagem, e fomos para o aposento que elle tinha alugado em Gordon Square e foi ali que depois de ter estado á espera tantos annos verdadeiramente fomos esposos um do outro. Frank estivera prisioneiro dos Apaches, escapulira-se, viera para Frisco, constara-lhe que eu o julgava morto e que tinha partido para Inglaterra, seguira atraz de mim e viera a encontrar-me no proprio dia do meu segundo casamento.

— Li o annuncio da cerimonia em um jornal, interrompeu o americano; tambem vinha o nome e a igreja, mas não vinha a morada da noiva.

— E nós, então, conversámos ácerca do partido que convinha tomar; Frank queria contar tudo com franqueza, mas se eu estava tão envergonhada!... A minha vontade era sumir-me e não tornar a vêr uma só pessoa de quantas andaram mettidas neste negocio. O maximo que eu consenti foi em escrever duas linhas a meu pae, para que ficasse sabendo que era viva. — Sentia-me aterrada quando me lembrava que estariam á mesa aquelles lords todos e aquelles ladies, á minha espera. Frank pegou então no meu vestido de noivado, fez uma trouxa, e atirou com ella para um sitio ermo, cuidando que ninguem seria capaz de os encontrar. Contavamos fugir para Paris amanhã, quando o senhor Holmes teve a bondade de vir ver-nos, sem que eu pudesse perceber como é que elle foi capaz de dar com o nosso refugio; fez-nos ver claro como agua que não estava da minha parte a razão, e que quem a tinha era Frank, e que mereciamos grave censura s teimássemos em andar com subterfugios. E então offereceu-se para nos propor-

cionar occasião de conversarmos a sós com lord Saint-Simon. Ahi tem o motivo que aqui nos trouxe. E agora, Roberto, está sciente de tudo, sinto immenso tel-o magoado e espero que me não quererá mal.

Lord Saint-Simon não havia alterado a sua rigida attitude; escutara tão longa narração sempre de sobr'olhos carregados e comprimidos os labios.

— Queria desculpar, mas não tenho por habito discutir os meus negocios intimos por fórma tão publica.

— Visto isso não me quer perdoar? Nem me aperta a mão, antes de eu me ir embora?

— Lá por isso, se tem muito empenho... Estendeu a mão e apertou friamente a mão que lhe estendiam.

— Sempre esperei, suggeriu Holmes, que acceitasse essa ceia de reconciliação.

— Creio que será exigir muito de mim, respondeu o lord. Posso vêr-me forçado a ceder ante os acontecimentos, mas não poderá esperar que eu os acceite de boa feição. Com a devida venia vou pois dar-lhe as boas noites.

Cumprimentou a todos em globo e sahiu, muito serio e aprumado.

— Os senhores ao menos, estou persuadido de que me darão a honra de participar da nossa ceia, disse Sherlock Holmes, dirigindo-se ao casal. Causa-me sempre immenso prazer o encontrar um americano, senhor Moulton, pois pertenço ao numero d'aquelles que julgam que os desatinos de um monarcha e a impericia de um ministro, em tempos que já lá vão, não constituiram impedimento para que nossos filhos venham a ser um dia cidadãos do mesmo imperio á sombra da bandeira esquartelada, do *Union-Yack*, com as estrellas e as estrias.

— Foi muito interessante esse caso, me disse Holmes quando se retiraram os nossos convidados, pois demonstra a que ponto uma coisa pode ser complicada. Nada se affigurava menos explicavel e comtudo, não ha nada mais natural do que esta serie de acontecimentos; o resultado a que attingira Mr. Lestrade, de Scotland-Yard, era absurdo de todo.

— Visto isso, Holmes, não havia se enganado?

— Desde o principio, existiram para mim dois factos de absoluta evidencia: primeiramente, o haver a americana consentido da melhor vontade na ceremonia do casamento, em segundo logar, o já estar arrependida, minutos antes de recolher á casa. Devia pois ter-se suscitado, aquella manhã, uma qualquer circumstancia que a induziu a mudar de parecer. Qual seria pois esta circumstancia? Não podia ter fallado com pessoa alguma, fóra de casa, visto havel-a acompanhado sempre o noivo. Teria visto alguem? Se tinha, devia ser alguem vindo da America; passara pouco tempo em Inglaterra, e não conhecia aqui ninguem, certamente, que sobre ella tivesse influencia sufficiente para lhe transtornar de todo os planos. Eis-nos já, por um simples processo de eliminação, chegados á idéa de que ella poderá ter visto um americano. Quem seria esse americano, e por que exerceria sobre ella tamanha influencia? Um namorado, talvez um marido. Eu sabia que fôra educada em um meio primitivo e extravagante e eis a altura em que me achava quando appareceu lord Saint-Simon. Mal este nos falou no homem sentado no banco, da mudança que sobreveiu nos modos da noiva, da queda do ramo, — artificio communmente empregado para receber uma carta, — da conversa de lady Saint-Simon com a creada e confidente, e d'aquella sua tão significativa expressão de "empalmar uma concessão", phrase que na giria dos mineiros significa tomar posse uma coisa pertencente de direito a outrem, a situação tornou-se para mim absolutamente clara e definida. A americana fugira com um homem e este homem era um namorado ou marido, sendo as probabilidades a favor d'esta ultima hypothese.

— Mas como demonio os desencantou?

— Haveria podido ser difficil, mas o amigo Lestrade tinha entre mãos informações cujo valor ignorava. As iniciaes podiam ter a maxima importancia e comtudo, era ainda mais precioso saber que, não havia ainda uma semana, um americano tinha pago uma conta de um dos hoteis mais caros de Londres.

— E como é que adivinhou tudo isso?

— Pelos preços. Oito shillings por um quarto e oito pencas por um copo de xerez, indicavam um dos hoteis mais dispendiosos. Não ha muitos em Londres, que levem semelhantes preços. O exame dos registros no segundo hotel de Northumberland-Avenue, que visitei, facultou-me o nome de Francis H. Moulton, americano, que se havia retirado na vespera e cuja conta correspondia á nota que eu tinha á vista. Deviam remetter-lhe as cartas para o numero 226, Gordon-Square, e para lá me dirigi, tendo tido a felicidade de encontrar em casa o juvenil casal. Permitti-me dar-lhes uns conselhos paternaes, e fazer-lhes notar que valeria mais, sob todos os pontos de vista, fazer conhecer mais claramente a sua situação ao publico em geral, e a lord Saint-Simon, em particular. Convidei-os a vir encontral-o aqui, e conforme viu, consegui que elle viesse tambem.

— Sem feliz resultado, commentei. A sua attitude não foi lá muito amavel, certamente.

— Ora, disse Holmes, sorrindo, você não seria talvez amavel em demasia se, depois dos muitos incommodos inevitaveis para quem requesta e desposa uma menina, se visse esbulhado, n'um ápice, da esposa e da riqueza. Creio que devemos julgar a lord Saint-Simon com muita indulgencia, e dar graças á nossa estrella propicia por nos haver poupado a semelhante situação. Aproxime a sua cadeira e dê-me cá a minha rabeca, pois que o unico problema que temos ainda que resolver é descobrir como havemos de matar o tempo n'estas sombrias tardes do outomno. (FIM).

No proximo numero — do mesmo autor

"O SILVER BLAZE"

O DESPREZO

ELLA sentou-se n'um banco, dando costas á casa onde ficára encerrado o seu coração.

Deante d'ella, o boulevard, o corropio da multidão parisiense, d'essa multidão que gyra em roda e pensa ir para algum logar, quando todos os homens, sejam quaes forem, só chegam a si mesmos...

No emtanto, ella tentou distrahir sua dôr, observando os passantes, fazendo a psychologia dos mesmos: eis o empregadinho em atrazo que corre, que corre com o risco de naufragar, não á porta do escriptorio, mas deante da do hospital... Os taxis vão tão depressa!

Uma quinquagenaria de rico paletó de pelles usado que traz um *filet* flacido, tem o ar d'uma d'essas novas pobres de que se fala muito, sem muito ajudal-as...

Olha! Namorados? Não é ainda a hora d'elles! Com que lindo gesto de confiança ella se apoia sobre elle, que se curva com gentileza! Um annel brilha-lhe nos dedos: dois recem-casados, concluiu naturalmente a joven creatura. Um fugitivo sorriso abre-lhe os labios.

Depois ella volta á sua tristeza: a rua deu-lhe tudo o que podia dar. Agora, só tem a esperar, solitariamente, dobrada ao peso de sua dôr, como um animal ferido.

— E' duro, hein, minha mulhersinha? murmurou uma voz, pertinho d'ella.

Ella sobresalta-se e lança um rapido olhar ao companheiro de banco que o acaso acaba de lhe offerecer: um homem gordo, vermelhão, cheio de carnes, mal amanhado, nos seus trajes deformados, nos seus casacos gastos pelo uso. Um miseravel? Não... Um desoccupado ou um preguiçoso que se contenta com suas pequenas rendas. Bem nutrido, o rosto alegre e cheirando a vinho matinal, o homem não inspira piedade.

Observando-o e firme, a joven responde distrahidamente á sua reflexão:

— Sim, é duro...

Depois volta á sua dôr, sua dôr exaggerada de grande gozadora, cujos annos não conseguiram diminuir a sensibilidade. Bem reflectido, nada a obriga ficar alli ao Deus-dará, durante duas horas. Ella promettera? Creançada! Elle não saberá mesmo que ella se ausentou. Duas horas é bastante e a tarefa de todos os dias a espera-a em casa...

Ella suspira, levanta-se, dá alguns passos, compra um jornal, não importa qual, e põe-se a lêl-o de pernas para o ar.

Esse indicio de profundo desconcerto acaba de encorajar o visinho, que escorrega ali onde ella está com a graça e discreção d'um rolo compressor. O contacto quente e pesado é-lhe absolutamente desagradavel; mas, timida e pouco afeita a offender o alheio, contem-se para não se afastar. O homem vê n'essa submissão um assentimento e murmura, n'um bater de palpebras e com os labios agitando nervosamente o galanteio:

— Você sabe, minha senhorasinha, um peraldo, dois achados! Uma linda gallinhasinha como você!

Ella olha o individuo, com arrogancia sem responder. O desprezo d'elle pela sua desventura vae ao ponto de lhe propôr uma aventura, como consolação?

E que aventura!

Ella devia ter uma physionomia bem esquisita aquella manhã, com a sua dôr infantil e ridicula impropria d'uma mulher!

No emtanto, é preciso responder, afastar o homem ou ir se embora... Ella prefére ir-se e voltar logo, o mais cêdo possivel: si ella faltasse á hora! Que catastrophe!

Ella calcula os gritos do pequeno, sua corrida louca... Mas não, ella vae voltar, a porta da escola se abrirá e seu filhinho que passa hoje o seu primeiro dia de escola voará a seus braços... Que abraço! que caricias! Nunca se deixaram, nunca ella supportou que uma mão familiar ou mercenaria se occupasse d'elle. Elle é duas vezes seu filho, por todas as suas dôres, por todas as suas vigilias e, sobretudo, por causa d'esse dom total que ella lhe fez d'ella mesma desde o seu primeiro vagido. Elle é o objecto de todas as suas inquietações, de todos os seus pensamentos, de todos os seus sonhos. A côrte dos homens a surprehen-

CAIXA DE

A MAIOR BIBLIOTHECA DO MUNDO — Segundo se diz está em Berlim. Occupa uma superficie de 17 mil metros quadrados e tem quinze andares.

Nas suas estantes ha mais de dois milhões de livros encadernados. Possue ainda 100 mil manuscriptos e um milhão de obras musicaes.

Todos os annos, como é natural, é enriquecida de alguns milhares de volumes. Só em 1926 receberam-se ahi mais de 100 mil volumes.

•

A LONGEVIDADE DOS ANIMAES — Um professor de zoologia da universidade de Upsala, senhor Munsterberg, acaba de publicar uma interessante monographia sobre a edade dos animaes. A maioria delles vivem muito mais que o homem, o que não deixará de causar admiração.

A baleia, por exemplo, se não a fisga um bom arpão, póde viver até tres seculos; o crocodilo até 200 annos; o elephante, 150 annos ou mais; a tartaruga e o hypopotamo, 150; o corvo, a aguia, o papagaio e o cysne podem chegar até os 120 annos; o leão e o camello, 70 a 90.

De Isabelle Sandy

de. Elle tem vontade de lhes dizer: "Não vê que eu não sou mais que uma mamã, uma mamã com um homenzinho que absorve a sua vida, que a exalta ou a desespéra mais fortemente que o amor?"

No emtanto, ella teve que ceder aos conselhos das pessôas sensatas: "Esta creança, é preciso botal-a no collegio. Sem isso, você não fará nada!"

— Mas elle é tão docil, tão terno e tão pequeno!

— Quanto mais cêdo elle começar mais facilmente se habilitará. Logo será muito tarde e a creança soffrerá...

Supremo argumento! A creança soffreria!... Mais valia que fôsse ella a soffrer d'esse afastamento prematura... Ella simulou alegria; ella prometteu á creança tantas recompensas, que elle consentiu em largar sua mão um instante durante o qual ella fugiu, covardemente, depois de ter dito que ficaria toda a manhã deante da escola. Que disse elle depois que ella partiu? Chorou muito?

A inspectora, saturada d'esses desgostos pueris, teria sabido consolal-o? Esperaria elle a hora da sahida, com a mesma impaciencia que ella? Seu pequenino coração bateria sempre ao mesmo rythmo que o d'ella?

Graças a algumas caminhadas e a esses debates interiores a hora passou depressa, e alguns minutos antes da abertura da gaiola, a mãe ali está, misturada ás outras mães, mas indifferentes a tudo. Uma idéa a inquieta: quem sabe si não teria tido tanto aborrecimento e que queira voltar á noite?

A porta gyra nos gonzos. Creanças jorram, animadas todos alegres, acotolevando-se... Eis a vez dos pequenos... Varios da idade do seu, cinco annos, de cachos sobre os olhos e já com a maleta ás costas. Mas onde está elle? Elle não a procura com o olhar? Como ainda não saltou nos seus braços, loucos por elle? Parecia que, lá no fundo, tres pequenos se aproximavam acotovelando-se... Parecia tambem que o seu pequeno estava entre elles...

— Querido, meu amor! grita ella, quando se certifica...

Elle ouviu e salta sobre ella cujo rosto escalda já de felicidade... Mas beijando-a, distrahidamente, o pequeno explica com volubilidade:

— Mamã vês aquelles dois typos acolá? Pois bem, elles me deram soccos á sahida, mas eu retribui do msemo modo. Ah! Sim Presisavas vêr!

A mãe olha, despedaçada, o tenro fedelho de ha pouco, que já fala de soccos e lutas... Ella fecha, nas suas, a pequena mãosinha armada de violencia, atravessa o boulevard, pára no banco onde o homem gordo parece dormitar, enlanguecido pelo sol nascente.

— E' tudo quanto tens a dizer-me, meu querido? implora a pobre mulher, reparando a desordem das roupinhas e dos cachos doirados. Eu que não cessei de pensar em ti... Temia tanto que te sentisses infeliz sem mim, pequeno...

O pequeno lança-se de repente sobre ella, mas os novos camaradas passam perto d'elle, que exclama:

— Vês, mamã, o grande que traz um gôrro vermelho? Foi com elle que eu me bati! Elle é mais fórte que eu, mas isso não tem nada...

Sem insistir, vencida, a mãe abaixa a cabeça, emquanto que o homem do banco, que os observou, lança, com voz frouxa, onde não vibra mais o desejo, mas toda a tristeza humana:

— Sabe, os marotos, não são para nós! E' preciso nos convencermos d'isso! Aqui está quem lhe fala e que creou tres, ah, bellos garotos como o seu! Mas, cada um faz a sua vida, não é verdade? E eu, vê, estou só...

— Coitado! Toda sensibilizada pelo soffrimento do homem. Entre elles, um certo sentimento de fraternidade surge. Não são elles iguaes deante d'esse enigma que é a creança? Ella afasta-se contrafeita, sem coragem de manifestar a sua sympathia pelo abandonado, apressada em esquecer sobretudo as palavras amargas que ouvira, e de apertar contra o peito enciumada aquelle homenzinho que será bello, que será forte, que será bom e não será nunca ingrato, como os outros...

SURPREZAS

O que resta saber é como o professor Munsterberg poude calcular a idade das baleias.

•

CURIOSIDADE — Roma não teve leis contra o parricidio até o anno 652 de sua fundação.

Só quando um tal Publio Malcolano matou sua mãe é que se deliberou que os parricidas seriam, d'ahi em deante, cosidos num sacco de couro e atirados á agua.

•

FÉRAS A... ALUGAR — Quer o leitor alugar um leão, um hypopotamo, uma hyena? E' facil e pouco custará... aos que vivem em Nova York. O Jardim Zoologico dessa grande cidade americana aluga seus pensionistas, á razão de 10 dollares por dia, a emprezas cinematographicas, amadores-domadores, multimillionarios que desejem aproveitar nas suas festas algum "numero de sensação", etc.

Agora o que faz o Jardim Zoologico é prevenir, com antecedencia, os interessados de que não se responsabiliza pela "correcção e bons modos" dos referidos pensionistas, nem tambem pelos damnos que possam causar.

O ORGULHO NEGRO

COMMETTERÁS um erro, disse M. Pelletier, convidando mrs. Jones para jantar em nossa casa. Além de ser um máu precedente para nossa casa, ella não comprehenderá. Conheces ainda mal os Estados-Unidos. Eu, que aqui fui educado, sei o que é a mentalidade negra.

— Cala-te!... — precipitou-se em dizer mme. Pelletier. Não admittirei jamais a injustiça monstruosa de teus americanos. De resto, a gente de côr é christã como nós e tem direito ás mesmas regalias. Ha quasi um anno que Mabel Jones é nossa vizinha e frequenta nossa casa. E' uma creatura muito respeitavel e que educa seus filhos tão bem como nós aos nossos. Meus principios de igualdade não são de hoje, tu sabes. Reagi. Dessa negra quero fazer uma amiga. Não me impeças. Sei de côr o que vaes dizer. Mas somos ou não francezes nessa suja Nova-York? Ella virá jantar comnosco na proxima semana.

Depois de trinta annos de casamento, M. Pelletier temia cada vez mais o genio da mulher, tão curta quanto tinham de longas as suas gritarias.

— Farás como quizeres... murmurou elle, sem energia.

E eis-me na semana seguinte, no decimo-oitavo andar, jantando á franceza, o que mme. Pelletier preparou com as proprias mãos, para obsequiar a vizinha negra.

Esta, mettida num vestido, não muito vistoso, cabelleira veneravel coroando de lã branca a face de passa enrugada, começou por commentar, em algumas palavras polidas e frias, as attenções que tiveram para com ella.

Mas, contrariamente aos habitos, fica em seguida silenciosa e como que contrafeita, olhando o prato. Para pôl-a á vontade, mme. Pelletier multiplica-se em agrados. M. Pelletier não diz nada. Emfim, um pouco de *bordeaux*, luxo supremo, solta a lingua da velha côr de alcaçuz. A conversação mantem-se em inglez, pois mrs. Jones, não falava outra lingua. Ella anima-se ás recordações da mocidade. Tendo mais de setenta annos, desce ás coisas mais remotas do passado da America.

— Sou do Sul, como sabe mrs. Pelletier. Ah! si a senhora conhecesse o Sul! Pude ainda visitar a terra dos nossos, as propriedades de meus avós. Magnifico! No meio da plantação, uma vasta casa, rica — e que moveis!

Mme. Pelletier arregalava os olhos. Não sabia das bellas origens de Mabel Jones.

Entre dentes, M. Pelletier pôl-a ao corrente em francez.

— Quando ella diz *os nossos*, sabes, quer dizer os donos de seus antepassados escravos.

Com um olhar cheio de colera pela inconveniencia do gracejo, mme. Pelletier levantou os hombros imperceptivelmente. Mas, com grande espanto seu, a negra continuou:

— Os nossos tinham mais de dez cabeças de escravos, só para o serviço da casa. Pertenciam á grande familia, sabe? Bem entendido, meu avó e minha avó viviam na casa, não na plantação. Os nossos eram tão generosos, que minha avó, casando-se, recebeu delles um enxoval completo. Mais tarde, cada um de seus filhos teve um enxoval de recemnascido. Gente como essa não existe mais actualmente. Agora todo o mundo é egoista e miseravel.

Mme. Pelletier, muito despeitada, retorquiu em tom repassado de doçura e frisante:

— Essa gente, no emtanto, não a convidou nunca para jantar, mrs. Jones!

Ella sentiu-se esmagada pela careta altiva da outra, com a beiçola violacea avançada, sob o nariz admirado.

— Eu disse que eram pessôas de categoria, mrs. Pelletier. Pessôas de categoria recebem negras á sua mesa?

* * *

Pouco tempo depois dessa humilhante lição, desconcertante em seus lances equivalentes, mme. Pelletier teve na loja a visita agitada de Mabel Jones.

— Ah! Mrs. Pelletier, si a senhora soubesse o que me aconteceu! Quero, como vizinha, tomál-a por confidente (Ella chorava e logo pôz-se a gemer horrivelmente). E' a mais horrivel desgraça que podia acontecer a uma familia de côr. Meu neto, Arthur, de que tanto lhe falei, aquelle que tem uma bella situação nos pullman, sabe? Pois bem! Esse rapaz honesto, trabalhador de merito, ah!... ah!... que desgraça!... que desgraça!...

— Que aconteceu, mrs. Jones?...

— Elle nos... ah! ah!... Elle nos desmoralizou a todos!

— Oh! pobre mrs. Jones! Elle... emfim, que?... Elle roubou?

— Não, não, ai de nós! Fez coisa peor!

— Meu Deus!... Será que elle... que elle matou?

— Não, mrs. Pelletier... Ah!... ai de nós! Elle acaba de casar-se com uma branca!

— Nesse ponto, mrs. Pelletier voltou-se, triumphante, para o marido, que entrára vagarosamente havia um momento:

— Ah! está! Vês!...: — apostrophou ella em francez. Quando eu te dizia! Ah! está o orgulho dessa raça incomprehensivel!

Mas ella não levou avante o discurso. Mabel Jones, torcendo as mãos escuras de unhas rosadas, num novo affluxo de lagrimas, que se derramavam pelas rugas negras, explodiu num soluço que a fez pular de desespero:

— Uma branca, a senhora comprehende, mrs. Pelletier, uma branca! Para que uma branca se rebaixe a ponto de casar com um negro, é facil imaginar a vergonha que foi. — LUCIE DELARUE-MARDRUS.

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

EM TODO O BRASIL:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.)...... 48$000
Semestre (26 »)...... 25$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.)...... 70$000
Semestre (26 »)...... 36$000

PARA O ESTRANGEIRO:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.)...... 78$000
Semestre (26 »)...... 40$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.)...... 115$000
Semestre (26 »)...... 60$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

FON - FON

Revista Semanal Illustrada

EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.

Director: SERGIO SILVA

REDACTOR-CHEFE: Gustavo Barroso — THESOUREIRO: Cyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:

62, Rua Republica do Perú, 62

(Antiga Assembléa)

Telephones: Administração: 2 - 4136

Director: 2 - 0377 Caixa Postal: 97

Endereço telegr.: FON - FON

Rio de Janeiro

Toda a correspondencia deve

EMPRESA

FON-FON e SELECTA S/A.

Representante na Europa:

E. Bourdet & Cia. 3, Rua Tronchet, Paris — 19, 31, 25, Ludgate Hill, Londres.

Venda avulsa .... 1$000

Numero atrazado ...... 1$500

Ao levantar-se

V. Sa. desfaz-se da modorra com o primeiro espreguiçamento, ou sente-se prostrado o dia todo?

Eis um symptoma commum de entorpecimento intestinal! Essa paralysação intestinal é prisão de ventre, que precisa ser combatida, para evitar males mais graves. O antiacido-laxante ideal, que abranda o canal digestivo sem o irritar e extermina todos estes symptomas:

PRISÃO DE VENTRE

indigestão, flatulencia, acidez, ardor, vomitos, arrotos agros, gazes, etc.

LEITE DE MAGNESIA DE Phillips

O antiacido-laxante ideal

SE NÃO É PHILLIPS, NÃO É LEGITIMO!

PAUL J. CHRISTOPH COMPANY

Ouvidor, 98 — Rio | S. Bento, 35 — S. Paulo